



MACHADIANA ELETRÔNICA

v. 5, n. 10, jul.-dez. 2022



ISSN 2594-5084

SUMÁRIO

EDITORIAL

Cinco anos.....	11
<i>José Américo Miranda</i>	

TEXTOS APURADOS

Prelúdio.....	15
<i>Machado de Assis</i>	

Visão.....	17
<i>Machado de Assis</i>	

Menina e moça.....	21
<i>Machado de Assis</i>	

No espaço.....	23
<i>Machado de Assis</i>	

Os deuses da Grécia.....	27
<i>Machado de Assis</i>	

Cegonhas e rodovalhos.....	31
<i>Machado de Assis</i>	

A um legista.....	35
<i>Machado de Assis</i>	

Estâncias a Ema.....	37
<i>Machado de Assis</i>	

A morte de Ofélia.....	43
<i>Machado de Assis</i>	

Cantiga do rosto branco.....	45
<i>Machado de Assis</i>	

TEXTOS COM APARATO EDITORIAL

Prelúdio.....	49
<i>Machado de Assis</i>	

Visão.....	53
<i>Machado de Assis</i>	
Menina e moça.....	59
<i>Machado de Assis</i>	
No espaço.....	65
<i>Machado de Assis</i>	
Os deuses da Grécia.....	71
<i>Machado de Assis</i>	
Cegonhas e rodovalhos.....	79
<i>Machado de Assis</i>	
A um legista.....	85
<i>Machado de Assis</i>	
Estâncias a Ema.....	89
<i>Machado de Assis</i>	
A morte de Ofélia.....	99
<i>Machado de Assis</i>	
Cantiga do rosto branco.....	103
<i>Machado de Assis</i>	
OUTRAS EDIÇÕES	
O gênio.....	111
<i>Luís de Alvarenga Peixoto</i>	
Flor e fruto.....	115
<i>Ernesto Cibrão</i>	
ARTIGOS	
Os dois primeiros livros de poesias de Machado de Assis: seus títulos, suas semelhanças e diferenças – interrelações	121
<i>José Américo Miranda</i>	
A poesia excluída de <i>Falenas</i>	141
<i>José Américo Miranda</i>	
Nacionalismo e cosmopolitismo nas <i>Americanas</i> , de Machado de Assis.....	173
<i>José Américo Miranda</i>	
ÍNDICES	
Índices atualizados até o v. 5, n. 10.....	195
<i>José Américo Miranda</i>	

ABREVIATURAS

Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis.....215
José Américo Miranda

ERRATAS

Erratas.....221
José Américo Miranda

EDITORIAL

CINCO ANOS

Há cinco anos começava a *Machadiana Eletrônica*. Escrevemos naquela ocasião (primeiro semestre de 2018) que a ideia da revista “surgiu no âmbito de [uma] pesquisa sobre os poemas que Machado de Assis publicou em seus três primeiros livros de poesias e, posteriormente, excluiu de suas *Poesias completas*.”

No número 5, volume 3, publicado no primeiro semestre de 2020, apareceram, em edições preparadas por nós, os poemas de *Crisálidas* (1864) que foram depois excluídos do livro em sua segunda edição (nas *Poesias completas*).

Agora, ao final do quinto ano de existência da revista, saem, em novas edições, as peças excluídas dos livros *Falenas* (1870) – nove poemas – e *Americanas* (1875) – um poema apenas.

Não foi proposital isto de publicar os últimos poemas excluídos dos três primeiros livros de versos do autor justamente neste número em que a revista completa cinco anos. Simplesmente aconteceu; foi apenas coincidência. De qualquer modo, não deixa de ser interessante o fato de que ao final do quinto ano de existência a *Machadiana* feche o seu primeiro ciclo, que deu origem ao periódico: o ciclo das edições dos poemas que o autor suprimiu de seus três primeiros livros quando preparou a edição de suas *Poesias completas* (1901).

Nesse intervalo, entre 2018 e 2022, a *Machadiana* explorou outros caminhos, para além da obra poética de Machado de Assis (que está na origem de tudo – tanto do periódico como da obra literária do escritor). No número 2, apareceram as crônicas de “A Semana”, do ano de 1894, editadas, anotadas e estudadas por John Gledson; no número 3, tivemos a colaboração especial da profa. Letícia Malard, com pensamentos do autor reunidos e organizados cronologicamente por ela; no número 4, iniciamos um caminho novo com a edição do ensaio “A nova geração”; no número 5, vieram os

poemas excluídos de *Crisálidas* (1864); no número 6, as crônicas da pequena série “A + B”; no número 7, a primeira incursão nos contos do autor, com a edição de “O espelho”; no número 8, ainda em aberto, as crônicas de “A Semana”, dos primeiros 11 meses de 1895, também editadas, anotadas e comentadas por John Gledson; no número 9, anterior a este, a primeira incursão no teatro machadiano, com edições de *Os deuses de casaca*, “Uma ode de Anacreonte” (poema dramático que saiu em *Falenas*), e “Antes da missa”, cena dramática publicada no rodapé de *O Cruzeiro*, em 1878.

O próximo passo, nossa ambição, consistirá na edição das *Poesias completas*, tal como o autor as fez publicar em 1901.

Nesse tempo – falo do transcorrido até agora –, contamos com a colaboração, especialmente, de Alex Sander Luiz Campos, Gracinéa I. Oliveira, Gilson Santos (os três na editoria da *Machadiana* e na preparação de muitas das edições até agora publicadas); John Gledson, Letícia Malard e Nilton de Paiva Pinto.

Quanto ao futuro, temos nele a esperança de aprimoramento dos procedimentos editoriais e de que se alcance uma visão (renovada?) da obra admirável do nosso grande escritor.

José Américo Miranda
Editor
Vitória, 8 de agosto de 2022.

TEXTOS APURADOS

PRELÚDIO

... land of dreams.
... land of song.
LONGFELLOW

Lembra-te a ingênua moça, imagem da poesia,
Que a André Roswein amou, e que implorava um dia,
Como infalível cura à sua mágoa estranha,
Uma simples jornada às terras da Alemanha?
O poeta é assim: tem, para a dor e o tédio,
Um refúgio tranquilo, um suave remédio:
És tu, casta poesia, ó terra pura e santa!
Quando a alma padece, a lira exorta e canta;
E a musa que, sorrindo, os seus bálsamos verte,
Cada lágrima nossa em pérola converte.

Longe daquele asilo, o espírito se abate;
A existência parece um frívolo combate,
Um eterno ansiar por bens que o tempo leva,
Flor que resvala ao mar, luz que se esvai na treva,
Pelejas sem ardor, vitórias sem conquista!
Mas, quando o nosso olhar os páramos avista,
Onde o peito respira o ar sereno e agreste,
Transforma-se o viver. Então, à voz celeste,
Acalma-se a tristeza; a dor se abrande e cala;
Canta a alma e suspira; o amor vem resgatá-la;
O amor, gota de luz do olhar de Deus caída,
Rosa branca do céu, perfume, alento, vida.
Palpita o coração já crente, já desperto;
Povoa-se num dia o que era agro deserto;
Fala dentro de nós uma boca invisível;
Esquece-se o real e palpa-se o impossível.
A outra terra era má, o meu país é este;
Este o meu céu azul.

Se um dia padeceste
Aquele dor profunda, aquele ansiar sem termo
Que leva o tédio e a morte ao coração enfermo; →

Se queres mão que enxugue as lágrimas austeras,
Se te apraz ir viver de eternas primaveras,
Ó alma de poeta, ó alma de harmonia,
Volve às terras da musa, às terras da poesia!

Tens, para atravessar a azul imensidade,
Duas asas do céu: a esperança e a saudade.
Uma vem do passado, outra cai do futuro;
Com elas voa a alma e paira no éter puro,
Com elas vai curar a sua mágoa estranha.

A terra da poesia é a nossa Alemanha.

MACHADO DE ASSIS

[*Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870]. p. 11-13.]

Editor: José Américo Miranda.

VISÃO

A LUÍS DE ALVARENGA PEIXOTO

Vi de um lado o Calvário, e do outro lado
O Capitólio, o templo-cidadela.
E torvo mar entre ambos agitado,
Como se agita o mar numa procela.

Pousou no Capitólio uma águia; vinha
Cansada de voar.
Cheia de sangue as longas asas tinha;
Pousou; quis descansar.

Era a águia romana, a águia de Quirino;
A mesma que, arrancando as chaves ao destino,
As portas do futuro abriu de par em par.
A mesma que, deixando o ninho áspero e rude,
Fez do templo da força o templo da virtude,
E lançou, como emblema, a espada sobre o altar.

Então, como se um deus lhe habitasse as entranhas,
A vitória empolgou, venceu raças estranhas,
Fez de várias nações um só domínio seu.
Era-lhe o grito agudo um tremendo rebate.
Se caía, perdendo acaso um só combate,
Punha as asas no chão e remontava Anteu.

Vezes três, respirando a morte, o sangue, o estrago,
Saiu, lutou, caiu, ergueu-se... e jaz Cartago;
É ruína; é memória; é túmulo. Transpõe,
Impetuosa e audaz, os vales e as montanhas.
Lança a férrea cadeia ao colo das Espanhas.
Gália vence; e o grilhão a toda Itália põe.

Terras d'Ásia invadiu, águas bebeu do Eufrates,
Nem tu mesma fugiste à sorte dos combates,
Grécia, mãe do saber. Mas que pode o opressor,
Quando o gênio sorriu no berço de uma serva?
Palas despe a couraça e veste de Minerva;
Faz-se mestra a cativa; abre escola ao senhor.

Agora, já cansada e respirando a custo,
Desce; vem repousar no monumento augusto.
Gotejam-lhe inda sangue as asas colossais.
A sombra do terror assoma-lhe à pupila.
Vem tocada das mãos de César e de Sila.
Vê quebrar-se-lhe a força aos vínculos mortais.

Dum lado e de outro lado, azulam-se
Os vastos horizontes;
Vida ressurge esplêndida
Por toda a criação.
Luz nova, luz magnífica
Os vales enche e os montes...
E além, sobre o Calvário,
Que assombro! que visão!

Fitei o olhar. Do píncaro
Da colossal montanha
Surge uma pomba, e plácida
Asas no espaço abriu.
Os ares rompe, embebe-se
No éter de luz estranha:
Olha-a minha alma atônita
Dos céus a que subiu.

Emblema audaz e lúgubre,
Da força e do combate,
A águia no Capitólio
As asas abateu.
Mas voa a pomba, símbolo
Do amor e do resgate,
Santo e apertado vínculo
Que a terra prende ao céu.

Depois... Às mãos de bárbaros,
Na terra em que nascera,
Após sangrentos séculos,
A águia expirou; e então
Desceu a pomba cândida
Que marca a nova era,
Pousou no Capitólio,
Já berço, já cristão.

MACHADO DE ASSIS

[*Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870]. p. 31-34.]

Editor: José Américo Miranda.

MENINA E MOÇA

A ERNESTO CIBRÃO

Está naquela idade inquieta e duvidosa,
Que não é dia claro e é já o alvorecer;
Entreaberto botão, entrefechada rosa,
Um pouco de menina e um pouco de mulher.

Às vezes recatada, outras estouvadinha,
Casa no mesmo gesto a loucura e o pudor;
Tem cousas de criança e modos de mocinha,
Estuda o catequismo e lê versos de amor.

Outras vezes valsando, o seio lhe palpita,
De cansaço talvez, talvez de comoção.
Quando a boca vermelha os lábios abre e agita,
Não sei se pede um beijo ou faz uma oração.

Outras vezes beijando a boneca enfeitada,
Olha furtivamente o primo que sorri;
E se corre parece, à brisa enamorada,
Abrir asas de um anjo e tranças de uma huri.

Quando a sala atravessa, é raro que não lance
Os olhos para o espelho; e raro que ao deitar
Não leia, um quarto de hora, as folhas de um romance
Em que a dama conjugue o eterno verbo amar.

Tem na alcova em que dorme, e descansa de dia,
A cama da boneca ao pé do toucador;
Quando sonha, repete, em santa companhia,
Os livros do colégio e o nome de um doutor.

Alegra-se em ouvindo os compassos da orquestra;
E quando entra num baile, é já dama do tom;
Compensa-lhe a modista os enfados da mestra;
Tem respeito à Geslin, mas adora a Dazon.

Dos cuidados da vida o mais tristonho e acerbo
Para ela é o estudo, excetuando talvez
A lição de sintaxe em que combina o verbo
To love, mas sorrindo ao professor de inglês.

Quantas vezes, porém, fitando o olhar no espaço,
Parece acompanhar uma etérea visão;
Quantas cruzando ao seio o delicado braço
Comprime as pulsações do inquieto coração!

Ah! se nesse momento alucinado, fores
Cair-lhe aos pés, confiar-lhe uma esperança vã,
Hás de vê-la zombar dos teus tristes amores,
Rir da tua aventura e contá-la à mamã.

É que esta criatura, adorável, divina,
Nem se pode explicar, nem se pode entender:
Procura-se a mulher e encontra-se a menina,
Quer-se ver a menina e encontra-se a mulher!

MACHADO DE ASSIS

[*Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870]. p. 49-51.]

Editor: José Américo Miranda.

NO ESPAÇO

Il n'y a qu'une sorte d'amour, mais
il y en a mille différentes copies.
LA ROCHEFOUCAULD

Rompendo o último laço
Que ainda à terra as prendia,
Encontraram-se no espaço
Duas almas. Parecia
Que o destino as convocara
Para aquela mesma hora;
E livres, livres agora,
Correm a estrada do céu,
Vão ver a divina face:
Uma era a de Lovelace,
Era a outra a de Romeu.

Voavam... porém, voando
Falavam ambas. E o céu
Ia as vozes escutando
Das duas almas. Romeu
De Lovelace indagava
Que fizera nesta vida
E que saudades levava.

“Eu amei... mas quantas, quantas,
E como, e como não sei;
Não seria o amor mais puro,
Mas o certo é que as amei.
Se era tão fundo e tão vasto
O meu pobre coração!
Cada dia era uma glória,
Cada hora uma paixão.
Amei todas; e na história
Dos amores que senti
Nenhuma daquelas belas
Deixou de escrever por si.

“Nem a patrícia de Helena,
De verde mirto c’roadada,
Nascida como açucena
Pelos zéfiros beijada,
Aos brandos raios da lua,
À voz das ninfas do mar,
Trança loura, espádua nua,
Calma fronte e calmo olhar.

“Nem a beleza latina,
Nervosa, ardente, robusta,
Levantando a voz augusta
Pela margem peregrina,

Onde do eco em seus lamentos,
Por virtude soberana,
Repete a todos os ventos
A nota virgiliana.

“Nem a doce, aérea inglesa,
Que os ventos frios do norte
Fizeram fria de morte,
Mas divina de beleza.

“Nem a ardente castelhana,
Corada ao sol de Madrid,
Beleza tão soberana,
Tão despótica no amor,
Que troca os troféus de um Cid
Pelo olhar de um trovador.

“Nem a virgem pensativa
Que às margens do velho Reno,
Como a pura sensitiva
Vive das auras do céu
E murcha ao mais leve aceno
De mãos humanas; tão pura
Como aquela Margarida
Que a Fausto um dia encontrou.

“E muitas mais, e amei todas,
Todas minha alma encerrou.
Foi essa a minha virtude,
Era esse o meu condão.
Que importava a latitude?
Era o mesmo coração,
Os mesmos lábios, o mesmo →

Arder na chama fatal...
Amei a todas e a esmo.”

Lovelace concluía;
Entravam ambos no céu;
E o Senhor que tudo ouvira,
Voltou os olhos imensos
Para a alma de Romeu:
“E tu? – Eu amei na vida
Uma só vez, e subi
Daquela cruenta lida,
Senhor, a acolher-me em ti.”
Das duas almas, a pura,
A formosa, olhando em face
A divindade ficou;
E a alma de Lovelace
De novo à terra baixou.

Daqui vem que a terra conta,
Por um decreto do céu,
Cem Lovelaces num dia
E em cem anos um Romeu.

MACHADO DE ASSIS

[*Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870]. p. 59-63.]

Editor: José Américo Miranda.

OS DEUSES DA GRÉCIA

(Schiller)

Quando, coos ténues vínculos de gozo,
Ó Vênus de Amatonte, governavas
Felices raças, encantados povos
 Dos fabulosos tempos;

Quando fulgia a pompa do teu culto,
E o templo ornavam delicadas rosas,
Ai! quão diverso o mundo apresentava
 A face aberta em risos!

Na poesia envolvia-se a verdade;
Plena vida gozava a terra inteira;
E o que jamais hão de sentir na vida
 Então sentiam homens.

Lei era repousar no amor; os olhos
Nos namorados olhos se encontravam;
Espalhava-se em toda a natureza
 Um vestígio divino.

Onde hoje dizem que se prende um globo
Cheio de fogo, – outrora conduzia
Hélios o carro de ouro, e os fustigados
 Cavalos espumantes.

Povoavam Oréades os montes,
No arvoredado Doríades viviam,
E agreste espuma despejava em flocos
 A urna das Danaides.

Refúgio de uma ninfa era o loureiro;
Tantália moça as rochas habitava;
Suspiravam no arbusto e no caniço
 Sirinx, Filomela.

Cada ribeiro as lágrimas colhia
De Ceres pela esquiva Persefone;
E do outeiro chamava inutilmente
Vênus o amado amante.

Entre as raças que o pio tessaliano
Das pedras arrancou, – os deuses vinham;
Por cativar uns namorados olhos
Apolo pastoreava.

Vínculo brando então o amor lançava
Entre os homens, heróis e os deuses todos;
Eterno culto ao teu poder rendiam,
Ó deusa de Amatonte!

Jejuns austeros, torva gravidade
Banidos eram dos festivos templos;
Que os venturosos deuses só amavam
Os ânimos alegres.

Só a beleza era sagrada outrora;
Quando a pudica Tiêmone mandava,
Nenhum dos gozos que o mortal respira
Envergonhava os deuses.

Eram ricos palácios vossos templos;
Lutas de heróis, festins e o carro e a ode,
Eram da raça humana aos deuses vivos
A jocunda homenagem.

Saltava a dança alegre em torno a altares;
Louros c'roavam numes; e as capelas
De abertas, frescas rosas, lhes cingiam
A fronte perfumada.

Anunciava o galhofeiro Baco
O tírso de Evoé; sátiros fulvos
Iam tripudiando em seu caminho;
Iam bailando as Mênades.

A dança revelava o ardor do vinho;
De mão em mão corria a taça ardente,
Pois que ao fervor dos ânimos convida
A face rubra do hóspede.

Nenhum espectro hediondo ia sentar-se
Ao pé do moribundo. O extremo alento
Escapava num ósculo, e voltava
Um gênio a tocha extinta.

E além da vida, nos infernos, era
Um filho de mortal quem sustentava
A severa balança; e coa voz pia
Vate ameigava as Fúrias.

Nos Elísios o amigo achava o amigo;
Fiel esposa ia encontrar o esposo;
No perdido caminho o carro entrava
Do destro automedonte.

Continuava o poeta o antigo canto;
Admeto achava os ósculos de Alceste;
Reconhecia Pílades o sócio,
E o rei tessálio as flechas.

Nobre prêmio o valor retribuía
Do que andava nas sendas da virtude;
Ações dignas do céu, filhas dos homens,
O céu tinham por paga.

Inclinavam-se os deuses ante aquele
Que ia buscar-lhe algum mortal extinto;
E os gêmeos lá no Olimpo alumiam
O caminho ao piloto.

Onde és, mundo de risos e prazeres?
Por que não volves, florescente idade?
Só as musas conservam os teus divinos
Vestígios fabulosos.

Tristes e mudos vejo os campos todos;
Nenhuma divindade aos olhos surge;
Dessas imagens vivas e formosas
Só a sombra nos resta.

Do norte ao sopro frio e melancólico,
Uma por uma, as flores se esfolharam;
E desse mundo rútilo e divino
Outro colheu despojos.

Os astros interrogo com tristeza,
Selene, e não te encontro; à selva falo,
Falo à vaga do mar, e à vaga, e à selva,
Inúteis vozes mando.

Da antiga divindade despojada,
Sem conhecer os êxtases que inspira,
Desse esplendor que eterno a fronte lhe orna
Não sabe a natureza.

Nada sente, não goza do meu gozo;
Insensível à força com que impera,
O pêndulo parece condenado
Às frias leis que o regem.

Para se renovar, abre hoje a campa,
Foram-se os numes ao país dos vates;
Das roupas infantis despida, a terra
Inúteis os rejeita.

Foram-se os numes, foram-se; levaram
Consigo o belo, e o grande, e as vivas cores,
Tudo que outrora a vida alimentava,
Tudo que é hoje extinto.

Ao dilúvio dos tempos escapando,
Nos recessos do Pindo se entranharam:
O que sofreu na vida eterna morte,
Imortalize a musa!

MACHADO DE ASSIS
[*Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870]. p. 65-71.]
Editor: José Américo Miranda.

CEGONHAS E RODOVALHOS

(A ANÍSIO SEMPRÔNIO RUFO)

(BOUILHET)

Salve, rei dos mortais, Semprônio invicto,
Tu que estreaste nas romanas mesas
O rodovalho fresco e a saborosa
 Pedirrubra cegonha!
Desentranhando os mármore de Frígia,
Ou já rompendo ao bronze o escuro seio,
Justo era que mandasse a mão do artista
 Teu nobre rosto aos evos.

Porque fosses maior aos olhos pasmos
Das nações do Universo, ó pai dos molhos,
Ó pai das comezainas, em criar-te
 Teu século esfalfou-se.
A tua vinda ao mundo prepararam
Os destinos, e acaso amiga estrela
Ao primeiro vagido de teus lábios
 Entre nuvens luzia.

Antes de ti, no seu vulgar instinto,
Que comiam Romanos? Carne insossa
Dos seus rebanhos vis, e uns pobres frutos,
 Pasto bem digno deles;
A escudela de pau outrora ornava,
Com o saleiro antigo, a mesa rústica,
A mesa em que, três séculos contados,
 Comeram senadores.

E quando, por salvar a pátria em risco,
Os velhos se ajuntavam, quantas vezes
O cheiro do alho enchia a antiga cúria,
 O pórtico sombrio, →

Onde vencidos reis o chão beijavam;
Quantas, deixando em meio a malcozida,
A sensabor chanfana, iam de um salto
 À conquista do mundo!

Ao voltar dos combates, vencedores,
Carga de glória a nau trazia ao porto,
Reis vencidos, tetrarcas subjugados,
 E rasgadas bandeiras...
Iludiam-se os míseros! Bem hajas,
Bem hajas tu, grande homem, que trouxeste
Na tua ovante barca à ingrata Roma
 Cegonhas, rodovalhos!

Maior que esse marujo que estripava,
Coo rijo arpéu, as naus cartaginesas,
Tu, Semprônio, coas redes apanhavas
 Ouriçado marisco;
Tu, glutão vencedor, cingida a fronte
Coo verde mirto, a terra percorreste,
Por encontrar os fartos, os gulosos
 Ninhos de finos pássaros.

Roma desconheceu teu gênio, ó Rufo!
Dizem até (vergonha!) que negara
Aos teimosos desejos que nutrias
 O voto da pretura.
Mas a ti, que te importa a voz da turba?
Efêmero rumor que o vento leva
Como a vaga do mar. Não, não raiaram
 Os teus melhores dias.

Virão, quando aspirar a invicta Roma
As preguiçosas brisas do oriente;
Quando coa mitra d'ouro, o descorado,
 O cidadão romano,
Pelo foro arrastar o tardo passo
E sacudir da toga roçagante,
Às virações os tépidos perfumes
 Como um sátrapa assírio.

Virão, virão, quando na escura noite
A orgia imperial encher o espaço
De viva luz, e embalsamar as ondas
 Com os seus bafos quentes; →

Então do sono acordarás, e a sombra,
A tua sacra sombra irá pairando
Ao ruído das músicas noturnas
Nas rochas de Capreia.

Ó mártir dos festins! Queres vingança?
Tê-la-ás e à farta, à tua grã memória;
Vinga-te o luxo que domina a Itália;
Ressurgirás ovante
Ao dia em que na mesa dos Romanos
Vier pompear o javali silvestre,
Prato a que der os finos molhos Troia
E rouxinol as línguas.

MACHADO DE ASSIS

[*Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870]. p. 79-83.]

Editor: José Américo Miranda.

A UM LEGISTA

Tu foges à cidade?
Feliz amigo! Vão
Contigo a liberdade,
A vida e o coração.

A estância que te espera
É feita para o amor
Do sol coa primavera,
No seio de uma flor.

Do paço de verdura
Transpõe-me esses umbrais;
Contempla a arquitetura
Dos verdes palmeirais.

Esquece o ardor funesto
Da vida cortesã;
Mais val que o teu Digesto
A rosa da manhã.

Rosa... que se enamora
Do amante colibri,
E desde a luz da aurora
Os seios lhe abre e ri.

Mas Zéfiro brejeiro
Opõe ao beija-flor
Embargos de terceiro
Senhor e possuidor.

Quer este possuí-la,
Também o outro a quer.
A pobre flor vacila,
Não sabe a que atender.

O sol, juiz tão grave
Como o melhor doutor,
Condena a brisa e a ave
Aos ósculos da flor.

Zéfiro ouve e apela.
Apela o colibri.
No entanto a flor singela
Com ambos folga e ri.

Tal a formosa dama
Entre dous fogos, quer
Aproveitar a chama...
Rosa, tu és mulher!

Respira aqueles ares,
Amigo. Deita ao chão
Os tédios e os pesares.
Revive. O coração

É como o passarinho,
Que deixa sem cessar
A maciez do ninho
Pela amplidão do ar.

Pudesse eu ir contigo,
Gozar contigo a luz;
Sorver ao pé do amigo
Vida melhor e a flux!

Ir escrever nos campos,
Nas folhas dos rosais,
E à luz dos pirilampos,
Ó Flora, os teus jornais!

Da estrela que mais brilha
Tirar um raio, e então
Fazer a *gazetilha*
Da imensa solidão.

Vai tu que podes. Deixa
Os que não podem ir,
Soltar a inútil queixa,
Mudar é reflorir.

MACHADO DE ASSIS
[*Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870]. p. 85-88.]
Editor: José Américo Miranda.

ESTÂNCIAS A EMA

(ALEX. DUMAS FILHO)

I

Sáimos, ela e eu, dentro de um carro,
Um ao outro abraçados; e como era
Triste e sombria a natureza em torno,
Ia conosco a eterna primavera.

No cocheiro fiávamos a sorte
Daquele dia, o carro nos levava
Sem ponto fixo onde aprovesse ao homem;
Nosso destino em suas mãos estava.

Quadrava-lhe Saint-Cloud. Eia! pois vamos!
É um sítio de luz, de aroma e riso.
Demais, se as nossas almas conversavam,
Onde estivessem era o paraíso.

Fomos descer junto ao portão do parque.
Era deserto e triste e mudo; o vento
Rolava nuvens cor de cinza; estavam
Seco o arbusto, o caminho lamacento.

Rimo-nos tanto, vendo-te, ó formosa,
(E felizmente ninguém mais te via!)
Arregaçar a ponta do vestido
Que o lindo pé e a meia descobria!

Tinhas o gracioso acanhamento
Da fidalga gentil pisando a rua;
Desafeita ao andar, teu passo incerto
Deixava conhecer a raça tua.

Uma das tuas mãos alevantava
O vestido de seda; as saias finas
Iam mostrando as rendas e os bordados,
Lambendo o chão, molhando-te as botinas.

Mergulhavam teus pés a cada instante,
Como se o chão quisesse ali guardá-los.
E que afã! Mal podíamos nós ambos
Da cobiçosa terra libertá-los.

Doce passeio aquele! E como é belo
O amor no bosque, em tarde tão sombria!
Tinhas os olhos úmidos, – e a face
A rajada do inverno enrubescia.

Era mais belo que a estação das flores;
Nenhum olhar nos espreitava ali;
Nosso era o parque, unicamente nosso;
Ninguém! estava eu só ao pé de ti!

Perlustramos as longas avenidas
Que o horizonte cinzento limitava,
Sem mesmo ver as deusas conhecidas
Que o arvoredo sem folhas abrigava.

O tanque, onde nadava um níveo cisne
Placidamente, – o passo nos deteve;
Era a face do lago uma esmeralda
Que refletia o cisne alvo de neve.

Veio este a nós, e como que pedia
Alguma cousa, uma migalha apenas;
Nada tinhas que dar; a ave arrufada
Foi-se cortando as águas tão serenas.

E nadando parou junto ao repuxo
Que de água viva aquele tanque enchia;
O murmúrio das gotas que tombavam
Era o único som que ali se ouvia.

Lá ficamos tão juntos um do outro,
Olhando o cisne e escutando as águas;
Vinha a noite; a sombria cor do bosque
Emoldurava as nossas próprias mágoas.

Num pedestal, onde outras frases ternas,
A mão de outros amantes escreveu,
Fui traçar, meu amor, aquela data
E junto dela pôr o nome teu!

Quando o estio volver àquelas árvores,
E à sombra delas for a gente a flux,
E o tanque refletir as folhas novas,
E o parque encher-se de murmúrio e luz,

Irei um dia, na estação das flores,
Ver a coluna onde escrevi teu nome,
O doce nome que minha alma prende,
E que o tempo, quem sabe? já consome!

Onde estarás então? Talvez bem longe,
Separada de mim, triste e sombrio;
Talvez tenhas seguido a alegre estrada,
Dando-me áspero inverno em pleno estio.

Porque o inverno não é o frio e o vento,
Nem a erma alameda que ontem vi;
O inverno é o coração sem luz, nem flores,
É o que eu hei de ser longe de ti!

II

Correu um ano desde aquele dia
Em que fomos ao bosque, um ano, sim!
Eu já previa o fúnebre desfecho
Desse tempo feliz, – triste de mim!

O nosso amor nem viu nascer as flores;
Mal aquecia um raio de verão;
Para sempre, talvez, das nossas almas
Começou a cruel separação.

Vi esta primavera em longes terras,
Tão ermo de esperanças e de amores,
Olhos fitos na estrada, onde esperava
Ver-te chegar, como a estação das flores.

Quanta vez meu olhar sondou a estrada
Que entre espesso arvoredado se perdia,
Menos triste, inda assim, menos escuro
Que a dúvida cruel que me seguia!

Que valia esse sol abrindo as plantas
E despertando o sono das campinas?
Inda mais altas que as searas louras,
Que valiam as flores peregrinas?

De que servia o aroma dos outeiros?
E o canto matinal dos passarinhos?
Que me importava a mim o arfar da terra,
E nas moutas em flor os verdes ninhos?

O sol que enche de luz a longa estrada,
Se me não traz o que minh'alma espera,
Pode apagar seus raios sedutores:
Não é o sol, não é a primavera!

Margaridas, caí, morrei nos campos,
Perdei o viço e as delicadas cores;
Se ela vos não aspira o hálito brando,
Já o verão não sois, já não sois flores!

Prefiro o inverno desfolhado e mudo,
O velho inverno, cujo olhar sombrio
Mal se derrama nas cerradas trevas,
E vai morrer no espaço úmido e frio.

É esse o sol das almas desgraçadas;
Venha o inverno, somos tão amigos!
Nossas tristezas são irmãs em tudo:
Temos ambos o frio dos jazigos!

Contra o sol, contra Deus, assim falava
Dês que assomavam matinais albores;
Eu aguardava as tuas doces letras
Com que ao céu perdoasse as belas cores!

Iam assim, um após outro, os dias.
Nada. – E aquele horizonte tão fechado
Nem deixava chegar aos meus ouvidos
O eco longínquo do teu nome amado.

Só, durante seis meses, dia e noite
Chamei por ti na minha angústia extrema;
A sombra era mais densa a cada passo,
E eu murmurava sempre: – Oh! minha Ema!

Um quarto de papel – é pouca cousa;
Quatro linhas escritas – não é nada;
Quem não quer escrever colhe uma rosa,
No vale aberta, à luz da madrugada.

Mandam-se as folhas num papel fechado;
E o proscrito, ansiando de esperança,
Pode entreabrir nos lábios um sorriso
Vendo naquilo uma fiel lembrança.

Era fácil fazê-lo e não fizeste!
Meus dias eram mais desesperados.
Meu pobre coração ia secando
Como esses frutos no verão guardados.

Hoje, se o comprimissem, mal deitava
Uma gota de sangue; nada encerra.
Era uma taça cheia: uma criança,
De estouvada que foi, deitou-a em terra!

É este o mesmo tempo, o mesmo dia.
Vai o ano tocando quase ao fim;
É esta a hora em que, formosa e terna,
Conversavas de amor, junto de mim.

O mesmo aspecto: as ruas estão ermas,
A neve coalha o lago preguiçoso;
O arvoredo gastou as roupas verdes,
E nada o cisne triste e silencioso.

Vejo ainda no mármore o teu nome,
Escrito quando ali comigo andaste.
Vamos! Sonhei, foi um delírio apenas,
Era um louco, tu não me abandonaste!

O carro espera: vamos. Outro dia,
Se houver bom tempo, voltaremos, não?
Corre este véu sobre teus olhos lindos,
Olha não caias, dá-me a tua mão!

Choveu: a chuva umedeceu a terra.
Anda! Ai de mim! Em vão minh'alma espera.
Estas folhas que eu piso em chão deserto
São as folhas da outra primavera!

Não, não estás aqui, chamo-te embalde!
Era ainda uma última ilusão.
Tão longe desse amor fui inda o mesmo,
E vivi dous invernos sem verão.

Porque o verão não é aquele tempo
De vida e de calor que eu não vivi;
É a alma entornando a luz e as flores,
É o que hei de ser ao pé de ti!

MACHADO DE ASSIS

[*Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870]. p. 91-100.]

Editor: José Américo Miranda.

A MORTE DE OFÉLIA

(PARÁFRASE)

Junto ao plácido rio
Que entre margens de relva e fina areia
Murmura e serpenteia,
O tronco se levanta,
O tronco melancólico e sombrio
De um salgueiro. Uma fresca e branda aragem
Ali suspira e canta,
Abraçando-se à trêmula folhagem
Que se espelha na onda voluptuosa.
Ali a desditosa,
A triste Ofélia foi sentar-se um dia.
Enchiam-lhe o regaço umas capelas
Por suas mãos tecidas
De várias flores belas,
Pálidas margaridas,
E rainúnculos, e essas outras flores
A que dá feio nome o povo rude,
E a casta juventude
Chama – dedos-da-morte. – O olhar celeste
Alevantando aos ramos do salgueiro,
Quis ali pendurar a ofrenda agreste.
Num galho traiçoeiro
Firmara os lindos pés, e já seu braço,
Os ramos alcançando,
Ia depor a ofrenda peregrina
De suas flores, quando
Rompendo o apoio escasso,
A pálida menina
Nas águas resvalou; foram com ela
Os seus – dedos-da-morte – e as margaridas.
As vestes estendidas
Algum tempo a tiveram sobre as águas,
Como sereia bela,
Que abraça ternamente a onda amiga. →

Então, abrindo a voz harmoniosa,
Não por chorar as suas fundas mágoas,
Mas por soltar a nota deliciosa
 De uma canção antiga,
 A pobre naufragada
De alegres sons enchia os ares tristes,
Como se ali não visse a sepultura,
 Ou fosse ali criada.
Mas de súbito as roupas embebidas
 Da linfa calma e pura
Levam-lhe o corpo ao fundo da corrente,
Cortando-lhe no lábio a voz e o canto.
 As águas homicidas,
Como a laje de um túmulo recente,
 Fecharam-se; e sobre elas,
Triste emblema de dor e de saudade,
Foram nadando as últimas capelas.

MACHADO DE ASSIS

[*Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870]. p. 103-105.]

Editor: José Américo Miranda.

CANTIGA DO ROSTO BRANCO

Rico era o rosto branco; armas trazia,
E o licor que devora e as finas telas;
Na gentil Tibeíma os olhos pousa,
E amou a flor das belas.

“Quero-te!” disse à cortesã da aldeia;
“Quando, junto de ti, teus olhos miro,
A vista se me turva, as forças perco,
E quase, e quase expiro.”

E responde a morena requebrando
Um olhar doce, de cobiça cheio:
“Deixa em teus lábios imprimir meu nome;
Aperta-me em teu seio!”

Uma cabana levantaram ambos,
O rosto branco e a amada flor das belas...
Mas as riquezas foram-se coo tempo,
E as ilusões com elas.

Quando ele empobreceu, a amada moça
Noutros lábios pousou seus lábios frios,
E foi ouvir de coração estranho
Alheios desvarios.

Desta infidelidade o rosto branco
Triste nova colheu; mas ele amava,
Inda infiéis, aqueles lábios doces,
E tudo perdoava.

Perdoava-lhe tudo, e inda corria
A mendigar o grão de porta em porta,
Com que a moça nutrisse, em cujo peito
Jazia a afeição morta.

E para si, para afogar a mágoa,
Se um pouco havia do licor ardente,
A dor que o devorava e renascia
Matava lentamente.

Sempre traído, mas amando sempre,
Ele a razão perdeu; foge à cabana,
E vai correr na solidão do bosque
Uma carreira insana.

O famoso Sachém, ancião da tribo,
Vendo aquela traição e aquela pena,
À ingrata filha duramente fala,
E ríspido a condena.

Em vão! É duro o fruto da papaia,
Que o lábio do homem acha doce e puro;
Coração de mulher que já não ama
Esse é inda mais duro.

Nu, qual saíra do materno ventre,
Olhos cavos, a barba emaranhada,
O mísero tornou, e ao próprio teto
Veio pedir pousada.

Volvido se cuidava à flor da infância
(Tão escuro trazia o pensamento!)
“Mãe!” exclamava contemplando a moça,
“Acolhe-me um momento!”

Vinha faminto. Tibeíma, entanto,
Que já de outro guerreiro os dons houvera,
Sentiu asco daquele que outro tempo
As riquezas lhe dera.

Fora o lançou; e ele expirou gemendo
Sobre folhas deitado junto à porta;
Anos volveram; coos volvidos anos,
Tibeíma era morta.

Quem ali passa, contemplando os restos
Da cabana, que a erva toda esconde,
Que ruínas são essas interroga
E ninguém lhe responde.

MACHADO DE ASSIS

[*Americanas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1875. p. 137-140.]

Editor: José Américo Miranda.

**TEXTOS COM APARATO
EDITORIAL**

PRELÚDIO*

... land of dreams.
... land of song.¹
LONGFELLOW

Lembra-te a ingênua moça, imagem da poesia,
Que a André Roswein² amou, e que implorava um dia,
Como infalível cura à sua mágoa estranha,
Uma simples jornada às terras da Alemanha?³
5 O poeta é assim: tem, para a dor e o tédio,
Um refúgio tranquilo, um suave remédio:⁴
És tu, casta poesia, ó terra pura e santa!
Quando a alma padece, a lira exorta e canta;
E a musa que, sorrindo, os seus bálsamos verte,
10 Cada lágrima nossa em pérola converte.⁵

Longe daquele asilo, o espírito se abate;
A existência parece um frívolo combate,
Um eterno ansiar por bens que o tempo leva,
Flor que resvala ao mar, luz que se esvai na treva, →

* Esta edição do poema “Prelúdio” foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: FAL1870 (p. 11-13), PC1937 (p. 193-194), PC1953 (p. 215-216), OCA1959 (v. III, p. 221-222), PCEC1976 (p. 314-315), OCA1994 (v. III, p. 207-208), TPCL (p. 93-94), PCRR (p. 335-336) e OCA2015 (v. 3, p. 633-634). Texto-base: FAL1870. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda.

¹ ... land of dreams. / ... land of song.] ...*land of dreams...* / ...*land of song.* – em PC1953; ...land of dreams... / land of song. – em PCEC1976. A epígrafe vem como no texto-base, porém em itálico, em PC1937, em OCA1959, em OCA1994, em TPCL, em PCRR e OCA2015. Palavras do poema “Prelude”, de Henry Wadsworth Longfellow: “And, loving still these quaint old themes, / Even in the city’s throng / I feel the freshness of the streams, / That, crossed by shades and sunny gleams, / Water the green land of dreams, / The holy land of song.” (LONGFELLOW, 1866, p. 10 – Machado de Assis possuía esta edição em sua biblioteca. Cf. MASSA, 2001, p. 68)

² André Roswein é personagem do drama *Dalila*, de Octave Feuillet, citado diversas vezes por Machado de Assis em sua obra. A moça que o ama é filha de um professor de música que reside na Itália, mas de origem alemã. A peça, representada no Rio de Janeiro em adaptação de Antônio de Serpa, foi objeto de crítica por Machado de Assis no *Diário do Rio de Janeiro*, em 13 de abril de 1860. Cf. ASSIS, 2008a, p. 228-234.

³ Em FAL1870 falta o ponto de interrogação.

⁴ Em FAL1870 e em PC1937 faltam os dois-pontos.

⁵ Em OCA1959 e em OCA1994 não há separação de estrofes entre este verso e o seguinte.

- 15 Pelejas sem ardor, vitórias sem conquista!
Mas, quando o nosso olhar os páramos avista,⁶
Onde o peito respira o ar sereno e agreste,
Transforma-se o viver. Então,⁷ à voz celeste,
Acalma-se a tristeza; a dor se abranda e cala;
20 Canta a alma e suspira; o amor vem resgatá-la;
O amor, gota de luz do olhar de Deus caída,
Rosa branca do céu, perfume, alento, vida.⁸
Palpita o coração já crente, já desperto;
Povoa-se num dia o que era agro deserto;⁹
25 Fala dentro de nós uma boca invisível;
Esquece-se o real e palpa-se o impossível.
A outra terra era má, o meu país é este;
Este o meu céu azul.¹⁰
- Se um dia padeceste
- Aquela dor profunda, aquele ansiar sem termo
30 Que leva o tédio¹¹ e a morte ao coração enfermo;
Se queres mão que enxugue as lágrimas austeras,
Se te apraz ir viver de eternas primaveras,
Ó alma de poeta, ó alma de harmonia,
Volve às terras da musa, às terras da poesia!¹²
- 35 Tens, para atravessar a azul imensidade,
Duas asas do céu:¹³ a esperança e a saudade.
Uma vem do passado, outra cai do futuro;
Com elas voa a alma e paira no éter puro,
Com elas vai curar a sua mágoa estranha.
- 40 A terra da poesia é a nossa Alemanha.¹⁴

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

FAL1870 – *Falenas*, 1870.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

⁶ avista,] avista – em OCA1994.

⁷ Então,] Então – em PC1937, em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

⁸ vida,] vida, – em TPCL.

⁹ Em OCA1994, falta este verso.

¹⁰ azul,] azul, – em PCEC1976 e em TPCL.

¹¹ o tédio] ao tédio – em OCA1994.

¹² Em OCA1994 não há separação de estrofes entre este verso e o seguinte.

¹³ céu:] céu; – em PC1937.

¹⁴ Alemanha,] Alemanha, – em TPCL.

PC1937 – *Poesias completas*, 1937.

PC1953 – *Poesias completas*, 1953.

PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.

PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.

TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Ed. Oséias Silas Ferraz. Belo Horizonte: Crisálida, 2000.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *Do teatro: textos críticos e escritos diversos*. Org. João Roberto Faria. São Paulo: Perspectiva, 2008a.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

LONGFELLOW, Henry Wadsworth. *The poetical works of Henry Wadsworth Longfellow*. Revised edition. Vol I. Boston: Ticknor and Fields, 1866.

MASSA, Jean-Michel. A biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luís. (Org.) *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001. p. 21-90.

VISÃO*

A LUÍS DE ALVARENGA PEIXOTO¹

Vi de um lado o Calvário, e do outro lado²
O Capitólio, o templo-cidadela.
E torvo mar entre ambos agitado,
Como se agita o mar numa procela.

5 Pousou no Capitólio uma águia; vinha
Cansada de voar.
Cheia³ de sangue as longas asas tinha;
Pousou; quis descansar.

10 Era a águia romana, a águia de Quirino;⁴
A mesma que, arrancando as chaves ao destino,
As portas do futuro abriu de par em par.
A mesma que, deixando o ninho áspero e rude, →

* Esta edição do poema “Visão” foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: FAL1870 (p. 31-34), PC1937 (p. 195-197), PC1953 (p. 217-219), OCA1959 (v. III, p. 222-223), PCEC1976 (p. 316-318), OCA1994 (v. III, p. 208-209), TPCL (p. 102-104), PCRR (p. 336-338) e OCA2015 (v. 3, p. 634-636). Texto-base: FAL1870. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda. Galante de Sousa informa que este poema foi reproduzido no *Curso de literatura brasileira*, de Melo Moraes Filho (Rio de Janeiro, 1870, p. 195-197), transcrição que não foi utilizada nesta edição. Não localizamos o poema na terceira edição dessa obra.

¹ Luís de Alvarenga Peixoto] Luís Alvarenga Peixoto – em OCA1994. Sobre Luís de Alvarenga Peixoto, diz Ubiratan Machado, no *Dicionário de Machado de Assis*: “Jornalista, poeta e historiador, Peixoto (Rio de Janeiro, 1836 – Lisboa, 1876) foi um dos que se entusiasmaram com o talento do jovem Machado, seu companheiro de redação na *Semana Ilustrada*. No número 10 de janeiro de 1869 desta revista, onde colaborava com o pseudônimo de Luiz d’Alva, dedicou a Machado a poesia ‘O Gênio’, com os seguintes dizeres: ‘Qual vaga que murmura as vibrações harmônicas, / que vem do alto-mar na voz da viração, / ao bardo de Corina, ao poeta das *Crisálidas*, / saúda jubiloso o mais obscuro irmão.’ Machado retribuiu a gentileza, oferecendo a Peixoto a poesia ‘Visão’, que figura em *Falenas*.” (MACHADO, 2008, p. 261-262) O poema “O gênio”, de Luís de Alvarenga Peixoto, pode ser encontrado neste número da *Machadiana Eletrônica*, na seção “Outras Edições”.

² lado] lado, – em PCEC1976 e em TPCL.

³ Parece haver, aqui, erro de concordância: “cheia” está por “cheias”.

⁴ Os dois hemistíquios deste verso configuram um pleonasma – o que aviva a elocução. Quirino é um deus antiquíssimo, que, com Júpiter e Marte, formava a tríade cultuada em Roma no tempo de sua fundação. (Cf. KURY, 1999, p. 344) Neste verso, por metonímia, está identificado com a cidade, de modo que águia de Quirino é o mesmo que águia romana.

Fez do templo da força o templo da virtude,
E lançou, como emblema, a espada sobre o altar.

15 Então, como se um deus lhe habitasse as entranhas,
A vitória empolgou, venceu raças estranhas,
Fez de várias nações um só domínio seu.
Era-lhe o grito agudo um tremendo rebate.
Se caía, perdendo acaso um só combate,
20 Punha as asas no chão e remontava Anteu.⁵

Veze três, respirando a morte, o sangue, o estrago,⁶
Saiu, lutou, caiu, ergueu-se... e jaz Cartago;
É ruína; é memória; é túmulo. Transpõe,
Impetuosa⁷ e audaz, os vales e as montanhas.
25 Lança a férrea cadeia ao colo das Espanhas.⁸
Gália vence; e o grilhão a toda Itália põe.

Terras d'Ásia invadiu,⁹ águas bebeu do Eufrates,
Nem tu mesma fugiste à sorte dos combates,
Grécia, mãe do saber. Mas que pode o opressor,
30 Quando o gênio sorriu no berço de uma serva?
Palas despe a couraça e veste de Minerva;
Faz-se mestra a cativa; abre escola ao senhor.

Agora, já cansada e respirando a custo,
Desce; vem repousar no monumento augusto.¹⁰
35 Gotejam-lhe inda¹¹ sangue as asas colossais.
A sombra do terror assoma-lhe à pupila.
Vem tocada das mãos de César e de Sila.¹²
Vê quebrar-se-lhe a força aos vínculos mortais.

⁵ Este verso realiza, em seus dois hemistíquios, uma antítese: opõe “as asas no chão” a “remontava Anteu” – isto é, elevava Anteu nos ares, o que o deixava sem forças (maneira pela qual foi derrotado por Hércules ou Hércules). Anteu era um gigante que vivia na Líbia, filho de Poseidon e Gaia, a Terra – por isso, enquanto estivesse em contato com o chão, era invencível. (Cf. KURY, 1999, p. 34)

⁶ estrago.] estrago – em PC1937; estrago; – em TPCL.

⁷ Impetuosa] Impetuosa, – em PC1937, em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

⁸ Espanhas: os cosmógrafos antigos dividiam a Península Ibérica em três partes, ou três Espanhas: *Hispania Betica*, *Hispania Tarraconensis*, *Hispania Lusitânica*. A Espanha Bética compreende as duas Castelas; a Espanha Tarraconense é Aragão (que de Tarragona passou a Aragona); a Espanha Lusitânica é Portugal, que, de Luso, passou a chamar-se Lusitânia. Ver: VIEIRA, 1959, t. VII, p. 398.

⁹ invadiu.] invadiu – em PC1937.

¹⁰ augusto.] augusto – em PC1937.

¹¹ inda] ainda – em OCA1994.

¹² César e Sila: Sila (c.138-78 a.C.) foi general e ditador romano, conquistou a Grécia; Júlio César (c.100-44 a.C.) também foi general e ditador, conquistou a Gália.

40 Dum lado e de outro lado,¹³ azulam-se
Os vastos horizontes;
Vida ressurgue esplêndida
Por toda a criação.
Luz nova, luz magnífica
Os vales enche e os montes...
45 E além,¹⁴ sobre o Calvário,
Que assombro! que visão!¹⁵

Fitei o olhar. Do píncaro
Da colossal montanha
Surge uma pomba, e plácida
50 Asas no espaço abriu.¹⁶
Os ares rompe, embebe-se
No éter de luz estranha:¹⁷
Olha-a minha alma atônita
Dos céus a que subiu.

55 Emblema audaz e lúgubre,
Da força e do combate,
A águia no Capitólio
As asas abateu.
Mas voa a pomba, símbolo
60 Do amor e do resgate,
Santo e apertado vínculo
Que a terra prende ao céu.¹⁸

65 Depois... Às mãos de bárbaros,
Na terra em que nascera,
Após sangrentos séculos,
A águia expirou; e então¹⁹
Desceu a pomba cândida²⁰
Que marca a nova era,
70 Pousou no Capitólio,
Já berço, já cristão.

¹³ de outro lado,] de outro, – em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL. Este é o único verso octossílabo, nessas estrofes finais de versos hexassílabos. Essa irregularidade, provavelmente, explica a variante – que resultou de “correção” por parte dos editores.

¹⁴ E além,] E, além, – em PC1953, PCEC1976 e em TPCL.

¹⁵ que visão!] Que visão! – em OCA1994.

¹⁶ abriu.] abriu, – em PC1937.

¹⁷ estranha:] estranha; – em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

¹⁸ Em OCA1994, depois deste verso, não há espaço de separação de estrofes.

¹⁹ então] então, – em TPCL.

²⁰ cândida] cândida, – em TPCL.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

- FAL1870 – *Falenas*, 1870.
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
PC1937 – *Poesias completas*, 1937.
PC1953 – *Poesias completas*, 1953.
PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.
PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.
TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

- ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Ed. Oséias Silas Ferraz. Belo Horizonte: Crisálida, 2000.
- ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.
- KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008.

MORAIS FILHO, Melo. *Curso de literatura brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: H. Garnier, [1895].

VIEIRA, Antônio. Sermão da Rainha Santa Isabel. In: *Sermões*. Porto: Lello & Irmão, 1959. t. VII. p. 385-411.

MENINA E MOÇA*

A ERNESTO CIBRÃO¹

Está naquela idade inquieta e duvidosa,²
Que não é dia claro e é já o alvorecer;
Entreaberto botão, entrefechada rosa,³
Um pouco de menina e um pouco de mulher.

5 Às vezes recatada, outras estouvadinha,
Casa no mesmo gesto a loucura e o pudor;
Tem cousas de criança e modos de mocinha,⁴
Estuda o catecismo⁵ e lê versos de amor.

* Esta edição do poema “Menina e moça” foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: SI (n. 424, 24 jan. 1869, p. 3391), FAL1870 (p. 49-51), MARLP (p. 47-48), PC1937 (p. 198-199), PC1953 (p. 220-221), OCA1959 (v. III, p. 224-225), PCEC1976 (p. 319-320), OCA1994 (v. III, p. 209-210), TPCL (p. 109-110), PCRR (p. 338-340) e OCA2015 (v. 3, p. 636-637). Texto-base: FAL1870. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda. Galante de Sousa informa que este poema foi reproduzido no *Curso de literatura brasileira*, de Melo Moraes Filho (Rio de Janeiro, 1870, p. 195-197), transcrição que não foi utilizada nesta edição. Não localizamos o poema na terceira edição dessa obra. A editora José Olympio utilizou versos desse poema em romances de sua Coleção Menina e Moça, destinada a jovens do sexo feminino. Cf. PCRR, p. 340-341.

¹ Ernesto Cibrão (1836-1919): natural de Valença do Minho, Portugal, veio para o Brasil em 1858. Foi amigo de Machado de Assis, que lhe dedicou este poema. (Cf. MACHADO, 2008, p. 77-78) Ao final de *Falenas* (1870, p. 212-213), há a seguinte nota sobre a resposta de Cibrão: “A estes versos respondeu o meu talentoso amigo Ernesto Cibrão com a seguinte poesia; vale a pena escrever de *meninas e moças*, quando elas produzem estas *flores e frutos*: [segue-se o poema “Flor e fruto”, de Ernesto Cibrão]. O poema “Flor e fruto” pode ser lido neste número da *Machadiana Eletrônica*, na seção “Outras Edições”.

² duvidosa,] duvidosa – em SI.

³ rosa,] rosa; – em SI.

⁴ mocinha,] mocinha; – em SI.

⁵ catecismo] catecismo – em SI, em MARLP, em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em TPCL, em PCRR e em OCA2015. Os editores, como se vê, têm sido unânimes em transcrever “catechismo” por “catecismo”. O *Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa*, de Francisco Solano Constâncio, 11ª ed., de 1877, traz, no verbete “catechismo”, a seguinte observação: “Este termo pronuncia-se de ordinário *catecismo*.” Esse dicionário tem, também, a entrada “catecismo”. O *Dicionário de língua portuguesa*, de Antônio de Moraes Silva, 2ª ed., 1813, traz “catecismo” e “catecismo”. A mesma coisa ocorre no *Vocabulário português e latino*, de Rafael Bluteau (1712-1728). É, portanto, bastante curioso que Machado de Assis tenha grafado “catechismo” (forma etimologicamente correta). Diante do fato de que os dicionários atuais (Houaiss e Caldas Aulete, por exemplo) trazem a variante “catecismo”, surge a dúvida sobre a forma correta a dar ao vocábulo atualmente. Há, em toda a

- 10 Outras vezes⁶ valsando, o⁷ seio lhe palpita,
De cansaço⁸ talvez, talvez de comoção.⁹
Quando a boca vermelha os lábios abre e agita,¹⁰
Não sei se pede um beijo ou faz uma oração.
- 15 Outras vezes¹¹ beijando a boneca enfeitada,
Olha furtivamente o primo que sorri;
E se corre¹² parece, à brisa enamorada,
Abrir asas de um anjo e tranças de uma huri.
- 20 Quando a sala atravessa, é¹³ raro que não lance
Os olhos para o espelho; e¹⁴ raro que ao deitar
Não leia, um quarto de hora, as folhas de um romance¹⁵
Em que a dama conjugue o eterno verbo amar.
- Tem na alcova em que dorme, e descansa de dia,
A cama da boneca ao pé do toucador;
Quando sonha,¹⁶ repete, em santa companhia,
Os livros do colégio e o nome de um doutor.

obra de Machado de Assis, um apuro vocabular raro, e até mesmo certo preciosismo – o que nos sugere que a atualização ortográfica para “catecismo”, embora reflita a realidade fonética do tempo, pode ocultar característica estilística relevante no autor. Tal consideração nos conduz à atualização para “catequismo”. Ramiz Galvão, no *Vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega* (1909), dá a forma “catechismo” e registra a seguinte observação: “O uso popular consagrou a pronúncia – catecismo; – mas isso não impede que se escreva com *ch*, da mesma forma que os seus cognatos – catechese, catechista, etc. Seria incongruente grafar diferentemente vocábulos oriundos da mesma raiz.” Ainda que seja artificial a forma “catequismo”, o fato de os dicionários a registrarem, somado ao pendor arcaizante do estilo de Machado de Assis, parece ser razão suficiente para manter esta forma na transcrição atualizada. Admite-se, evidentemente, que a realidade fonética é a que interessa propriamente à arte da poesia. A preservação da forma “catequismo” se faz apenas pela preocupação de não apagar um (possível) traço estilístico do autor. Sobre esta palavra, a edição da Revista de Língua Portuguesa (1921) – MARLP – anota: “‘...catechismo’. – Muitos há que escrevem *cathecismo*. É erro ortográfico, visto que a palavra vem do grego *Katechismos*.”

⁶ vezes] vezes, – em SI.

⁷ o] e – em FAL1870.

⁸ De cansaço] Do cansaço – em OCA1994.

⁹ comoção.] comoção; – em SI.

¹⁰ agita,] agita – em SI.

¹¹ vezes] vezes, – em SI.

¹² E se corre] E, se corre, – em SI.

¹³ é] e – em SI.

¹⁴ e] é – em SI e em OCA1994.

¹⁵ romance] romance, – em SI.

¹⁶ sonha,] sonha – em SI.

25 Alegre-se em ouvindo os compassos da orquestra;¹⁷
E quando entra num baile,¹⁸ é já dama do tom;
Compensa-lhe a modista os enfados da mestra;
Tem respeito à¹⁹ Geslin, mas adora a Dazon.²⁰

30 Dos cuidados da vida o mais tristonho²¹ e acerbo
Para ela é o estudo, excetuando talvez²²
A lição de sintaxe em que combina o verbo
To love, mas sorrindo ao professor de inglês.²³

35 Quantas vezes, porém, fitando o olhar no espaço,
Parece acompanhar²⁴ uma etérea visão;
Quantas²⁵ cruzando ao seio o delicado braço²⁶
Comprime as pulsações do inquieto coração!

40 Ah! se nesse momento²⁷ alucinado, fores
Cair-lhe aos pés, confiar-lhe uma esperança vã,
Hás de vê-la zombar dos teus tristes²⁸ amores,
Rir da tua aventura²⁹ e contá-la à mamã.

É que esta criatura,³⁰ adorável, divina,
Nem se pode explicar, nem se pode entender:
Procura-se a mulher e encontra-se a menina,
Quer-se ver a menina e encontra-se a mulher!³¹

¹⁷ orquestra;] orquestra, – em SI.

¹⁸ num baile,] no baile – em SI.

¹⁹ à] a – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

²⁰ Geslin (Mme.): educadora, foi proprietária de um colégio de meninas no Rio de Janeiro desde a década de 1840; Dazon (Catharina): modista da rua do Ouvidor, a partir do final da década de 1850 (MENEZES, 2004, p. 11-31). Este foi um dos poucos poemas que teve sua exclusão das *Poesias completas* (1901) explicada por Machado de Assis. Em carta a Carlos Magalhães de Azeredo, datada de 15 de agosto de 1901, escreveu ele: “Não sei se lhe disse que cortei muita coisa dos primeiros livros; arrependi-me de alguns cortes, como a *Menina e Moça*, por exemplo. Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: / Tem respeito à Geslin, mas adora a Dazon, / que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo.” (ASSIS, 1969, p. 228)

²¹ tristonho] pungente – em SI.

²² estudo, excetuando talvez] estudo, – excetuando, talvez, – em SI.

²³ Observe-se que, para ter doze sílabas, este verso exige que se contem duas sílabas em *love* (palavra inglesa monossilábica).

²⁴ acompanhar] contemplar – em SI.

²⁵ Quantas] Quantas, – em SI.

²⁶ braço] braço, – em SI.

²⁷ Ah! se nesse momento] Mas, se nesse momento, – em SI; Ah! se nesse momento, – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

²⁸ tristes] ternos – em SI.

²⁹ aventura] aventura, – em SI.

³⁰ criatura,] criatura – em SI.

³¹ mulher!] mulher. – em SI. Em SI, ao pé do poema, vem a assinatura “M. A.”

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

- FAL1870 – *Falenas*, 1870.
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
MARLP – *Machado de Assis*, Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa, 1921.
PC1937 – *Poesias completas*, 1937.
PC1953 – *Poesias completas*, 1953.
PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.
PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.
SI – *Semana Ilustrada* (Rio de Janeiro, n. 424, 24 jan. 1869).
TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

- ASSIS, Machado de. Menina e moça. Rio de Janeiro, *Semana Ilustrada*, n. 424, p. 3391, 24 jan. 1869.
- ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].
- ASSIS, Machado de. Menina e moça. In: *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Revista de Língua Portuguesa, 1921. p. 47-48. (Estante Clássica)
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.
- ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Ed. preparada por Carmelo Virgillo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Ed. Oséias Silas Ferraz. Belo Horizonte: Crisálida, 2000.
- ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1958. 5v.

BLUTEAU, Rafael. *Vocabulário português e latino*. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728. 10v.

CONSTÂNCIO, Francisco Solano. *Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa*. 11^a ed. Paris: E. Belhatte, 1877.

GALVÃO, Ramiz. *Vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico da palavras portuguesas derivadas da língua grega*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1909.

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008.

MENEZES, Lená Medeiros de. Francesas no Rio de Janeiro: modernização e trabalho segundo o Almanak 'Laemmert' (1844-1861). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, a. 165, n. 423, p. 11-31, abr.-jun. 2004. Disponível em: <<https://bit.ly/2LMhkpH>>. Acesso em: 3 jan. 2019.

MORAIS FILHO, Melo. *Curso de literatura brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: H. Garnier, [1895].

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Tipografia Lacerdina, 1813. [Edição fac-similar pela Revista de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, 1922.]

NO ESPAÇO*

Il n'y a qu'une sorte d'amour, mais
il y en a mille différentes copies.
LA ROCHEFOUCAULD¹

Rompendo o último laço
Que ainda à terra as prendia,
Encontraram-se no espaço
Duas almas. Parecia
5 Que o destino as convocara
Para aquela mesma hora;²
E livres, livres agora,³
Correm a estrada do céu,⁴
Vão ver a divina face:⁵
10 Uma era a de Lovelace,⁶
Era a outra a de Romeu.⁷

Voavam... porém, voando⁸
Falavam ambas. E o céu →

* Esta edição do poema “No espaço” foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: SI (n. 273, 3 mar. 1866, p. 3078 e p. 3081), FAL1870 (p. 59-63), PC1937 (p. 202-205), PC1953 (p. 224-227), OCA1959 (v. III, p. 225-227), PCEC1976 (p. 321-324), OCA1994 (v. III, p. 211-212), TPCL (p. 113-116), PCRR (p. 341-343) e OCA2015 (v. 3, p. 637-639). Texto-base: FAL1870. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda.

¹ Máxima LXXIV, das *Réflexions, sentences et maximes morales* (1867), obra que Machado de Assis tinha em sua biblioteca (em edição não datada). Cf. LA ROCHEFOUCAULD, 1815, p. 67; MASSA, 1961, p. 229; MIASSO, 2017, p. 255. Em SI o poema não traz epígrafe.

² Em PC1937, há separação de estrofes entre este verso e o seguinte.

³ agora,] agora – em SI.

⁴ Correm a estrada do céu,] Seguem a estrada do céu; – em SI.

⁵ face:] face; – em PC1937.

⁶ Lovelace: personagem libertino do romance *Clarissa Harlowe*, de Samuel Richardson (1689-1761). Seu nome está dicionarizado em português, desde 1899, como substantivo comum, com este sentido: “homem que usa qualquer recurso (do galanteio à lascívia) para atrair, conquistar uma mulher, conquistador”. (HOUAISS, VILLAR, 2001)

⁷ Entre essa estrofe e a seguinte, em SI há esta estrofe (que não aparece em FAL1870): “—— / Voavam ambas. Voavam / Como pássaros libertos / Vão para os castos desertos / Gozar a paz que gozavam. / ——” Nesse periódico as estrofes vêm separadas por um traço horizontal.

⁸ Voavam... porém, voando] Voavam... porém voando – em SI, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

Ia as vozes escutando
15 Das duas almas. Romeu
De Lovelace indagava⁹
Que fizera nesta vida¹⁰
E que saudades levava.¹¹

“Eu amei... mas quantas, quantas,
20 E como, e como não sei;¹²
Não seria o amor mais puro,¹³
Mas o certo é que as amei.¹⁴
Se era tão fundo e tão vasto
O meu pobre coração!
25 Cada dia era uma glória,
Cada hora uma paixão.¹⁵
Amei todas; e na história¹⁶
Dos amores que senti¹⁷
Nenhuma daquelas belas
30 Deixou de escrever por si.¹⁸

“Nem a patrícia de Helena,¹⁹
De verde mirto c’roadada,
Nascida como açucena²⁰
Pelos zéfiros beijada,
35 Aos brandos raios da lua,²¹
À voz das ninfas do mar,
Trança loura, espádua nua,
Calma fronte e calmo olhar.²²

“Nem a beleza latina,²³
40 Nervosa, ardente, robusta,
Levantando a voz augusta
Pela margem peregrina, →

⁹ indagava] indagava, – em SI.

¹⁰ vida] vida, – em SI.

¹¹ Em PCEC1976, depois deste verso não há separação de estrofes.

¹² “Eu amei... mas quantas, quantas, / E como, e como não sei;] – “Eu amei... mas quantas! quantas! / E como, e como, nem sei! – em SI.

¹³ puro,] casto, – em SI.

¹⁴ que as amei.] que eu amei. – em SI.

¹⁵ paixão.] paixão; – em SI; paixão, – em PC1937.

¹⁶ Amei todas; e na história] Amei todas. E na história – em SI; Amei todas: e na história – em PC1937.

¹⁷ senti] senti, – em SI.

¹⁸ por si.] por si! – em SI.

¹⁹ Helena,] Helena – em SI. Em PCRR e em OCA2015, este verso não traz aspas no início.

²⁰ Nascida como açucena] Nascida, como açucena, – em SI.

²¹ lua,] luz, – em PC1937.

²² Calma fronte e calmo olhar.] Calma fronte, calmo olhar. – em SI. Em OCA1994, não há, depois deste verso, separação de estrofes.

²³ latina,] latina, – (com travessão no final do verso) – em SI. Em PCRR e em OCA2015, este verso não traz aspas no início.

Onde do eco²⁴ em seus lamentos,
Por virtude soberana,²⁵
45 Repete a todos os ventos²⁶
A nota virgiliana.²⁷

“Nem a doce, aérea inglesa,²⁸
Que os ventos frios do norte²⁹
Fizeram fria de morte,³⁰
50 Mas divina de beleza.³¹

“Nem a ardente castelhana,³²
Corada ao sol de Madrid,³³
Beleza tão soberana,
Tão despótica no amor,
55 Que troca os troféus de um Cid
Pelo olhar de um trovador.³⁴

“Nem a virgem pensativa³⁵
Que às margens³⁶ do velho Reno,
Como a pura sensitiva³⁷
60 Vive das auras do céu³⁸
E murcha ao mais leve aceno
De mãos humanas; tão pura
Como aquela Margarida
Que a Fausto um dia encontrou.³⁹

²⁴ do eco] o eco, – em SI, em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

²⁵ soberana,] sobre humana. (talvez: sobre humana, – com a vírgula quebrada) – em SI.

²⁶ Repete a todos os ventos] Repete, a todos os ventos, – em SI.

²⁷ virgiliana.] virgiliana; – em SI; virgiliana, – em PC1937.

²⁸ inglesa,] Inglesa, – em FAL1870, em PC1937 e em PCRR. Em PCRR e em OCA2015, este verso não traz aspas no início.

²⁹ norte] norte, – em SI.

³⁰ morte,] morte – em SI.

³¹ beleza.] beleza; – em SI; beleza, – em OCA1959 e em OCA1994. Em FAL1870, depois deste verso, há mudança de página; em SI, há espaço e traço, indicativos de separação de estrofe. Em PC1937, não há separação de estrofes, mas há aspas no início do verso seguinte. Em PC1953, em OCA1959, em OCA1994, em PCRR e em OCA2015, não há separação de estrofes nem aspas no início do verso seguinte. Em PCEC1976, há separação de estrofes, mas não há aspas no início do verso seguinte.

³² ardente castelhana,] bela castelhana, – em SI; ardente Castelhana, – em FAL1870, em PC1937 e em PCRR.

³³ Madrid,] Madri, – em OCA1959, em OCA1994, em PCRR e em OCA2015.

³⁴ trovador.] trovador; – em SI.

³⁵ Em PCRR e em OCA2015, este verso não traz aspas no início.

³⁶ às margens] à margem – em SI; as margens – em FAL1870, em PC1937 e em PCRR.

³⁷ a pura sensitiva] a verde sensitiva, – em SI; a pura sensitiva, – em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

³⁸ céu] céu, – em SI, em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

³⁹ Que a Fausto um dia encontrou.] Que o Fausto um dia encontrou... – em SI. Observe-se que na redação do texto-base a perspectiva expressa é a de Margarida; na variante de SI, é a de Fausto.

- 65 “E muitas mais, e amei todas,⁴⁰
Todas minha alma encerrou.⁴¹
Foi essa a minha virtude,
Era esse o meu condão.⁴²
Que importava a latitude?
- 70 Era o mesmo coração,
Os mesmos lábios, o mesmo
Arder na chama fatal...⁴³
Amei a todas e a esmo.”⁴⁴
- Lovelace concluía;
75 Entravam ambos⁴⁵ no céu;
E o Senhor⁴⁶ que tudo ouvira,
Voltou os olhos imensos
Para a alma de Romeu:⁴⁷
“E tu? – Eu amei na vida⁴⁸
- 80 Uma só vez, e subi
Daquela cruenta lida,
Senhor, a acolher-me em ti.”⁴⁹
Das duas almas, a pura,
A formosa, olhando em face
- 85 A divindade ficou;⁵⁰
E a alma de Lovelace
De novo à terra baixou.⁵¹
- Daqui vem que a terra conta,
Por um decreto do céu,
90 Cem Lovelaces num dia⁵²
E em cem anos um Romeu.⁵³

⁴⁰ “E muitas mais, e amei todas,] “E muitas mais... e amei todas, – em SI. Em PCRR e em OCA2015, este verso não traz aspas no início.

⁴¹ minha alma encerrou.] minh’alma encerrou; – em SI.

⁴² condão.] brasão; – em SI.

⁴³ fatal...] fatal, – em SI.

⁴⁴ a todas e a esmo.”] a todas, e a esmo...” – em SI. Em PCRR e em OCA2015, fecham-se aqui as aspas abertas no verso 19.

⁴⁵ ambos] ambas – em SI. Nesta variante, a concordância parece ter sido feita com “almas”.

⁴⁶ Senhor] Senhor, – em SI.

⁴⁷ Em PC1953 e em PCEC1976, entre este verso e o seguinte há separação de estrofes.

⁴⁸ “E tu? – Eu amei na vida] – E tu? – Eu amei na vida, – em SI; “E tu?” – “Eu amei na vida – em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em TPCL, em PCRR e em OCA2015.

⁴⁹ em ti.”] em ti. – em SI; em Ti” – em TPCL. Em SI, depois deste verso, há espaço e traço indicativos de separação de estrofes; em PC1953 e em PCEC1976, há espaço de separação de estrofes.

⁵⁰ A divindade ficou;] A Divindade, – ficou. – em SI.

⁵¹ baixou.] voltou. – em SI.

⁵² dia] dia, – em SI.

⁵³ Em SI, abaixo dos versos, vem a indicação de autoria: MACHADO DE ASSIS.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

- FAL1870 – *Falenas*, 1870.
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
PC1937 – *Poesias completas*, 1937.
PC1953 – *Poesias completas*, 1953.
PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.
PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.
SI – *Semana Ilustrada* (Rio de Janeiro, n. 273, 3 mar. 1866).
TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

- ASSIS, Machado de. No espaço. Rio de Janeiro, *Semana Ilustrada*, n. 273, p. 3078 e p. 3081, 3 mar. 1866.
- ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.
- HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LA ROCHEFOUCAULD. *Maximes et réflexions morales*. Paris: P. Didot, L’Ainé, 1815.

MASSA, Jean-Michel. La bibliothèque de Machado de Assis. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 21-22, p. 195-238, mar.-jun. 1961.

MIASSO, Audrey Ludmilla do Nascimento. *Epígrafes e diálogos na poesia de Machado de Assis*. São Carlos: EdUFSCar, 2017.

OS DEUSES DA GRÉCIA*

(Schiller)

Quando, coos tênuos vínculos de gozo,
Ó Vênus de Amatonte,¹ governavas
Felices² raças, encantados povos
Dos fabulosos tempos;

5 Quando fulgia a pompa do teu culto,
E o templo ornavam delicadas rosas,
Ai! quão diverso o mundo apresentava
A face aberta em risos!

10 Na poesia envolvia-se a verdade;
Plena vida gozava a terra inteira;
E o que jamais³ hão de sentir na vida
Então sentiam homens.

15 Lei era repousar no amor; os olhos
Nos namorados olhos se encontravam;
Espalhava-se em toda a natureza
Um vestígio divino.

* Esta edição do poema “Os deuses da Grécia” foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: FAL1870 (p. 65-71), PC1937 (p. 206-211), PC1953 (p. 228-233), OCA1959 (v. III, p. 227-230), PCEC1976 (p. 325-329), OCA1994 (v. III, p. 212-215), TPCL (p. 116-120), PCRR (p. 346-350) e OCA2015 (v. 3, p. 639-643). Texto-base: FAL1870. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda. Em FAL1870 (p. 214), há a seguinte nota do autor: “OS DEUSES DA GRÉCIA / Não sei alemão; traduzi estes versos pela tradução em prosa francesa de um dos mais conceituados intérpretes da língua de Schiller.” As demais edições trazem essa nota em diferentes pontos dos volumes. Existem diversas traduções francesas. Machado de Assis tinha em sua biblioteca a de Ad[olphe] Régnier. Apesar disso, Jean-Michel Massa (2008, p. 111-112, nota 61) afirma que ele “usou mesmo a X. Marmier.” As referências e alusões à mitologia greco-romana, muito numerosas neste poema, receberam notas ligeiras, o suficiente apenas para indicar caminhos a possíveis leitores interessados no tema.

¹ Vênus, conforme o lugar em que lhe elevaram templos, tomou diversos nomes. A deusa teve templos na ilha de Chipre, em Pafos, em Amatonte, na ilha de Citera, etc. (Cf. COMMELIN, s.d., p. 68)

² Felices] Felizes – em OCA1994.

³ jamais] jamais, – em PC1937.

Onde hoje dizem que se prende um globo
Cheio de fogo, – outrora conduzia
Hélios⁴ o carro de ouro, e os fustigados
20 Cavalos espumantes.

Povoavam Oréades⁵ os montes,⁶
No arvoredado Doríades⁷ viviam,⁸
E agreste espuma despejava em flocos
A urna das Danaides.⁹

25 Refúgio de uma ninfa era o loureiro;¹⁰
Tantália moça as rochas habitava;¹¹
Suspiravam no arbusto e no caniço
Sirinx, Filomela.¹²

30 Cada ribeiro as lágrimas colhia
De Ceres pela esquiva Persefone;¹³
E do outeiro chamava inutilmente
Vênus o amado amante.¹⁴

⁴ Hélios: o Sol; divindade também identificada com Apolo – daí a expressão “carro de Apolo” para designar o sol. (Cf. HARVEY, 1987, p. 264)

⁵ Oréades] Orcades – em FAL1870 (corrigido na errata). Oréades eram ninfas das montanhas.

⁶ montes,] montes – em TPCL.

⁷ Doríades: forma epentética de Dríades – ninfas dos bosques. As “Dríades” eram ninfas das árvores; a vida de cada uma delas estava presa à de sua própria árvore, e cessava quando a árvore morria. (Cf. HARVEY, 1987, p. 176)

⁸ viviam,] vivia, – em FAL1870, em PC1937, em PCRR e em OCA2015. Um dado curioso: a tradução francesa, em prosa, de Xavier Marmier (1854, p. 149), traz “une Dryade vivait dans ses arbres”; e a de Adolphe Régnier (1859, p. 415), “dans cet arbre vivait une Dryade”. Parece que – “No arvoredado uma Dríade vivia,” – deveria ser o verso. Em alemão (SCHILLER, 1864, p. 69): “Eine Dryas starb mit jenem Baum”.

⁹ As Danaides eram filhas de Dânaos, que fugiu com elas do Egito para Argos, onde ele se tornou rei. Argos foi, então, acometida por uma grande seca. As Danaides eram encarregadas de procurar água. Depois de assassinares seus maridos, foram condenadas no inferno a tentar eternamente encher de água vasos furados. (Cf. HARVEY, 1987, p. 149; KURY, 1999, p. 100-101) A palavra “urna” significa, originariamente, “vaso grande de tirar água”. (Cf. HOUAISS, VILLAR, 2001)

¹⁰ A ninfa Dafne, filha de um rio (o Peneio ou o Ládón), para fugir de Apolo, que se apaixonara por ela, refugiou-se nas montanhas e, depois, perseguida por ele, foi transformada num loureiro. (Cf. HARVEY, 1987, p. 148)

¹¹ Referência a Níobe, filha de Tântalo, que foi transformada num rochedo. (Cf. KURY, 1999, p.282-283)

¹² Observe-se o suarabácti em “Syrinx”, que conta três sílabas no verso. Sirinx e Filomela: Sirinx era uma dríade, amada por Pã, que se transformou, para fugir dele, em cana junto ao rio Ládón – essas canas passaram a ser usadas para fabricar flautas de Pã; Filomela, filha de Pandíon, rei de Atenas, perseguida por Tereu, cunhado que a seduzira, teve sua língua cortada, e, mais tarde, foi transformada em andorinha. (Cf. HARVEY, 1987, p. 377; KURY, 1999, p. 152)

¹³ Persefone;] Perséfone; – em OCA2015. Persefone: o *Vocabulário onomástico da língua portuguesa* (Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999) traz apenas “Perséfone”; entretanto, no verso, a palavra é paroxítona. Perséfone era filha de Deméter (nome grego de Ceres). Ela foi raptada por Hades, e Deméter, transtornada, saiu perambulando pela Grécia inteira à sua procura. Observe-se que Machado de Assis optou, em sua tradução, preferencialmente, como fez também em *Os deuses de casaca*, pelo uso dos nomes latinos dos deuses gregos.

¹⁴ O “amado amante” chamado por Vênus era o jovem Adônis, que, por artes de Ártemis, fora devorado por um javali. Adônis passava parte do tempo com Vênus, e parte com Perséfone. (Cf. KURY, 1999, p. 15)

Entre as raças que o pio tessaliano
Das pedras arrancou,¹⁵ – os deuses vinham;
35 Por cativar uns namorados olhos
Apolo pastoreava.¹⁶

Vínculo brando então o amor lançava
Entre os homens, heróis e os deuses todos;
Eterno culto ao teu poder rendiam,
40 Ó deusa de Amatonte!

Jejuns austeros, torva gravidade
Banidos eram dos festivos templos;
Que os venturosos deuses só amavam
Os ânimos alegres.

45 Só a beleza era sagrada outrora;
Quando a pudica Tiêmone¹⁷ mandava,
Nenhum dos gozos que o mortal respira
Envergonhava os deuses.

Eram ricos palácios vossos templos;
50 Lutas de heróis, festins e o carro e a ode,¹⁸
Eram da raça¹⁹ humana aos deuses vivos
A jocunda homenagem.

Saltava a dança alegre em torno a altares;
Louros c’roavam numes; e as capelas
55 De abertas, frescas rosas, lhes cingiam
A frente perfumada.

Anunciava o galhofeiro Baco
O tirso²⁰ de Evoé; sátiros fulvos →

¹⁵ Das pedras arrancou, –] Das pedras arrancou – (com travessão apenas) – em OCA2015. O “pio tessaliano” é Deucalião, filho de Prometeu e de Clímene; na Tessália, depois de um dilúvio determinado por Zeus, fez nascerem homens de pedras, e sua mulher Pirra fez nascerem, também de pedras, mulheres. (Cf. KURY, 1999, p. 106)

¹⁶ Por ter matado os ciclopes, Apolo, expulso do Olimpo, foi viver na Tessália, onde guardava os rebanhos de Admeto. Durante o exílio, Apolo amou Dafne, que foi metamorfoseada em loureiro; amou Clítia, que foi transformada em heliotrópio; e amou Cimene, com quem teve muitos filhos, o mais famoso dos quais é Faetonte. (Cf. COMMELIN, s.d., p. 40-45)

¹⁷ Tiêmone] Tiemone – em PCRR e em OCA2015. O vocábulo conta, no verso, três sílabas, com acento na primeira delas: Tiê-mo-ne. Tiêmone era uma sacerdotisa: “die holde Priesterin”, no verso de Schiller. (Cf. SHILLER, 1864, p. 70)

¹⁸ festins e o carro e a ode,] festins, e o carro, e a ode, – em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL; festins, e o carro e a ode, – em OCA1959 e em OCA1994.

¹⁹ da raça] de raça – em PC1937, em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

²⁰ tirso] Tirso – em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

60 Iam tripudiando em seu caminho;²¹
 Iam bailando as Mênades.²²

A dança revelava o ardor do vinho;
De mão em mão corria a taça ardente,
Pois que ao fervor dos ânimos convida
A face rubra do hóspede.

65 Nenhum espectro hediondo ia sentar-se
Ao pé do moribundo. O extremo alento
Escapava num ósculo, e voltava
Um gênio a tocha extinta.

70 E além da vida, nos infernos, era
Um filho de mortal quem sustentava
A severa balança;²³ e coa voz pia
Vate ameigava as Fúrias.²⁴

75 Nos Elísios²⁵ o amigo achava o amigo;
Fiel esposa ia encontrar o esposo;
No perdido caminho o carro entrava
Do destro automedonte.

80 Continuava o poeta o antigo canto;
Admeto achava os ósculos de Alceste;
Reconhecia²⁶ Pílades o sócio,
E o rei tessálio as flechas.²⁷

²¹ caminho;] caminho, – em PC1937.

²² Mênades eram as ninfas desvairadas do séquito de Dioniso (Baco), deus das videiras, do vinho e do delírio místico. (Cf. KURY, 1999, p. 260)

²³ Eram três os juízes dos mortos: Minos, Radamanto e Áiacos – os dois primeiros eram filhos de Zeus e Europa (mortal). Virgílio, em sua descrição do mundo subterrâneo, menciona somente Minos e Radamanto. (Cf. HARVEY, 1987, p. 344 e p. 219; KURY, 1999, p. 142)

²⁴ O vate referido é Orfeu. Na tradução de Ad. Régner está “poëte de Thrace”. (Cf. SCHILLER, 1859, p. 416)

²⁵ Os Campos Elísios, na mitologia grega e romana, eram parte do mundo infernal – que tinha quatro partes: o Érebo, onde erravam durante cem anos as sombras cujos corpos não tinham sido sepultados; o Inferno dos maus, lugar de todas as expiações, onde o crime recebia o seu justo castigo; o Tártaro, a prisão dos deuses; e os Campos Elísios, morada feliz das almas virtuosas. (Cf. COMMELIN, s.d., p. 190-191)

²⁶ Reconhecia] Reconhecida – em PCEC1976 e em TPCL.

²⁷ Toda esta estrofe é continuidade da anterior; na tradução francesa elas constituem um parágrafo, no original alemão uma só estrofe. As referências são as seguintes: “o poeta” (“le poëte”, na versão francesa de M. X. Marmier; “la lyre de Linus” – poeta lendário filho de Apolo e de uma musa, do tempo de Orfeu – na tradução francesa de Ad. Régner; “Orpheus” em alemão – na edição de 1864); Admeto, a quem Apolo servira como pastor, era o rei de Feras, e casou-se com Alceste depois de ter um carro puxado ao mesmo tempo por um leão e um javali – o que conseguiu com a ajuda de Apolo –, por exigência do pai dela; “o sócio de Pílades” é Orestes e o “rei tessálio” é “Filóctetes” (tanto no texto francês como no alemão). (Cf. KURY, 1999, p. 15; SCHILLER, 1854, p. 151; SCHILLER, 1859, p. 416-17; SCHILLER, 1864, p. 66)

Nobre prêmio o valor retribuía
Do que andava nas sendas da virtude;
Ações dignas do céu, filhas dos homens,
O céu tinham por paga.

85 Inclinavam-se os deuses ante aquele
Que ia buscar-lhe²⁸ algum mortal extinto;
E os gêmeos lá no Olimpo alumiavam
O caminho ao piloto.²⁹

90 Onde és, mundo de risos e prazeres?
Por que não volves, florescente idade?³⁰
Só as musas conservam os teus³¹ divinos
Vestígios fabulosos.

Tristes e mudos vejo os campos todos;
Nenhuma divindade aos olhos surge;
95 Dessas imagens vivas e formosas
Só a sombra nos resta.

Do norte ao sopro frio e melancólico,
Uma por uma, as flores se esfolharam;
E desse mundo rútilo e divino
100 Outro colheu despojos.

Os astros interrogo com tristeza,
Selene,³² e não te encontro; à selva falo,
Falo à vaga do mar, e à vaga, e à selva,
Inúteis vozes mando.

105 Da antiga divindade despojada,
Sem conhecer os êxtases que inspira,
Desse esplendor que eterno a frente lhe orna
Não sabe a natureza.

²⁸ Nesta passagem, o pronome “lhe” tem valor de plural.

²⁹ Castor e Pólux são os “gêmeos”: filhos de Zeus e Leda, protetores dos navegantes, aos quais mostravam-se em meio às tempestades sob a aparência do fenômeno elétrico hoje conhecido como fogo de santelmo. (Cf. HARVEY, 1999, p. 169-170 – verbete “Diôscuros”)

³⁰ florescente idade?] florescente idade – em TPCL.

³¹ Só as musas conservam os teus] Só a poeira conserva os teus – em FAL1870 (corrigido na errata); Só as musas conservam teus – em PC1937, em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL. A errata de FAL1870 é sucinta, indica apenas que no lugar de “poeira” deve-se pôr “musas” – o ajuste sintático do período fica a cargo de quem fizer a correção; daí, talvez, a liberdade que muitos editores tiveram para suprimir o artigo “os”, antes de “teus”.

³² Selene.] Seleno, – em FAL1870, em PC1937, em PCRR e em OCA2015. “Selene” é a lua personificada. “Sileno” é nome dos sátiros de um modo geral depois de velhos. (Cf. KURY, 1999, p. 353-354 e p. 357) No verso, o sentido é de corpo celeste – a lua, portanto – “Selene”.

110 Nada sente, não goza do meu gozo;
Insensível à força com que impera,
O pêndulo parece condenado
 Às frias leis que o regem.

115 Para se renovar, abre hoje a campa,
Foram-se os nubes ao país dos vates;
Das roupas infantis despida, a terra
 Inúteis os rejeita.

120 Foram-se os nubes, foram-se; levaram
Consigo o belo, e o grande, e as vivas cores,³³
Tudo que outrora a vida alimentava,
 Tudo que é hoje extinto.

Ao dilúvio dos tempos escapando,
Nos recessos do Pindo³⁴ se entranharam:
O que sofreu na vida eterna morte,
 Imortalize a musa!

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

FAL1870 – *Falenas*, 1870.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

PC1937 – *Poesias completas*, 1937.

PC1953 – *Poesias completas*, 1953.

PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.

PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.

TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

³³ Este verso começa com inicial minúscula em PC1937.

³⁴ O Pindo (cadeia de montanhas), como o Parnaso e o Hélicon, era consagrado a Apolo e às musas. A expressão “habitantes do Pindo” se aplica aos poetas. (Cf. *Dicionário e enciclopédia internacional*, s.d., v. XV, p. 8931) Nesta passagem, é o lugar em que os deuses se refugiaram.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Ed. preparada por Carmelo Virgillo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Ed. Oséias Silas Ferraz. Belo Horizonte: Crisálida, 2000.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

COMMELIN, P. *Nova mitologia grega e romana*. Trad. Thomaz Lopes. s.l.: Edições de Ouro, s.d.

DICIONÁRIO e enciclopédia internacional. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, s.d. 20v.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MASSA, Jean-Michel. *Machado de Assis tradutor*. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

SCHILLER. *Poésies de Schiller*. Traduction nouvelle par M. X. Marmier. Paris: Charpentier, 1854.

SCHILLER. *Poésies de Schiller*. Traduction nouvelle par Ad. Régner. Paris: L. Hachette, 1859.

ASSIS, Machado de. Os deuses da Grécia.

SCHILLER, Friedrich von. *Gedichte*. Stuttgart: J. G. Gottafchen, 1864.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Coord. José Chediak. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999.

CEGONHAS E RODOVALHOS*

(A ANÍSIO SEMPRÔNIO RUFO)¹

(BOUILHET)²

Salve, rei dos mortais, Semprônio invicto,
Tu que estreaste nas romanas mesas
O rodovalho fresco e a saborosa
Pedirrubra cegonha!
5 Desentranhando os mármore de Frígia,³
Ou já rompendo ao bronze o escuro seio,
Justo era que mandasse a mão do artista
Teu nobre rosto aos evos.⁴
Porque⁵ fosses maior aos olhos pasmos
10 Das nações do Universo,⁶ ó pai dos molhos, →

* Esta edição do poema “Cegonhas e rodovalhos” foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: SI (n. 424, p. 3390-3391, 24 jan. 1869), FAL1870 (p. 79-83), PC1937 (p. 212-215), PC1953 (p. 234-237), OCA1959 (v. III, p. 230-232), PCEC1976 (p. 330-332), OCA1994 (v. III, p. 215-217), MACV1998 (p. 43-51), TPCL (p. 122-125), PCRR (p. 350-352) e OCA2015 (v. 3, p. 643-645). Texto-base: FAL1870. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda. O poema “Cigognes et turbots” foi publicado em *Poésies: festons et astragales* (1859, p. 113-116).

¹ (A Anísio Semprônio Rufo) [A Asinius Sempronius Rufus.] – em SI e em MACV1998. Asinius Sempronius Rufus introduziu a cegonha na culinária romana, quando era candidato à Pretoria. Não era admitida a caça dessa ave, talvez porque fosse inimiga de serpentes, talvez por razões míticas. O candidato não só não alcançou a Pretoria; ele tornou-se, por esse motivo, assunto de zombarias populares. (Cf. PEIGNOT, 1827, p. 446)

² (BOUILHET) [Traduzido de Bouillet.] – em SI; (BOUILLET.) – em FAL1870; (BOUILLET). – em PC1937; (BOUILLET) – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL; (*Bouillet*) – em PCRR e em OCA2015. Louis Bouilhet (1822-1869): poeta e autor dramático francês; condiscípulo e amigo de Flaubert. (Cf. *PETIT Larousse*, 1965, p. 1217)

³ Frígia,] Frúgia, – em FAL1870 (corrigido na errata).

⁴ Em PCRR, este verso vem alinhado com os decassílabos, à esquerda.

⁵ Porque] Por que – em SI, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em MACV1998, em TPCL, em PCRR e em OCA2015. “Porque”, nesta passagem, significa “para que”. Domingos Paschoal Cegalla (2009, p. 313) observa: “Raro hoje em dia, o *porque* [como conjunção] final ocorre com frequência em autores clássicos.”

⁶ Universo,] universo, – em SI.

Ó pai das comezainas, em criar-te
Teu século esfalfou-se.⁷
A tua vinda ao mundo prepararam
Os destinos, e acaso amiga estrela⁸
15 Ao primeiro vagido de teus lábios⁹
Entre nuvens luzia.

Antes de ti, no seu vulgar instinto,
Que comiam Romanos?¹⁰ Carne insossa
Dos seus rebanhos vis, e uns pobres frutos,
20 Pasto bem digno deles;
A escudela de pau outrora ornava,
Com o saleiro antigo, a mesa rústica,
A mesa em que, três séculos contados,¹¹
Comeram senadores.

25 E quando, por salvar a pátria em risco,
Os velhos se ajuntavam, quantas vezes
O cheiro do alho enchia a antiga cúria,
O pórtico sombrio,
Onde vencidos reis o chão beijavam;¹²
30 Quantas, deixando em meio a malcozida,
A sensabor chanfana, iam de um salto
À conquista do mundo!

Ao voltar dos combates, vencedores,¹³
Carga de glória a nau trazia ao porto,¹⁴
35 Reis vencidos, tetrarcas subjugados,
E rasgadas bandeiras...
Iludiam-se os míseros! Bem hajas,
Bem hajas tu, grande homem, que trouxeste
Na tua ovante barca à ingrata Roma¹⁵
40 Cegonhas, rodovalhos!

Maior que esse marujo¹⁶ que estripava,
Coo rijo arpéu, as naus cartaginesas,¹⁷ →

⁷ esfalfou-se.] esfalfou-se; – em SI.

⁸ estrela] estrela, – em SI.

⁹ lábios] lábios, – em SI.

¹⁰ Romanos?] romanos? – em SI, em OCA1994, em MACV1998, em PCRR e em OCA2015.

¹¹ A mesa em que, três séculos contados,] A mesa em que, – três séculos contados, – (com dois travessões) – em SI.

¹² beijavam;] beijavam! – em SI.

¹³ combates, vencedores,] combates vencedores, – em SI.

¹⁴ porto,] porto; – em SI.

¹⁵ Na tua ovante barca à ingrata Roma] Na tua ovante barca, à ingrata Roma, – em SI.

¹⁶ marujo] romano – em SI.

¹⁷ cartaginesas,] cartaginesas – em OCA1994.

- Tu, Semprônio, coas redes apanhavas
Ouriçado marisco;
- 45 Tu, glutão vencedor, cingida a fronte
Coo verde mirto, a terra percorreste,¹⁸
Por encontrar os fartos, os gulosos¹⁹
Ninhos de finos pássaros.
- Roma desconheceu teu gênio, ó Rufo!
50 Dizem até (vergonha!) que negara
Aos teimosos desejos que nutrias
O voto da pretura.²⁰
Mas a ti, que te importa a voz da turba?
Efêmero²¹ rumor que o vento leva
55 Como a vaga²² do mar. Não, não raiaram
Os teus melhores dias.
- Virão, quando²³ aspirar a invicta Roma
As preguiçosas brisas do oriente;²⁴
Quando coa mitra d'ouro, o descorado,²⁵
60 O cidadão romano,
Pelo foro arrastar o tardo passo²⁶
E sacudir da toga roçagante,²⁷
Às virações²⁸ os tépidos perfumes²⁹
Como um sátrapa assírio.
- 65 Virão, virão, quando na escura noite³⁰
A orgia imperial encher o espaço
De viva luz, e embalsamar as ondas
Com os seus bafos quentes;
Então do sono acordarás, e a sombra,
70 A tua sacra sombra irá pairando³¹ →

¹⁸ a terra percorreste.] as terras percorreste – em SI.

¹⁹ Entre os sentidos do adjetivo “guloso”, há os seguintes (que se aplicam a este verso): “algo que desperta gula, apetitoso, delicioso.” (Cf. AULETE digital, disponível em: <<https://www.aulete.com.br/guloso>>.) Acesso em: 21 fev. 2022.

²⁰ pretura.] pretura... – em SI.

²¹ Efêmero] Efêmero (precedido de travessão) – em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

²² Como a vaga] Com a vaga – em SI.

²³ Virão, quando] Virão quando – em SI.

²⁴ oriente;] Oriente; – em SI.

²⁵ o descorado.] descorado, – em OCA1994 e em MACV1998.

²⁶ passo] passo, – em SI.

²⁷ roçagante,] roçagante – em SI.

²⁸ Às virações] As virações – em PCEC1976 e em TPCL.

²⁹ perfumes] perfumes, – em SI.

³⁰ noite] noite. – em PC1937; noite, – em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

³¹ pairando] pairando, – em SI.

Ao ruído das músicas noturnas³²
Nas rochas de Capreia.³³

Ó mártir dos festins! Queres vingança?
Tê-la-ás e à farta,³⁴ à tua grã memória;
75 Vinga-te o luxo que domina a Itália;
Ressurgirás ovante
Ao dia em que na mesa dos Romanos³⁵
Vier pompear³⁶ o javali silvestre,
Prato a que der os finos molhos Troia³⁷
80 E rouxinol as línguas.³⁸

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

FAL1870 – *Falenas*, 1870.

MACV1998 – *Machado de Assis & confrades de versos*, 1998.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

PC1937 – *Poesias completas*, 1937.

PC1953 – *Poesias completas*, 1953.

PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.

PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.

SI – *Semana Ilustrada* (n. 424, p. 3390-3391, 24 jan. 1869).

TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

ASSIS, Machado de [M. A.]. Cegonhas e rodovalhos. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 424, p. 3390-3391, 24 jan. 1869.

³² noturnas] noturnas, – em SI.

³³ Capreia] Cápreas – em MACV1998. Com esta redação, se acatado o acento na primeira sílaba da palavra, o verso tem apenas cinco sílabas. “Cápreas”, conforme vem em MACHADO (1984, v. 1, p. 343), é outro nome de Capri, ilha italiana situada em frente ao golfo de Nápoles. É a antiga *Capreae* romana – residência favorita de Tibério (42 a.C-37 d.C). (Cf. *GRANDE enciclopédia Larousse cultural*, v. 2, p. 632) A forma usada pelo poeta nos parece mais compatível com o étimo latino; o acento na segunda sílaba acerta a medida do verso.

³⁴ Tê-la-ás e à farta,] Tê-la-ás, e à farta, – em SI; Tê-las-ás e à farta, – em PC1953, em PCEC1976 e em OCA1994.

³⁵ Ao dia em que na mesa dos Romanos] No dia em que, na mesa dos romanos, – em SI; Ao dia em que, na mesa dos Romanos, – em PCEC1976 e em TPCL; Ao dia em que na mesa dos romanos – em OCA1994, em MACV1998, em PCRR e em OCA2015.

³⁶ pompear] romper – em PCEC1976 e em TPCL.

³⁷ Troia] Troia, – em SI, em PCEC1976 e em TPCL.

³⁸ Em SI, abaixo dos versos, vem esta assinatura: M. A.

ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Ed. preparada por Carmelo Virgillo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Machado de Assis & confrades de versos*. Org. John Gledson. São Paulo: minden, 1998.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

BOUILHET, Louis. *Poésies: festons et astragales*. Paris: A. Bourdilliat et C^{ie}, 1859.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 3. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lexikon, 2009.

GRANDE enciclopédia Larousse cultural. São Paulo: Universo, 1988. 8v.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1984. 3v.

PEIGNOT, G. Gastronomy of the Romans. In: *American Quarterly Review*, Philadelphia, v. 2, n. 2, p. 422-458, dec. 1827. Disponível em: <<https://bit.ly/2tswTdX>>. Acesso em: 17 fev. 2019.

PETIT Larousse. Dictionnaire encyclopédique pour tous. Paris: Larousse, 1965.

Endereços eletrônicos:

<https://www.aulete.com.br/>

A UM LEGISTA*

Tu foges à cidade?
Feliz amigo! Vão
Contigo a liberdade,¹
A vida e o coração.

5 A estância que te espera
 É feita para o amor
 Do sol coa primavera,
 No seio de uma flor.

10 Do paço de verdura
 Transpõe-me esses umbrais;
 Contempla a arquitetura
 Dos verdes palmeirais.

15 Esquece o ardor funesto
 Da vida cortesã;
 Mais val que o teu Digesto²
 A rosa da manhã.

20 Rosa... que se enamora
 Do amante colibri,
 E desde a luz da aurora
 Os seios lhe abre e ri.

* Esta edição do poema “A um legista” foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: FAL1870 (p. 85-88), PC1937 (p. 216-218), PC1953 (p. 238-240), OCA1959 (v. III, p. 232-234), PCEC1976 (p. 333-335), OCA1994 (v. III, p. 217-218), TPCL (p. 125-127), PCRR (p. 353-354) e OCA2015 (v. 3, p. 645-647). Texto-base: FAL1870. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda.

¹ liberdade,] liberdade – em OCA1959 e em OCA1994.

² Digesto] *Digesto* – em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em TPCL, em PCRR e em OCA2015.

Mas Zéfiro brejeiro
Opõe ao beija-flor
Embargos de terceiro
Senhor e possuidor.

25 Quer este possui-la,
Também o outro a quer.
A pobre flor vacila,
Não sabe a que atender.

30 O sol, juiz tão grave
Como o melhor doutor,
Condena a brisa e a ave
Aos ósculos da flor.

35 Zéfiro ouve e apela.³
Apela o colibri.⁴
No entanto a flor singela
Com ambos folga e ri.

40 Tal a formosa dama
Entre dous fogos, quer
Aproveitar a chama...
Rosa, tu és mulher!

45 Respira aqueles ares,
Amigo. Deita ao chão
Os tédios e os pesares.⁵
Revive. O coração

50 É como o passarinho,
Que deixa sem cessar
A maciez do ninho
Pela amplidão do ar.

Pudesse eu ir contigo,
Gozar contigo a luz;
Sorver ao pé do amigo
Vida melhor e a flux!

³ e apela.] a apela. – em PC1937.

⁴ Apela o colibri.] Apela a colibri. – em FAL1870 e em PCRR, em OCA2015.

⁵ pesares.] pesares – em PC1937.

55 Ir escrever nos campos,
Nas folhas dos rosais,
E à luz dos pirilampos,
Ó Flora, os teus jornais!

60 Da estrela que mais brilha
Tirar um raio, e então
Fazer a *gazetilha*
Da imensa solidão.

Vai tu que podes.⁶ Deixa
Os que não podem ir,
Soltar a inútil queixa,⁷
Mudar é reflorir.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

FAL1870 – *Falenas*, 1870.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

PC1937 – *Poesias completas*, 1937.

PC1953 – *Poesias completas*, 1953.

PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.

PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.

TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azedo*. Ed. preparada por Carmelo Virgillo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

⁶ Vai tu que podes.] Vai tu, que podes. – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

⁷ queixa,] queixa. – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Ed. Oséias Silas Ferraz. Belo Horizonte: Crisálida, 2000.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

ESTÂNCIAS A EMA*

(ALEX. DUMAS FILHO)¹

I²

Sáimos, ela e eu, dentro de um carro,
Um ao outro abraçados; e como era
Triste e sombria a natureza em torno,³
Ia conosco a eterna primavera.

5 No cocheiro fiávamos a sorte
Daquele dia, o carro⁴ nos levava →

* Esta edição do poema “Estâncias a Ema” foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: DRJ (ano XLV, n. 85, p. 1, 6 abr. 1865), SM (ano I, n. 26, p. 7-8, 23 fev. 1868), FAL1870 (p. 91-100), PC1937 (p. 219-226), PC1953 (p. 241-248), OCA1959 (v. III, p. 234-238), PCEC1976 (p. 336-342), OCA1994 (v. III, p. 218-222), TPCL (p. 128-134), PCRR (p. 355-360) e OCA2015 (v. 3, p. 647-652). Texto-base: FAL1870. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda. Em DRJ, o poema, com o título “Versos a Ema”, traz o subtítulo “A DAMA DAS PÉROLAS” entre parênteses, e ocupa o rodapé, sob o título “Folhetim.” Entre o subtítulo e a primeira parte do poema, vêm as seguintes palavras: “Todos sabem que Dumas Filho copiou Margarida Gautier, Diana de Lys e Susana d’Ange por três modelos que encontrou no mundo parisiense. / A cada uma das mulheres que lhe serviram de modelo o autor da *Dama das pérolas* consagrou algumas estrofes da sua musa singela e original. / Tivemos ocasião de publicar, traduzida em versos portugueses, a poesia consagrada a Maria Duplessis. / Faremos o mesmo agora com as duas poesias feitas à condessa Ema (*a dama das pérolas*). À primeira demos o título de *Um passeio de carro* – e à segunda – *Um ano depois*. / Procuramos conservar a simplicidade, às vezes prosaica, do texto francês. Se os pensamentos viçosos e originais não perderam nesta transplantação, decidam-no os competentes.” Em SM, o poema aparece com o título “Estâncias a Ema”, com os mesmos intertítulos atribuídos às duas partes que o compõem. Alexandre Dumas Filho incluiu esses versos (com exceção de uma estrofe – ver nota 78 desta edição) no romance *La dame aux perles* (DUMAS FILS, 1855, p. 119-121 – parte I, e p. 373-375 – parte II) e, sob o título de “Saint-Cloud”, no prefácio ao drama “Diane de Lys” (DUMAS FILS, 1868, p. 487-493). A fonte utilizada por Machado de Assis nos é desconhecida.

¹ (ALEX. DUMAS FILHO) [A. Dumas Filho.] – em SM; (ALEX. DUMAS, FILHO). – em FAL1870; (ALEX. DUMAS, FILHO) – em PC1937; (ALEXANDRE DUMAS FILHO) – em TPCL; (*Alexandre Dumas Filho*) – em PCRR e em OCA2015.

² Em DRJ e em SM, abaixo do algarismo romano, há este intertítulo: UM PASSEIO DE CARRO. Em PC1937, não há o algarismo romano, apenas o intertítulo: “Um passeio de carro”. Em PC1953 e em OCA1959, abaixo do algarismo romano, há o intertítulo: UM PASSEIO DE CARRO; em OCA1994, vem assim: I / UM PASSEIO DE CARRO – com algarismo e intertítulo na mesma linha.

³ em torno,] em torno... – em SM; em torno – em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994.

⁴ Daquele dia, o carro] Daquele dia, – o carro (com vírgula e travessão) – em DRJ e em SM.

- Sem ponto fixo⁵ onde aprouvesse ao homem;⁶
Nosso destino em suas mãos estava.
- 10 Quadrava-lhe Saint-Cloud. Eia! pois vamos!
É um sítio de luz, de aroma e riso.⁷
Demais, se as nossas almas conversavam,
Onde estivessem era o paraíso.
- 15 Fomos descer junto ao portão do parque.⁸
Era deserto e triste e mudo; o vento
Rolava nuvens cor de cinza;⁹ estavam
Seco o arbusto, o caminho lamacento.
- 20 Rimo-nos tanto, vendo-te, ó formosa,¹⁰
(E felizmente ninguém mais te via!)¹¹
Arregaçar a ponta do vestido¹²
Que o lindo pé e a meia descobria!
- Tinhas o gracioso acanhamento
Da fidalga gentil pisando a rua;
Desafeita ao andar, teu passo incerto
Deixava conhecer a raça tua.
- 25 Uma das tuas¹³ mãos alevantava
O vestido de seda; as saias finas
Iam mostrando as rendas e os bordados,
Lambendo o chão, molhando-te as botinas.
- 30 Mergulhavam teus pés a cada instante,¹⁴
Como se o chão quisesse ali guardá-los.¹⁵
E que afã! Mal¹⁶ podíamos nós ambos
Da cobiçosa terra libertá-los.

⁵ fixo] fixo, – em DRJ, em SM, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

⁶ ao homem;] ao homem: – em SM.

⁷ riso.] riso, – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

⁸ Fomos descer junto ao portão do parque.] Descemos juntos ao portão do parque; – em SM; Fomos descer junto ao portão do parque, – em PC1937; Fomos descer junto ao portão do parque; – em PC1953.

⁹ cinza;] cinza: – em SM.

¹⁰ formosa,] formosa. – em SM.

¹¹ te via!)] te via.) – em SM.

¹² vestido] vestido, – em SM.

¹³ tuas] tnas – em FAL1870.

¹⁴ a cada instante,] e cada instante, – em PC1937.

¹⁵ guardá-los.] guardá-los! – em SM.

¹⁶ Mal] mal – em SM.

Doce passeio aquele! E como é belo
O amor no bosque,¹⁷ em tarde tão sombria!
35 Tinhas os olhos úmidos, – e a face¹⁸
A rajada do inverno enrubescia.

Era mais belo¹⁹ que a estação das flores;
Nenhum olhar nos espreitava ali;
Nosso era o parque, unicamente nosso;
40 Ninguém! estava eu só ao pé de ti!

Perlustramos as longas avenidas
Que o horizonte cinzento limitava,²⁰
Sem mesmo ver as deusas conhecidas²¹
Que o arvoredo sem folhas abrigava.²²

45 O tanque, onde nadava um níveo cisne
Placidamente, – o passo nos deteve;²³
Era a face do lago uma esmeralda
Que refletia o cisne²⁴ alvo de neve.

Veio este a nós,²⁵ e como que pedia²⁶
50 Alguma²⁷ cousa, uma migalha apenas;
Nada tinhas que dar;²⁸ a ave arrufada
Foi-se cortando as águas tão serenas.²⁹

E nadando parou junto ao repuxo
Que de água viva aquele tanque enchia;
55 O murmúrio das gotas que tombavam
Era o único³⁰ som que ali se ouvia.

¹⁷ no bosque,] no bosque – em SM.

¹⁸ Tinhas os olhos úmidos, – e a face] Tinhas os olhos úmidos, e a face – em SM; Tinhas os olhos úmidos – e a face – em OCA2015.

¹⁹ belo] belo, – em SM.

²⁰ limitava,] limitava. – em OCA1994.

²¹ deusas conhecidas] *deusas* conhecidas, – em SM.

²² abrigava.] abrigava; – em SM.

²³ Placidamente, – o passo nos deteve;] Placidamente, – o passo nos deteve. – em DRJ; Placidamente – o passo nos deteve: – em SM; Placidamente – o passo nos deteve; – em OCA2015.

²⁴ cisne] cisne, – em SM.

²⁵ a nós,] à nós, – em SM.

²⁶ e como que pedia] e como pedia – em PC1937.

²⁷ Alguma] Alga – em PC1937.

²⁸ dar;] dar-lhe; – em DRJ, em SM e em FAL1870 (corrigido na errata).

²⁹ serenas.] serenas, – em DRJ; serenas; – em SM.

³⁰ único] uuico – em DRJ.

Lá ficamos tão juntos um do outro,
Olhando o cisne e escutando as águas;³¹
Vinha a noite; a sombria cor do bosque
60 Emoldurava as nossas próprias mágoas.

Num pedestal, onde outras frases ternas,³²
A mão de outros amantes escreveu,
Fui traçar, meu amor, aquela data³³
E junto dela pôr³⁴ o nome teu!³⁵

65 Quando o estio volver àquelas³⁶ árvores,
E à sombra delas for a gente a flux,³⁷
E o tanque refletir³⁸ as folhas³⁹ novas,
E o parque encher-se de murmúrio e luz,⁴⁰

70 Irei um dia, na estação das flores,
Ver a coluna onde escrevi teu⁴¹ nome,
O doce nome que minha alma⁴² prende,
E que o tempo, quem sabe? já consome!⁴³

Onde estarás então? Talvez bem longe,
Separada de mim, triste e sombrio;⁴⁴
75 Talvez tenhas seguido a alegre estrada,
Dando-me áspero inverno em pleno estio.

Porque o inverno não é o frio e o vento,
Nem a erma alameda que ontem vi;
O inverno é o coração⁴⁵ sem luz, nem flores,⁴⁶
80 É o que eu hei de ser longe de ti!⁴⁷

³¹ águas;] águas: – em SM.

³² frases ternas,] farses ternas – em SM.

³³ Fui traçar, meu amor, aquela data] Foi traçar meu amor, aquela data, – em SM.

³⁴ pôr] por – em PC1937 e em PCRR.

³⁵ o nome teu!] o nome teu. – em SM.

³⁶ àquelas] aquelas – em SM, em FAL1870 e em PCRR.

³⁷ a flux,] à flux, – em DRJ e em SM.

³⁸ refletir] reflectir – em PC1937.

³⁹ folhas] falhas – em PCEC1976 e em TPCL.

⁴⁰ murmúrio e luz,] murmúrio e luz... – em SM.

⁴¹ teu] tão – em DRJ.

⁴² minha alma] minh'alma – em DRJ. A pronúncia correta, no verso, é “minh'alma”.

⁴³ já consome!] Já consome! – em OCA1959 e em OCA1994.

⁴⁴ triste e sombrio;] triste, e sombrio; – em SM.

⁴⁵ O inverno é o coração] O inverno e o coração – em PC1937.

⁴⁶ sem luz, nem flores,] sem luz nem flores, – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

⁴⁷ longe de ti!] longe de ti. – em SM.

II⁴⁸

Correu um ano desde aquele dia⁴⁹
Em que fomos ao bosque,⁵⁰ um ano, sim!
Eu já previa o fúnebre desfecho
Desse tempo feliz, – triste de mim!⁵¹

85 O nosso amor nem viu nascer as flores;⁵²
Mal aquecia um raio de verão;⁵³
Para sempre, talvez, das nossas almas
Começou a cruel separação.⁵⁴

90 Vi esta primavera em longes terras,⁵⁵
Tão ermo de esperanças e de amores,⁵⁶
Olhos fitos na estrada, onde esperava
Ver-te chegar, como a estação das flores.⁵⁷

95 Quanta vez meu olhar sondou a estrada
Que entre espesso arvoredado se perdia,⁵⁸
Menos triste, inda assim, menos escuro
Que a dúvida cruel que me seguia!⁵⁹

100 Que valia esse⁶⁰ sol abrindo as plantas
E despertando o sono das campinas?⁶¹
Inda mais altas que as searas louras,
Que valiam as flores peregrinas?⁶²

⁴⁸ Em DRJ e em SM, abaixo do algarismo romano, vem este intertítulo: UM ANO DEPOIS. Em PC1937, abaixo do algarismo romano, o intertítulo – Um anos depois – vem em redondo. Em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994, há apenas o algarismo romano (nessas edições, junto do algarismo I, há intertítulo – ver nota 2).

⁴⁹ dia] dia, – em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

⁵⁰ bosque,] bosque; – em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994.

⁵¹ feliz, – triste de mim!] feliz – triste de mim! – em SM.

⁵² flores;] flores, – em SM.

⁵³ verão;] verão, – em DRJ; verão – em FAL1870, em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em TPCL, em PCRR e em OCA2015. Alguma pontuação é, aqui, necessária – adotamos a de SM, que nos pareceu a mais adequada.

⁵⁴ separação.] separação! – em DRJ.

⁵⁵ terras,] terras – em SM.

⁵⁶ amores,] amores; – em SM.

⁵⁷ Ver-te chegar, como a estação das flores.] Ver-te chegar, – como a estação das flores. – em DRJ.

⁵⁸ perdia,] perdia! – em SM.

⁵⁹ seguia!] seguia. – em SM.

⁶⁰ esse] este – em DRJ e em SM.

⁶¹ campinas?] campinas?! – em SM.

⁶² peregrinas?] peregrinas?! – em SM. Em TPCL, este verso não se alinha com os demais, à esquerda; vem deslocado para a direita (como se fosse um hexassílabo).

- De que servia o aroma dos outeiros?
E o canto matinal dos passarinhos?
Que me importava a mim o arfar da terra,
E nas moutas em flor os verdes ninhos?
- 105 O sol que enche de luz a longa estrada,
Se me não traz o que minh'alma⁶³ espera,
Pode apagar seus raios sedutores:⁶⁴
Não é o sol, não é a primavera!
- 110 Margaridas, caí, morrei nos campos,
Perdei o viço⁶⁵ e as delicadas cores;
Se ela vos não aspira⁶⁶ o hálito brando,⁶⁷
Já o verão não sois, já não sois flores!
- 115 Prefiro o inverno desfolhado e mudo,
O velho inverno, cujo olhar sombrio
Mal se derrama nas cerradas trevas,⁶⁸
E vai morrer no espaço úmido e frio.⁶⁹
- 120 É esse o sol das almas desgraçadas;⁷⁰
Venha o inverno, somos tão amigos!
Nossas tristezas são irmãs em tudo:⁷¹
Temos ambos o frio dos jazigos!
- Contra o sol, contra Deus, assim falava
Dês que assomavam matinais albores;
Eu aguardava as tuas doces letras
Com que ao céu perdoasse as belas cores!
- 125 Iam assim, um após outro, os dias.⁷²
Nada. – E aquele horizonte⁷³ tão fechado
Nem deixava chegar aos meus ouvidos
O eco longínquo⁷⁴ do teu nome amado.

⁶³ minh'alma] minha alma – em SM.

⁶⁴ sedutores:] sedutores; – em SM.

⁶⁵ o viço] o aroma – em DRJ e em SM.

⁶⁶ aspira] aspira, – em OCA1959 e em OCA1994.

⁶⁷ brando,] brando – em SM.

⁶⁸ nas cerradas trevas,] na cerrada treva, – em DRJ e em SM.

⁶⁹ E vai morrer no espaço úmido e frio.] E vai morrer no espaço, – úmido e frio. – em DRJ; E vai morrer no espaço – úmido e frio. – em SM.

⁷⁰ desgraçadas;] desoladas: – em DRJ; desoladas; – em SM.

⁷¹ tudo:] tudo; – em SM.

⁷² dias.] dias; – em SM.

⁷³ Nada. – E aquele horizonte] Nada. – E o horizonte – em DRJ; Nada. E o horizonte – em SM.

⁷⁴ longínquo] longínquo – em DRJ.

Só,⁷⁵ durante seis meses, dia e noite⁷⁶
130 Chamei por ti na minha angústia⁷⁷ extrema;
A sombra era mais densa a cada passo,
E eu murmurava sempre: – Oh! minha Ema!⁷⁸

Um quarto de papel – é pouca cousa;⁷⁹
Quatro linhas escritas – não é nada;
135 Quem não quer escrever colhe uma rosa,⁸⁰
No vale aberta, à luz da madrugada.⁸¹

Mandam-se as folhas num papel fechado;
E o proscrito, ansiando de esperança,⁸²
Pode entreabrir⁸³ nos lábios um sorriso
140 Vendo naquilo uma fiel lembrança.⁸⁴

Era fácil fazê-lo⁸⁵ e não fizeste!
Meus dias eram mais desesperados.⁸⁶
Meu pobre coração ia secando
Como esses frutos no verão guardados.⁸⁷

145 Hoje, se o comprimissem, mal deitava⁸⁸
Uma gota de sangue;⁸⁹ nada encerra.
Era uma taça cheia:⁹⁰ uma criança,⁹¹
De estouvada que foi, deitou-a em terra!⁹²

⁷⁵ Só,] Só! – em SM.

⁷⁶ dia e noite] dia e noite, – em DRJ.

⁷⁷ na minha angústia] na minha angustia – em DRJ; em minha angústia – em SM.

⁷⁸ sempre: – Oh! minha Ema!] sempre: Ó minha Ema! – em DRJ; sempre – Ó minha Ema! – em SM. Esta estrofe não aparece na versão do poema que Alexandre Dumas Filho incluiu no romance *La dame aux perles* (Cf. DUMAS FILS, 1855, p. 373-375) nem na versão que pôs no prefácio do drama “Diane de Lys” (DUMAS FILS, 1868, p. 487-493).

⁷⁹ Um quarto de papel – é pouca cousa;] Um quarto de papel é pouca cousa; – em SM.

⁸⁰ rosa,] rosa – em SM.

⁸¹ madrugada.] madrugada! – em DRJ.

⁸² E o proscrito, ansiando de esperança,] E o proscrito, – ansiado de esperança, – (com dois travessões) – em SM.

⁸³ entreabrir] entre abrir – em PCEC1976.

⁸⁴ lembrança.] lembrança! – em DRJ e em SM.

⁸⁵ fazê-lo] fazê-lo, – em SM.

⁸⁶ Meus dias eram mais desesperados.] Iam meus dias mais desesperados. – em DRJ; Iam meus dias mais desesperados – em SM.

⁸⁷ guardados.] guardados! – em SM.

⁸⁸ se o comprimissem, mal deitava] se o comprimissem mal deitava – em SM.

⁸⁹ gota de sangue;] gota de sanue; – em PC1937.

⁹⁰ cheia:] cheia; – em SM, em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

⁹¹ criança,] criança – em DRJ e em SM.

⁹² De estouvada que foi, deitou-a em terra!] De estouvada que foi deitou-a em terra! – em DRJ; De estouv da que foi deitou-a em terra! – em SM.

- 150 É este o mesmo tempo, o mesmo dia.⁹³
Vai o ano tocando quase ao fim;
É esta a hora em que, formosa e terna,⁹⁴
Conversavas de amor, junto de mim.⁹⁵
- O mesmo aspecto:⁹⁶ as ruas estão ermas,⁹⁷
A neve coalha o lago preguiçoso;
155 O arvoredo gastou as roupas verdes,⁹⁸
E nada o cisne triste e silencioso.
- Vejo ainda no mármore o teu nome,⁹⁹
Escrito quando ali comigo andaste.¹⁰⁰
Vamos! Sonhei,¹⁰¹ foi um delírio apenas,
160 Era um louco, tu não me abandonaste!¹⁰²
- O carro espera:¹⁰³ vamos. Outro dia,¹⁰⁴
Se houver bom tempo, voltaremos, não?¹⁰⁵
Corre este véu sobre teus olhos¹⁰⁶ lindos,
Olha¹⁰⁷ não caias, dá-me a tua mão!¹⁰⁸
- 165 Choveu:¹⁰⁹ a chuva umedeceu a terra.¹¹⁰
Anda! Ai de mim! Em vão minh'alma espera.¹¹¹
Estas folhas que eu piso em chão deserto
São as folhas da outra primavera!

⁹³ dia.] dia; – em SM.

⁹⁴ É esta a hora em que, formosa e terna,] É esta hora em que formosa e terna, – em SM.

⁹⁵ Conversavas de amor, junto de mim.] Falavas de amor, perto de mim. – em DRJ e em SM.

⁹⁶ aspecto:] aspecto; – em SM.

⁹⁷ ermas,] ermas; – em SM.

⁹⁸ verdes,] verdes – em SM.

⁹⁹ nome,] nome – em DRJ e em SM.

¹⁰⁰ andaste.] andaste: – em SM.

¹⁰¹ Sonhei,] sonhei, – em DRJ e em SM.

¹⁰² abandonaste!] anandonaste! – em PC1937.

¹⁰³ espera:] espera; – em SM.

¹⁰⁴ Outro dia,] Outro dia – em DRJ e em SM.

¹⁰⁵ Se houver bom tempo, voltaremos, não?] Se houver bom tempo voltaremos, não? – em DRJ e em SM.

¹⁰⁶ teus olhos] os teus olhos – em DRJ e em SM.

¹⁰⁷ Olha] Olha, – em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em TPCL e em OCA2015. A vírgula depois de “Olha” é gramaticalmente necessária; sua ausência, entretanto, pode ter certo valor expressivo, ressaltando a urgência da atenção necessária para não cair (o que é reforçado pela exclamação ao final do verso) – razão pela qual não a adotamos nesta edição.

¹⁰⁸ mão!] mão. – em SM.

¹⁰⁹ Choveu:] Choveu; – em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

¹¹⁰ a terra.] as terras. – em DRJ; as terras; – em SM.

¹¹¹ Em vão minh'alma espera.] O que minha alma espera? – em DRJ e em SM.

170 Não, não estás aqui, chamo-te embalde!
Era ainda uma última ilusão.¹¹²
Tão longe desse¹¹³ amor fui inda o mesmo,
E vivi dous invernos sem verão.¹¹⁴

175 Porque o verão não é aquele tempo¹¹⁵
De vida e de calor que eu não vivi;
É a alma entornando a luz e as flores,¹¹⁶
É o que hei de ser ao pé de ti!¹¹⁷

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

DRJ – *Diário do Rio de Janeiro* (ano XLV, n. 85, p. 1, 6 abr. 1865).
FAL1870 – *Falenas*, 1870.
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
PC1937 – *Poesias completas*, 1937.
PC1953 – *Poesias completas*, 1953.
PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.
PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.
SM – *Semanário Maranhense* (ano I, n. 26, p. 7-8, 23 fev. 1868).
TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

ASSIS, Machado de. Versos a Ema. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano XLV, n. 85, p. 1, 6 abr. 1865.

ASSIS, Machado de. Estâncias a Ema. *Semanário Maranhense*, São Luís, ano I, n. 26, p. 7-8, 23 fev. 1868.

ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

¹¹² uma última ilusão.] uma última ilusão! – em DRJ e em SM; um última ilusão. – em PC1937.

¹¹³ desse] deste – em DRJ e em SM.

¹¹⁴ E vivi dous invernos sem verão.] E vivi dous invernos sem verão! – em DRJ; E vivo dois invernos sem verão! – em SM.

¹¹⁵ tempo] tempo, – em DRJ.

¹¹⁶ flores,] flores – em DRJ; flores; – em SM.

¹¹⁷ tí!] tí. – em SM. Em DRJ, ao pé dos versos, vêm estas informações: (De Alexandre Dumas Filho) / MACHADO DE ASSIS. Em SM, vem apenas MACHADO DE ASSIS.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Ed. preparada por Carmelo Virgillo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Ed. Oséias Silas Ferraz. Belo Horizonte: Crisálida, 2000.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

DUMAS FILS, Alexandre. *La dame aux perles*. Paris: Librairie Nouvelle, 1855.

DUMAS FILS, Alexandre. *Théâtre complet de Al. Dumas Fils: Première série – La dame aux camélias; Diane de Lys, Bijou de la Reine. Deuxième Édition*. Paris: Michel Lévy Frères, 1868.

A MORTE DE OFÉLIA*

(PARÁFRASE)¹

 Junto ao plácido rio²
Que entre margens de relva e fina areia
 Murmura e serpenteia,
 O tronco³ se levanta,
5 O tronco melancólico e sombrio
De um salgueiro. Uma fresca e branda aragem
 Ali suspira e canta,
Abraçando-se à trêmula folhagem⁴
Que se espelha na onda voluptuosa.
10 Ali a desditosa,
A triste Ofélia foi sentar-se um dia.⁵
Enchiam-lhe⁶ o regaço umas capelas
 Por suas mãos tecidas
 De várias flores belas,
15 Pálidas margaridas,
E rainúnculos,⁷ e essas outras flores →

* Esta edição do poema “A morte de Ofélia” foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: FAL1870 (p. 103-105), MARLP (p. 49-50), PC1937 (p. 227-228), PC1953 (p. 249-250), OCA1959 (v. III, p. 239-240), PCEC1976 (p. 343-344), OCA1994 (v. III, p. 222-223), MACV1998 (p. 54-57), TPCL (p. 135-136), PCRR (p. 361-362) e OCA2015 (v. 3, p. 652-653). Texto-base: FAL1870. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda.

¹ (PARÁFRASE)] (PARÁFRASE). – em FAL1870; PARÁFRASE. – em MARLP; (*Paráfrase*) – em PC1937, em PC1953, em PCRR e em OCA2015; (Paráfrase) – em OCA1959 e em OCA1994; (*Paráfrase.*) – em PCEC1976; (paráfrase) – em MACV1998; (PARÁFRASE) – em TPCL. Os versos são tradução (paráfrase) de trecho cena VII, ato IV, do *Hamlet*, de Shakespeare.

² Em PCRR, este e os quatro versos hexassílabos seguintes (n. 3, n. 4, n. 7 e n. 10) vêm alinhados à esquerda, com os decassílabos.

³ O tronco] A tronco – em PC1953.

⁴ Em PC1937, este verso (n. 8), assim como os versos n. 9, n. 11 e n. 12, vem deslocado para a direita, alinhado aos hexassílabos.

⁵ dia.] dia – em OCA1994 e em MACV1998.

⁶ Enchiam-lhe] Enchia-lhe – em PCEC1976 e em TPCL.

⁷ E rainúnculos,] E rainúnculos – em PC1937; E ranúnculos, – em PC1953, em PCEC1976, em MACV1998, em TPCL, em PCRR e em OCA2015.

A que dá feio nome o povo rude,
E a casta juventude
Chama – dedos-da-morte.⁸ – O olhar celeste
20 Alevantando aos ramos do salgueiro,⁹
Quis ali pendurar a ofrenda agreste.
Num galho traiçoeiro
Firmara os lindos pés,¹⁰ e já seu braço,¹¹
Os ramos alcançando,
25 Ia depor a ofrenda peregrina
De suas flores,¹² quando
Rompendo o apoio escasso,
A pálida menina
Nas águas resvalou; foram com ela
30 Os seus¹³ – dedos-da-morte – e as margaridas.
As vestes estendidas
Algum tempo a tiveram sobre as águas,
Como sereia bela,¹⁴
Que abraça ternamente a onda amiga.
35 Então, abrindo a voz harmoniosa,¹⁵
Não por chorar as suas fundas mágoas,¹⁶
Mas por soltar a nota deliciosa
De uma canção antiga,¹⁷
A pobre naufragada
40 De alegres sons enchia os ares tristes,¹⁸
Como se ali não visse a sepultura,¹⁹
Ou fosse ali criada.
Mas de súbito as roupas embebidas
Da linfa calma e pura
45 Levam-lhe o corpo ao fundo da corrente,²⁰
Cortando-lhe no lábio a voz e o canto. →

⁸ O vocábulo “dedo-da-morte” não consta do *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* nem dos principais dicionários da língua. Adotamos sua grafia com hífen, conforme a recomendação do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa vigente (2ª edição, 2013): “Emprega-se o hífen nas palavras compostas que designam espécies botânicas ou zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento”.

⁹ salgueiro,] salgueiro – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em MACV1998 e em TPCL.

¹⁰ lindos pés,] lindos pés – em PC1937.

¹¹ braço,] braço. – em MARLP e em PCRR. A vírgula, em FAL1870, está mal impressa (mas é vírgula).

¹² De suas flores,] De suas flores – em PC1937.

¹³ Os seus] Nos seus – em MARLP.

¹⁴ sereia bela,] sereia bela – em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em MACV1998 e em TPCL.

¹⁵ Então, abrindo a voz harmoniosa,] Então abrindo a voz harmoniosa – em PC1937.

¹⁶ fundas mágoas,] fundas mágoas – em PC1937.

¹⁷ De uma canção antiga,] De um canção antiga – em PC1937.

¹⁸ ares tristes,] ares tristes – em PC1937.

¹⁹ sepultura,] sepultura – em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em MACV1998 e em TPCL.

²⁰ corrente,] corrente – em PC1937.

As águas homicidas,
Como a laje de um túmulo recente,²¹
Fecharam-se; e sobre elas,²²
50 Triste emblema de dor e de saudade,²³
Foram nadando as últimas capelas.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

FAL1870 – *Falenas*, 1870.
MACV1998 – *Machado de Assis & confrades de versos*, 1998.
MARLP – *Machado de Assis*, Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa, 1921.
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
PC1937 – *Poesias completas*, 1937.
PC1953 – *Poesias completas*, 1953.
PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.
PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.
TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

ACORDO ortográfico da Língua Portuguesa. 2ª edição, atualizada até dezembro de 2013. Brasília: Senado Federal, 2014.

ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].

ASSIS, Machado de. Menina e moça. In: *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Revista de Língua Portuguesa, 1921. p. 49-50. (Estante Clássica)

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Ed. preparada por Carmelo Virgillo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

²¹ túmulo recente,] túmulo recente – em PC1937; túmulo recente; – em TPCL.

²² Fecharam-se; e sobre elas,] Fecham-se; e sobre elas – em PC1937.

²³ saudade,] saudade – em PC1937.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Machado de Assis & confrades de versos*. Org. John Gledson. São Paulo: minden, 1998.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

CANTIGA DO ROSTO BRANCO*

Rico era o rosto branco; armas trazia,
E o licor que devora e as finas telas;
Na gentil Tibeíma os olhos poussa,
E amou a flor das belas.¹

5 “Quero-te!” disse à cortesã da aldeia;²
“Quando, junto de ti, teus olhos³ miro,
A vista se me turva, as forças perco,
E quase, e quase expiro.”⁴

E responde a morena requebrando
10 Um olhar doce, de cobiça cheio:
“Deixa em teus lábios imprimir meu nome;
Aperta-me em teu seio!”⁵

* Esta edição do poema “Cantiga do rosto branco” foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: AM1875 (p. 137-140), PC1937 (p. 335-338), PC1953 (p. 358-361), OCA1959 (v. III, p. 241-242), PCEC1976 (p. 436-438), OCA1994 (v. III, p. 225-226), MACV1998 (p. 63-69), TPCL (p. 262-264), PCRR (p. 371-373) e OCA2015 (v. 3, p. 657-659). Texto-base: AM1875. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda. Em AM1875, há uma nota junto ao título, sinalizada por um asterisco entre parênteses, que remete ao rodapé, onde se lê: “Veja nota no fim.” Ao final do volume (p. 207), lê-se o seguinte: “**Nota X** / CANTIGA DO ROSTO BRANCO..... pág. 134 [na verdade 137] / Não é original esta composição; o original é propriamente indígena. Pertence à tribo dos Mulcogulges, e foi traduzida da língua deles por Chateaubriand (*Voy. dans l’Amér.*). Tinham aqueles selvagens fama de poetas e músicos, como os nossos Tamoios. ‘Na terceira noite da festa do milho, lê-se no livro de Chateaubriand, reúnem-se no lugar do conselho; e disputam o prêmio do canto. O prêmio é conferido pelo chefe e por maioria de votos: é um ramo de carvalho verde. Concorrem as mulheres também, e algumas têm saído vencedoras; uma de suas odes ficou célebre.’ / A ode célebre é a composição que trasladei, para a nossa língua. O título na tradução em prosa de Chateaubriand é – *Chanson de la chair blanche*. / Sobre o talento das mulheres para a poesia, também o tivemos em tribos nossas. Veja FERNÃO CARDIM, *Narrativa de uma viagem e missão*.” Sobre a localização desta “Nota” nas diversas edições, ver nota 17. Os índios que Machado de Assis chama “Mulcogulges”, e Chateaubriand chama “Muscoculges”, são os índios “creeks” (que ocupavam o sudeste da América do Norte) – “muskogee” é a língua falada por eles (Cf. GLEDSON, in: MACV1998, p. 9 e p. 65).

¹ Em TPCL, depois deste verso, não há espaço de separação de estrofes.

² aldeia;] aldeia, – em PC1937; aldeia. – em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

³ teus olhos] meus olhos – em OCA1959 e em OCA1994.

⁴ expiro.”] expiro”. – em PC1937 e em PC1953.

⁵ seio!”] seio!”. – em OCA2015.

15 Uma cabana levantaram ambos,
O rosto branco e a amada flor das belas...
Mas as riquezas foram-se coo tempo,
E as ilusões com elas.

20 Quando ele empobreceu, a amada moça
Noutros lábios pousou seus lábios frios,
E foi ouvir de coração estranho
Alheios desvarios.

Desta infidelidade o rosto branco
Triste nova colheu; mas ele amava,
Inda infieis, aqueles lábios doces,
E tudo perdoava.

25 Perdoava-lhe tudo, e inda corria
A mendigar o grão de porta em porta,
Com que a moça nutrisse, em cujo peito
Jazia a afeição morta.

30 E para si, para afogar a mágoa,
Se um pouco havia do licor ardente,⁶
A dor que o devorava e renascia
Matava lentamente.

35 Sempre traído, mas amando sempre,
Ele a razão perdeu; foge à cabana,⁷
E vai correr na solidão do bosque
Uma carreira insana.

40 O famoso Sachém,⁸ ancião da tribo,
Vendo aquela traição e aquela pena,
À ingrata filha duramente fala,
E ríspido a condena.

Em vão! É duro o fruto da papaia,⁹
Que o lábio do homem acha doce e puro;¹⁰
Coração de mulher que já não ama
Esse é inda mais duro.

⁶ ardente,] ardente – em PC1937.

⁷ cabana,] cabana. – em PC1953.

⁸ MACV1998 (p. 67) traz a seguinte nota de John Gledson: “*Sachem*, palavra já incorporada ao vocabulário da língua inglesa, tem origem no ramo algonquino das línguas indígenas da América do Norte. Significa ‘chefe’, de uma tribo ou de uma confederação de tribos.” A palavra consta, também, do *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (1999 e versão *on-line*), e o *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa* (de Laudelino Freire) lhe atribui a seguinte significação: “Membro do conselho da nação, nos povos índios da América do Norte.”

⁹ É duro o fruto da papaia,] E duro o fruto da papaia, – em PC1937.

¹⁰ Que o lábio do homem acha doce e puro;] Que o homem acha doce e puro; – em PC1937.

- 45 Nu, qual saíra do materno ventre,
Olhos cavos, a barba emaranhada,
O mísero tornou, e ao próprio teto
Veio pedir pousada.
- Volvido se cuidava à flor da infância
50 (Tão escuro trazia o pensamento!)¹¹
“Mãe!” exclamava¹² contemplando a moça,
“Acolhe-me um momento!”
- Vinha faminto.¹³ Tibeíma, entanto,
Que já de outro guerreiro os dons houvera,
55 Sentiu asco daquele que outro tempo
As riquezas lhe dera.
- Fora o lançou; e ele¹⁴ expirou gemendo
Sobre folhas deitado junto à porta;
Anos volveram; coos volvidos anos,
60 Tibeíma era morta.
- Quem ali passa, contemplando os restos
Da cabana, que a erva toda esconde,¹⁵
Que ruínas são essas interroga¹⁶
E ninguém lhe responde.¹⁷

¹¹ pensamento!)] pensamento) – em PC1937; pensamento!). – em PC1953, em OCA1959, em OCA1994 e em MACV1998.

¹² “Mãe!” exclamava] “Mãe!”, exclamava – em OCA2015.

¹³ Vinha faminto.] Vinha faminto; – em TPCL.

¹⁴ e ele] ele – em PCEC1976 e em TPCL.

¹⁵ esconde,] esconde: – em PC1937.

¹⁶ Que ruínas são essas interroga] “Que ruínas são essas, interroga?” – em PC1937; “Que ruínas são essas?” interroga; – em PC1953, em OCA1959, em OCA1994, em MACV1998, em PCRR e em OCA2015; Que ruínas são essas interroga; – em PCEC1976 e em TPCL. Esse verso, pontuado de diversas maneiras por muitos editores, merece ter suas palavras dispostas na ordem direta, para que se perceba que ele não demanda qualquer intervenção: “interroga que ruínas são essas”. Trata-se de frase interrogativa indireta, não de discurso direto. Quanto a alguma pontuação no final do verso, observaríamos que final de verso, muitas vezes, tem valor de vírgula. Veja-se, por exemplo, o verso n. 43, que nenhum editor pontuou.

¹⁷ A Nota que acompanha o poema, em PC1937 vem depois do poema, com variantes de pontuação, na p. 338; em PC1953, com variantes textuais e de pontuação, vem antes do poema, na p. 358; em OCA1959, com variantes textuais e de pontuação, vem na p. 348, entre as “NOTAS [DO AUTOR]”; em PCEC1976, com variantes textuais e de pontuação, vem nas p. 440-441, entre as “Notas”, com a indicação de que o poema vem à p. 426 [na verdade, vem na p. 436]; em OCA1994, com variantes textuais e de pontuação, vem na p. 316, entre as “NOTAS[DO AUTOR]”. em MACV1998 não há a Nota; em TPCL, com extensão do título abreviado da obra de Chateaubriand e com uma variante de pontuação, vem nas p. 294-295, entre as “Notas”; em PCRR, com os títulos da canção em francês e da obra de Fernão Cardim com iniciais maiúsculas e a palavra “Mulcogulges” com inicial minúscula, vem na p. 376, entre as “NOTAS”; em OCA2015, com iniciais minúsculas em “Mulcogulges” e “Tamoios”, e sem ponto na abreviatura de “*Amérique*”, vem nas p. 660-661, entre as “Notas de Machado de Assis”.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

AM1875 – *Americanas*, 1875.

MACV1998 – *Machado de Assis & confrades de versos*, 1998.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

PC1937 – *Poesias completas*, 1937.

PC1953 – *Poesias completas*, 1953.

PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.

PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.

TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

ASSIS, Machado de. *Americanas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1875.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Ed. preparada por Carmelo Virgillo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Machado de Assis & confrades de versos*. Org. John Gledson. São Paulo: minden, 1998.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

CHATEAUBRIAND. *Voyage en Amérique*. Paris: Gabriel Roux / Arnauld de Vresse, 1857.

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. v. V. p. 4531.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.

OUTRAS EDIÇÕES

O GÊNIO*

A MACHADO DE ASSIS¹

Qual vaga que murmura as vibrações harmônicas,
que vem² do alto-mar na voz da viração,
ao bardo de “Corina”³, “ao poeta das Crisálidas”,
saúda jubiloso o mais obscuro irmão.

Um gênio benfazejo existe sobre a terra,
que ao berço vem sorrir, – que à lousa vai chorar,
depois que a raça humana em triste exílio erra,
entre um éden perdido e um condenado lar.

5 É ele quem nos guarda em não curadas mágoas,
sem sombra a luz da fé, sem mancha o céu do amor;
bem como o astro rei, mesmo ao entrar nas águas,
dos templos doura a cruz, dos campos cora a flor.

10 É ele quem recolhe as ilusões queridas
que ali, aqui, além, desprende o coração;
assim da ventania as ondas sacudidas
destroços vêm trazer às praias da soidão,

Quem mais do que ele crente expelle⁴ o negro tédio
que as dores do descrente em lágrimas desfez? →

* Este poema foi publicado na SI (ano 9, n. 422, 10 jan. 1869, p. 3374-3375). A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda.

¹ Este poema foi dedicado a Machado de Assis por Luís de Alvarenga Peixoto. Sobre ele, diz Ubiratan Machado, no *Dicionário de Machado de Assis*: “Jornalista, poeta e historiador, Peixoto (Rio de Janeiro, 1836-Lisboa, 1876) foi um dos que se entusiasmaram com o talento do jovem Machado, seu companheiro de redação na *Semana Ilustrada*. No número 10 de janeiro de 1869 desta revista, onde colaborava com o pseudônimo de Luiz d’Alva, dedicou a Machado a poesia ‘O Gênio’, com os seguintes dizeres: ‘Qual vaga que murmura as vibrações harmônicas, / que vem do alto mar na voz da viração, / ao bardo de Corina, ao poeta das *Crisálidas*, / saúda jubiloso o mais obscuro irmão.’ Machado retribuiu a gentileza, oferecendo a Peixoto a poesia ‘Visão’, que figura em *Falenas*.” (MACHADO, 2008, p. 261-262)

² O verbo “vir”, nesta forma, concorda com “vaga”; poderia também concordar com vibrações harmônicas (e ser grafado “vêm”).

³ Em SI, não há aqui fechamento de aspas.

⁴ Em SI, palavra parcialmente ilegível [expel..], por defeito de impressão.

15 Se a mão do desespero escreve: – sem remédio!
Baixinho ele nos diz: – quem sabe?... eu sei? talvez!

E quando a loura Eva, um dia, por castigo,
ouvia arrependida as queixas do porvir,
o gênio benfazejo ao peito deu-lhe abrigo,
20 bebendo inspiração no seu triste sorrir.

Depois que do Éden puro a porta resplendente
fechou-se para a terra indigna de seu Deus,
ao homem desgraçado, ao povo impenitente,
aos sons de uma harpa d'ouro ele⁵ apontava os céus.

25 Colheu no paraíso as mais formosas flores
que o homem desde então jamais deveria ver,
e para aligeirar-lhe as lancinantes dores
nos areais da vida as faz⁶ reverdecer.

Seu lábio harmonioso enflora, dentro d'alma,
30 das crenças o fervor, do belo a adoração;⁷
na frente tem a luz imensa, infinda, calma,
que exalta o Criador no rei da criação.

Não pode, embora gênio, ouvir, ver o futuro,
mas lhe descobre o encanto e fala com fervor;
35 e sabe que harmonia ou sentimento puro
comovem: como o sul⁸ que faz tremer a flor.

Àquele que se algema aos elos da pobreza,
buscando no trabalho o seu minguado pão,
o gênio benfazejo oferta o que a riqueza
40 não dá; – sono tranquilo e paz no coração!

Quem pinta com mais graça a vida de uma aldeia,
seus dias de pesar, seus dias de prazer,
no monte o vivo sol, na várzea a lua cheia,
e à⁹ luz do pobre lar as graças da mulher?

45 Quem diz com mais verdade os olhos de ternura
que para a velha esposa o pobre ainda tem?
só vendo de sua alma a eterna formosura
que nunca há de murchar por mais que seja mãe!¹⁰

⁵ ele] ede (?) – em SI.

⁶ faz] f z – em SI. Poderia, também, ser “fez”.

⁷ Em SI, palavras de leitura duvidosa – “do belo a adoração” –, por defeito de impressão.

⁸ sul – vento que sopra dessa direção.

⁹ à] a – em SI.

¹⁰ Observe-se a rima “tem/mãe”, de caráter lusitano.

50 Do pobre desterrado, errante, e sem destino,
que pisa suspirando um solo estranho ao seu,
amigo que não mente, inspira ao peregrino
poemas de saudade à pátria que perdeu.

É ele quem, depois da noite tormentosa,
nos mostra o céu – azul, e adormecido – o mar;
55 é ele quem dá voz à riba silenciosa
que faz a ave gemer e a fonte suspirar.

Nos lábios do infeliz põe cantos de esperança
coa prece que se eleva ao trono do Senhor;
do amante atraído as dores abonança,
60 erguendo a alma ferida ao Deus do eterno amor.

No cárcere sombrio, assiste angustiado
à febre do remorso em que se estorce o réu;
e atira maldições ao cutelo apressado
que corta ao delinquente os passos para o céu,

65 É ele quem na mente exausta dos artistas
derrama nova força e aviva a gasta luz,
mostrando ao que fraqueja as imortais conquistas
do férvido trabalho, e o bem da sua cruz.

70 Qual ave cuidadosa afasta do seu ninho
o galho que molesta a implume geração,
o gênio benfazejo arranca o duro espinho
da dor que dilacera um nobre coração.

Amigo o mais fiel da ardente mocidade,
não morre coo verdor da idade que passou!
75 Farol de crença, aceso ao sol da eternidade,
um dia há de volver ao ingrato que o deixou!

Como a chuva do céu, que vem cair na serra,
em rios banha o campo, e volta após ao mar,
assim ele sem pátria e nome baixa à terra,
80 encanta a humanidade e ao céu torna a voltar.

Visão pura e celeste, imagem grande e bela,
que tens na fronte a luz, no lábio a voz dos céus,
serás sempre o fanal, a protetora estrela,
do coração que sente e põe crenças em Deus!

LUÍS d'ALVA

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

SI – *Semana Ilustrada*.

Referências

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008.

PEIXOTO, Luís de Alvarenga. [Luís d'Alva] O gênio. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, ano 9, n. 422, 10 jan. 1869, p. 3374-3375.

FLOR E FRUTO*

A antítese é maior¹ do que pensaste, amigo.
.....
Está naquela idade em que se busca o abrigo
Do berço contra o sol, do mundo contra o lar;²
Antemanhã da vida, hora crepuscular,³
5 Que traz dormente a moça e desperta a menina:⁴
Esta brinca no céu, encarnação divina,
Aquele sonha e crê... quantos sonhos de amor!
São uma e outra a mesma:⁵ o fruto sai da flor.

Era a flor perfumosa e bela e delicada,⁶
10 A sedução da brisa, o amor da madrugada;
Mas nasce o fruto amargo, e traz veneno em si...⁷
Aqui morre a menina e nasce a moça; aqui
Cede a criança-luz o passo à mulher-fogo;
E vai-se o querubim, surge o demônio; e logo
15 Da terra faz escrava e quer pisá-la aos pés. →

* Esta edição do poema “Flor e fruto” foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: SI (31 jan. 1869, p. 3398-3399), FAL1870 (p. 212-213), PC1937 (p. 200-201), PC1953 (p. 222-223), OCA1959 (v. III, p. 347-348), PCEC1976 (p. 345-346), OCA1994 (v. III, p. 315), PCRR (p. 363-364) e OCA2015 (p. 654-655). Texto-base: FAL1870. É resposta de Ernesto Cibrão ao poema “Menina e moça”, publicado em *Falenas*, que Machado de Assis lhe dedicou. Em SI, abaixo do título vem a dedicatória – A Machado de Assis; e os versos, com exceção dos que iniciam períodos, vêm com iniciais minúsculas. Em FAL1870, o poema vem numa nota, na p. 212, precedido das seguintes palavras: MENINA MOÇA. / (Pág. 49.) / A estes versos respondeu o meu talentoso amigo Ernesto Cibrão com a seguinte poesia; vale a pena escrever de *meninas e moças*, quando elas produzem estas *flores e frutos*: [segue o poema FLOR E FRUTO]. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda.

¹ maior] mair – em FAL1870; mais – em PCEC1976 e em OCA2015. A Comissão Machado de Assis, em PCEC1976, optou por “mais” no lugar de “maior” – esta solução exige diérese entre o “A” inicial do verso e o “ã” inicial de “antítese”. SI traz “maior”.

² lar;] lar. – em PCEC1976.

³ crepuscular,] crepuscular – em PCEC1976.

⁴ menina:] menina; – em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976 e em OCA1994.

⁵ mesma:] mesma; – em PCEC1976.

⁶ delicada,] delicada. – em PCEC1976 e em OCA1994.

⁷ em si...] em si. – em PCRR.

Insurjo-me:⁸ serei vassalo mau talvez,
Serei; e ao triste exílio o coração condeno.
Peço a menina-flor, dão-me a mulher-veneno;⁹
Prefiro o meu deserto, a minha solidão:¹⁰
20 Ela tem o futuro, e eu tenho o coração.

Bem sabes tu¹¹ que adoro as louras criancinhas,
E levo a adoração no êxtase.¹² Adivinhas
Que encontro na criança um perfume dos céus¹³
E nela admiro a um tempo a natureza e Deus.
25 Pois, quando cinjo ao colo uma menina, e penso
Que inda há de ser mulher, sinto desgosto¹⁴ imenso;
Porque pode ser boa, e vítima será,
E, para ser ditosa, há de talvez ser má...

De mim dirás com pena: “Oh! coração vazio!”¹⁵
30 Cinza que foste luz! lama que foste rio!”¹⁶
.....
Olha, amigo, a mulher é um ídolo. Tens fé?
Ajoelha e sê feliz; eu contemplo-a de pé.¹⁷

Cede a MENINA E MOÇA¹⁸ à lei comum: divina
E bela e encantadora enquanto a vês menina;¹⁹
35 Moça, transmuda a face e toma um ar cruel:²⁰
Desaparece o arcanjo e mostra-se Lusbel.²¹
Amo-a quando é criança, adoro-a quando brinca;²²
Mas, quando pensativa o rubro lábio trinca, →

⁸ Insurjo-me:] Insurjo-me; – em PCEC1976.

⁹ mulher-veneno;] mulher-veneno: – em PCEC1976.

¹⁰ solidão:] solidão; – em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994.

¹¹ Bem sabes tu] Bem sabes tu, – em PCEC1976.

¹² no êxtase.] ao êxtase. – em PC1953, em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

¹³ céus] céus, – em PCEC1976.

¹⁴ sinto desgosto] sinto um desgosto – em PCEC1976.

¹⁵ De mim dirás com pena: “Oh! coração vazio!]

¹⁵ De mim dirás com pena: “Oh! coração vazio! – em SI;
De mim dirás com pena! “Oh! coração vazio. – em PC1937; De mim, dirás com pena: “Oh! Coração vazio; – em PCEC1976.

¹⁶ Em PCEC1976, não há fechamento de aspas.

¹⁷ Em PC1937, em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994 não há espaço de separação de estrofes depois deste verso.

¹⁸ MENINA E MOÇA] Menina e Moça – em PC1937, em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994; MENINA E MOÇA – em PCEC1976; menina e moça – em PCRR e em OCA2015.

¹⁹ menina;] menina: – em PC1937.

²⁰ cruel:] cruel; – em PC1937, em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994.

²¹ Em OCA1994, depois deste verso há espaço de separação de estrofes. Lusbel: uma das designações do demônio. Cf. MACHADO, [1984], v. 2, p. 905.

²² brinca;] brinca, – em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994.

40 E os olhos enlanguesce, e perde a rósea cor,
Temo que o fruto-fel surja daquela flor.

[ERNESTO CIBRÃO]²³

Abreviaturas utilizadas nesta edição

FAL1870 – *Falenas*, 1870.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

PC1937 – *Poesias completas*, 1937.

PC1953 – *Poesias completas*, 1953.

PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.

PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.

SI – *Semana Ilustrada*.

Referências

ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. v. III.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. III.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

CIBRÃO, Ernesto [E.]. Flor e fruto. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, ano 9, n. 425, p. 3398-3399, 31 jan. 1869.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, [1984]. 3v.

²³ Em SI, o poema traz assim a indicação de autoria: E.

ARTIGOS

MIRANDA, José Américo. Os dois primeiros livros de poesias de Machado de Assis: seus títulos, suas semelhanças e diferenças – interrelações.

OS DOIS PRIMEIROS LIVROS DE POESIAS DE MACHADO DE ASSIS: SEUS TÍTULOS, SUAS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS – INTERRELAÇÕES*

José Américo Miranda¹
Universidade Federal do Espírito Santo/CNPq/FAPES

Resumo: Este artigo examina os dois primeiros livros de poesia publicados por Machado de Assis – *Crisálidas*, em 1864, e *Falenas*, em 1870 – no que eles têm de semelhanças e de diferenças. Ambos os livros têm sido interpretados pela crítica em função de dados biográficos, porque os temas abordados nos poemas estão intimamente relacionados com a vida do poeta. No segundo livro, que é dividido em quatro partes, entretanto, apenas a primeira parte se presta a esse tipo de interpretação. Pela maneira com que seus títulos se relacionam, este artigo propõe que o título de *Falenas* só se aplica, com propriedade, à primeira parte do segundo livro.

Palavras-chave: Poesia brasileira, Nacionalismo literário, Machado de Assis.

1. Os títulos e as obras

A propósito de *Crisálidas* (1864) e *Falenas* (1870): vistos assim, à distância, como os vemos hoje, os títulos dos dois primeiros livros de Machado de Assis parecem bem ajustados e corretos. No mundo dos organismos e no tempo, a crisálida precede à falena; as metáforas dos títulos, aplicadas aos poemas de cada livro, correspondem a etapas sucessivas na história do autor – cada coisa parece em seu lugar. Entretanto, o modo como se vê qualquer objeto no mundo depende, entre outras coisas, do lugar de

* Este artigo foi originalmente publicado em *Caligrama: Revista de Estudos Românicos* (v. 22, n. 1, p. 87-107, 2017), publicada pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG. O texto, naquela publicação, está disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/11857/10610>>. Para publicação neste número da *Machadiana Eletrônica*, o artigo sofreu pequenas alterações, para ajustá-lo às normas da revista, e foi submetido a nova revisão.

¹ Pesquisador DCR (Desenvolvimento Científico Regional) do CNPq, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES), junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), de 2015 a 2018.

onde se mira, da perspectiva que se adota ao visá-lo. A aparência de naturalidade que nos faz hoje aprovar os títulos desses dois livros, pela relação que um tem com o outro, nem sempre foi pacificamente aceita.

Entre as críticas feitas a *Crisálidas*, na época de sua publicação, algumas diziam respeito ao título do livro. Já na “Conversação preliminar”, que trazia o título de “O poeta e o livro”, Caetano Filgueiras, amigo de Machado de Assis, o chamou de “falso”, viu nele uma “contradição”, porque “Crisálida é ninfa, é princípio de transformação, aurora de existência, semente de formosura... e os versos de Machado de Assis são gemas cintilantes, vida espalmada, flores e sorrisos.” E disse mais:

Na mortalha informe e incolor do casulo a graça está em problema, o movimento em risco: os versos de Machado de Assis só guardaram de *ninfa* a beleza e o dom da aereidade! São fúlgidas borboletas que adejam sobre todas as flores d’alma, revelando a quem a contempla a perfeição da criatura e o gênio do criador. Não são, pois, crisálidas; se o fossem não seria o autor poeta, e Machado de Assis, leitor, é poeta! (FILGUEIRAS, 1864, p. 11-12)

Em resenha publicada ainda em 1864, M. A. Major, que discordou de Filgueiras no tocante à eloquência, harmonia e exatidão dos versos de Machado de Assis – o que afirmou ser “exageração de benevolência” (MAJOR, 1864, p. 213-214) –, concordou com ele na opinião sobre a inadequação do título à obra: “É por isso mesmo que supomos haver um erro, um quê de falso na aplicação do título, porque as poesias de Machado de Assis assemelham-se antes ao doidejar incessante da borboleta do que ao estado imóvel da lagarta”. (MAJOR, 1864, p. 208-209)

A inquietação do poeta, a liberdade de sua musa, a fascinação pela poesia de outras partes do mundo, tudo isso foi motivo de reprovação – e escondia, para vir à tona mais tarde, principalmente depois do aparecimento de *Falenas*, a expectativa, por parte da crítica, de que o poeta produzisse poesias de assuntos nacionais. Tudo isso guarda relação com as reformas a que o poeta submeteu seus dois primeiros livros quando os preparou para a segunda edição, em 1901, nas suas *Poesias completas*. Nessa ocasião, o poeta não só eliminou numerosos poemas desses dois livros, mas agiu também – e isso é tão importante quanto as supressões que fez – para reorganizar os livros, reordendo neles os poemas, dando-lhes outra feição, outra composição.

2. *Crisálidas* e suas duas primeiras edições

Quando preparou seu primeiro livro de poesias para a segunda edição, ao incluí-lo nas *Poesias completas*, publicadas em 1901, Machado de Assis o passou em revista, aprimorando-lhe a forma. Desde a primeira edição, o livro já apresentava sinais do desejo do poeta de que sua forma tivesse contornos definidos, que lhe dessem uma feição peculiar e acabada. Entre esses sinais encontram-se os poemas inicial e final, “Musa consolatrix” e “Última folha”, respectivamente. No primeiro deles, em interlocução com a Musa, o poeta expôs a concepção que tinha da poesia:

Que a mão do tempo e o hálito dos homens
Murchem a flor das ilusões da vida,
Musa consoladora,
É no teu seio amigo e sossegado
Que o poeta respira o suave sono. (ASSIS, 1864, p. 21)

Até o fim da vida, como se pode constatar na correspondência do poeta com seus amigos, especialmente com Mário de Alencar e Carlos Magalhães de Azeredo, Machado de Assis recorreu à ideia da criação literária em geral, e da criação poética em particular, como alívio e consolo para as dores do mundo. Se o poeta abre o seu primeiro livro de poesias com esse poema, ele o fecha também em diálogo com a Musa. Ao final do volume, no poema intitulado “Última folha”, depois de ter passado por uma experiência amorosa que o exauriu e que ficou registrada no poema mais famoso do livro, “Versos a Corina”, o poeta pede à Musa que desça das alturas onde tem morada:

Musa, desce do alto da montanha
Onde aspiraste o aroma da poesia,
E deixa ao eco dos sagrados ermos
A última harmonia.

[...]

Vês? Lá no fundo o vale árido e seco
Abre-se, como um leito mortuário;
Espera-te o silêncio da planície,
Como um frio sudário.
(ASSIS, 1864, p. 155-156)

Esses dois poemas, os únicos em que o poeta se dirige à Musa, ao abrir e fechar o volume, dão contornos claros ao livro – eles foram compostos, com certeza, para

ocupar essas posições. O conjunto dos poemas distribuídos entre eles, entretanto, não revela uma organização previamente arquitetada. Entre esses dois poemas, o livro, em sua primeira edição, trazia 25 poemas do autor, e um poema de seu amigo Faustino Xavier de Novais. No conjunto, havia um pouco de tudo: poemas líricos breves, em metros curtos, como “Visio”, “Quinze anos”, “Stella”, “Erro”, “Sinhá”; poemas de assunto bíblico e religioso, como “O dilúvio”, “Fé”, “A caridade”; poemas satíricos, como “Os arlequins” e as “As ventoinhas”; poemas de cunho filosófico, que já anunciavam o poeta pessimista da maturidade, como “No limiar” e os “Os dous horizontes”; um poema elegíaco, em homenagem à jovem atriz Ludovina Moutinho, composto por ocasião de sua morte; alguns outros poemas relacionados e dedicados a amigos; dois poemas de conotações ideológicas e políticas, um sobre o imperador imposto ao México pelas potências europeias, outro sobre o domínio da Polônia pela Rússia – ambos acontecimentos da época, com repercussões políticas internacionais; e seis poemas traduzidos (de Musset, André Chénier, Alexandre Dumas Filho, Mme. Émile de Girardin, Mickiewicz e Heinrich Heine). “Versos a Corina”, o mais famoso e mais extenso poema do livro, testemunhava uma experiência amorosa recente e malsucedida do poeta. Ele próprio o confessou em carta, anos mais tarde, a sua futura esposa, quando ainda eram noivos, estando ele no Rio e ela em Petrópolis. (ASSIS, 1994, v. III, p. 1029)

Diante dessa diversidade de temas e formas, e intitulando-se *Crisálidas* o livro, a imagem do “doidejar incessante da borboleta” foi empregada por Amaral Tavares para caracterizar o livro, e a das “fúlgidas borboletas que adejam sobre todas as flores d’alma” foi usada por Caetano Filgueiras para se referir aos poemas. Amaral Tavares mencionou ainda as crônicas que Machado de Assis publicava naquela época no *Diário do Rio de Janeiro* sob o título de “Ao acaso”, para assinalar a diversidade existente nos poemas. Naquelas crônicas encontrou ele um símile para dar a ver o que se passava em *Crisálidas*:

Mas, por que razão há de o poeta deixar entrever a figura do folhetinista leviano que doudeja *ao acaso* por entre as anedotas e os acontecimentos, as notícias e as facécias, os sorrisos e as lágrimas, tocando apenas em cada um, sem se demorar em nenhum, esquecendo na linha seguinte o que escrevera na anterior? (TAVARES, 1864, p. 1)

Conforme se vê, trata-se da já mencionada preocupação com a livre movimentação do poeta, que saltava de um assunto a outro, sem que entre eles houvesse umnexo necessário. Nenhum dos críticos daquele tempo afirmou claramente, mas o fundamento dessa crítica reside no fato de que tal comportamento (excessivamente livre) distanciava o livro da possibilidade de ele ter uma unidade. Eles, entretanto, reconheceram no lirismo a grande força do poeta. Para os críticos da época, Machado de Assis era um poeta essencialmente lírico.

Esta característica – de livro heterogêneo – continuou sendo apontada ao longo do século XX. Em texto redigido em 1959 para servir de prefácio à edição crítica das *Poesias completas* de Machado de Assis (mas que não foi aproveitado nela), Antônio Houaiss observou que “as unidades integrantes dos quatro volumes [que constituem as *Poesias completas*] têm uma relativa autonomia, já que não constituem partes de um todo previamente concebido como unidade maior”. (HOUAISS, 1979, p. 203) Houaiss, como se vê, reconheceu esse mesmo traço em todos os quatro livros de poesias do autor. Jean-Michel Massa, por sua vez, reconheceu a dificuldade de aferir o valor da obra, tal como ela apareceu em 1864, devido ao seu caráter “compósito”: “Não encontramos um fio de Ariadne na sequência das vinte e duas peças de *Crisálidas*, vinte e oito, se contarmos as traduções”. (MASSA, 1971, p. 389)

A vida de poeta de Machado de Assis correu paralela a sua vida de jornalista; ele publicava poesias na imprensa periódica desde 1854, e foi pela poesia que entrou na vida de jornais e revistas. A variedade presente em sua obra poética, evidentemente, guarda íntima relação com essa circunstância. Um dos poemas de seu primeiro livro, “Horas vivas”, chegou a ser publicado pela primeira vez como parte de uma crônica, fingidamente atribuído a “um poeta”. (ASSIS, 1959, p. 76-77)

Das poesias que reuniu em *Crisálidas*, cerca de metade já havia sido divulgada; e a peça mais antiga incluída no livro data de 1858 – é o poema “Monte Alverne”. Este mesmo fato, da divulgação das poesias na imprensa antes da divulgação em livro, foi observado por outro crítico, que também fez restrições, por causa disso, ao título da obra: “As *Crisálidas* são um livro elegante, cujo título, no nosso entender, não está justificado, porque as produções reunidas em um feixe despossuem o mérito da novidade”. (LEITÃO, 1866, p. 380)

Em consideração que partia de ponto de vista semelhante, mas que se fazia acompanhar da observação de que a produção poética do autor já se estendia por dez anos e contava mais de uma centena de poemas divulgados na imprensa, escreveu Jean-Michel Massa: “Se para a crítica e para o público *Crisálidas* parece ser a primeira manifestação poética de um jovem talento, em compensação, para o poeta, não acontecia o mesmo. *Crisálidas* é um ponto de chegada, uma opção e não um ponto de partida”. (MASSA, 1971, p. 380)

Tal era o livro em sua primeira edição. Quando o reexaminou, para inclusão nas *Poesias completas* (1901), o poeta fez nele uma depuração: eliminou dezesseis dos 28 poemas; permaneceram apenas doze. Ao fazer isso, certamente levou em consideração as críticas que recebera por ocasião do lançamento do livro. Permaneceram nele, predominantemente, os poemas líricos em metros curtos; foram eliminadas as sátiras, as traduções, os poemas de assuntos ligados à religião, os fortemente vinculados a amigos e que traziam dedicatórias a eles.

O gesto do poeta é de fácil interpretação: buscou dar ao livro a unidade que ele não tinha; conservou nele os poemas que o delimitavam (os diálogos com a Musa); eliminou tudo o que lhe perturbava a ordem lírica. Dos poemas vinculados a amigos, só permaneceu no livro, com o título alterado para “Elegia”, o poema “A Ludovina Moutinho” – a eliminação do nome da morta conferiu autonomia ao texto, desvinculou-o de seu contexto imediato, e seu potencial universalizante passou ao primeiro plano. Veja-se a reflexão contida nesta estrofe:

Mas, quando assim a flor da mocidade
Toda se esfolha sobre o chão da morte,
Senhor, em que firmar a segurança
Das venturas da terra? Tudo morre;
À sentença fatal nada se esquiva,
O que é fruto e o que é flor. O homem cego
Cuida haver levantado em chão de bronze
Um edifício resistente aos tempos,
Mas lá vem dia, em que, a um leve sopro,
O castelo se abate,
Onde, doce ilusão, fechado havias
Tudo o que de melhor a alma do homem
Encerra de esperanças.

(ASSIS, 1901, p. 24-25)

MIRANDA, José Américo. Os dois primeiros livros de poesias de Machado de Assis: seus títulos, suas semelhanças e diferenças – interrelações.

O topos da fragilidade da vida faz lembrar o “monumentum aere perennius” horaciano, que se casa muito bem à ideia da poesia como “musa consolatrix”.

O outro poema fortemente vinculado à vida do poeta que permaneceu na versão definitiva de *Crisálidas* foi “Versos a Corina”. Trata-se do mais longo poema da coleção; foi ele o texto que tornou célebre o livro, ao ponto de Machado de Assis passar a ser referido como “o poeta de Corina”. (MASSA, 1971, p. 400-414; LEAL, 2008, p. 90) Ele é, pois, um poema incontornável, que não poderia ter sido excluído do livro – apesar disso, o poeta lhe suprimiu um trecho, os versos finais da terceira parte. O texto é dividido em seis partes que, sequencialmente, dão a conhecer um grande amor do poeta, embora o nome da mulher que o inspirou permaneça desconhecido. Na primeira parte, fala o poeta de Corina e da confiança que depositava no tê-la encontrado:

De um júbilo divino os cantos entoava
A natureza mãe, e tudo palpitava,
A flor aberta e fresca, a pedra bronca e rude,
De uma vida melhor e nova juventude.

Minh'alma adivinhou a origem do teu ser;
Quis cantar e sentir; quis amar e viver;
À luz que de ti vinha, ardente, viva, pura,
Palpitou, reviveu a pobre criatura;
Do amor grande, elevado, abriram-se-lhe as fontes;
Fulgiram novos sóis, rasgaram-se horizontes;
Surgiu, abrindo em flor, uma nova região;
Era o dia marcado à minha redenção.

(ASSIS, 1901, p. 30-31)

Com o coração cheio de esperanças, na segunda parte do poema, ele faz um exame de sua vida passada, num conjunto de quadras decassilábicas. Eis algumas delas:

Não sei que fogo interno me impelia
À conquista da luz, do amor, do gozo,
Não sei que movimento imperioso
De um desusado ardor minha alma enchia.

Corri de campo em campo e plaga em plaga,
(Tanta ansiedade o coração encerra!)
A ver o lírio que brotasse a terra,
A ver a espuma que cuspiisse – a vaga.

Mas no areal da praia, no horto agreste,
Tudo aos meus olhos ávidos fugia...
Desci ao chão do vale que se abria,
Subi ao cume da montanha alpestre.

MIRANDA, José Américo. Os dois primeiros livros de poesias de Machado de Assis: seus títulos, suas semelhanças e diferenças – interrelações.

Nada! Volvi o olhar ao céu. Perdi-me
Em meus sonhos de moço e de poeta;
E contemplei, nesta ambição inquieta,
Da muda noite a página sublime.
(ASSIS, 1901, p. 33-34)

Depois de uma sequência de doze dessas quadras, o poema muda subitamente de tom, os versos passam a setessílabos, e, no ritmo inquieto desse metro, eis o que acontece:

Mas, tu passaste... Houve um grito
Dentro de mim. Aos meus olhos
Visão de amor infinito,
Visão de perpétuo gozo
Perpassava e me atraía,
Como um sonho voluptuoso
De sequiosa fantasia.
(ASSIS, 1901, p. 35)

Corina se torna a esperança de uma vida feliz para o poeta. Eis o que ela significa para ele (os versos seguintes são já da terceira parte):

Quando voarem minhas esperanças
Como um bando de pombas fugitivas;
E destas ilusões doces e vivas
Só me restarem pálidas lembranças;

[...]

Quando assim seja, por teus olhos juro,
Voto minh'alma à escura soledade,
Sem procurar melhor felicidade,
E sem ambicionar prazer mais puro.
(ASSIS, 1901, p. 37)

Já o poeta recebera sinais negativos, que diziam “não” a sua esperança. Na quarta parte, diz ele, em elevados versos alexandrinos:

Tu que és bela e feliz, tu que tens por diadema
A dupla irradiação da beleza e do amor;
E sabes reunir, como o melhor poema,
Um desejo da terra e um toque do Senhor;

MIRANDA, José Américo. Os dois primeiros livros de poesias de Machado de Assis: seus títulos, suas semelhanças e diferenças – interrelações.

Tu que, como a ilusão, entre névoas deslizas
Aos versos do poeta um desvelado olhar,
Corina, ouve a canção das amorosas brisas,
Do poeta e da luz, das selvas e do mar.
(ASSIS, 1901, p. 39)

E seguem-se as canções das brisas, da luz, das águas, das selvas e do poeta. Toda a natureza a celebra: as brisas invejam as notas de seu canto; a luz natural considera-se inferior à luz dos olhos dela; as águas, comparando-a a Vênus, convidam-na – “vem!”; e as selvas a tomam por Diana. O aceno das águas é sinal de viagem. O poeta lhe pede que fique:

Ouviste a natureza? Às súplicas e às mágoas
Tua alma de mulher deve de palpar;
Mas que te não seduza o cântico das águas,
Não procures, Corina, o caminho do mar!
(ASSIS, 1901, p. 42)

Na quinta parte o poeta já reconhece sua derrota, em quintilhas decassilábicas, em que o primeiro verso de cada uma é sempre repetido no final:

Embora fujas aos meus olhos tristes,
Minh'alma irá saudosa, enamorada,
Acercar-se de ti lá onde existes;
Ouvirás minha lira apaixonada,
Embora fujas aos meus olhos tristes.
(ASSIS, 1901, p. 44)

Por fim, na sexta parte, em grandiloquentes alexandrinos, o poeta reconhece a inutilidade de seu esforço e dá por encerrada sua experiência:

Em vão! Contrário a amor é nada o esforço humano,
É nada o vasto espaço, é nada o vasto oceano!
(ASSIS, 1901, p. 48)

Em seguida ao registro do malogro da experiência amorosa mais intensa experimentada até então em sua vida, vem o poema “Última folha”, em que o poeta, exaurido, exausto, pede à Musa que se cale.

É praticamente certo que, ao refazer o livro para a segunda edição (nas *Poesias completas*), eliminando dezesseis dos 28 poemas que o compunham, reorganizando no

livro as peças que restaram, o poeta buscava conferir à obra a unidade que ela não tinha na primeira edição. Essa unidade, ele a buscou nos poemas líricos, os mais elogiados pela crítica do tempo. O dado curioso, nesse procedimento, foi a permanência no livro de dois poemas de cunho político – “Epitáfio do México” e “Polônia”. Com isso ficou plantada, bem no centro (no coração) do livro, a semente do mundo grande, do universalismo, do cosmopolitismo do poeta, em meio à expressão de suas vivências mais profundas – os “Versos a Corina” são bem o testemunho delas. E, em tal ambiente, não se pode negar que as paixões políticas ajudam a desenhar-lhe o quadro da vida interior, de que o gênero lírico é a expressão.

3. De *Crisálidas* a *Falenas*

Do “Epitáfio do México”, poema de *Crisálidas*, pode-se puxar um fio que nos conduza às *Falenas*, pois o quarto poema desse segundo livro de poesias de Machado de Assis, “La marchesa de Miramar”, tem relação direta com a aventura mexicana do imperador Maximiliano. Os versos de “Epitáfio do México” são um reflexo do pensamento político de Machado de Assis, o “pensamento de um jornalista sinceramente engajado no liberalismo político, de um militante sincero do anti-imperialismo”. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. I, p. 257) O poema está composto em quatro sextilhas heptassilábicas, em que os versos ímpares são soltos e esdrúxulos (o que cria, compensatoriamente, uma espécie de rima rítmica), e os pares rimam o segundo com o quarto, em cada estrofe, e o sexto com o sexto da estrofe seguinte. Eis-lhe a primeira e a última estrofes:

Dobra o joelho: – é um túmulo.
Embaixo amortalhado
Jaz o cadáver tépido
De um povo aniquilado;
A prece melancólica
Reza-lhe me torno à cruz.

[...]

E quando a voz fatídica
Da santa liberdade
Vier em dias prósperos
Clamar à humanidade,
Então revivo o México
Da campa surgirá.

(ASSIS, 1901, p. 14-15)

Da tragédia nacional do México extrai o poeta uma outra, de alta voltagem lírica, no poema “La marchesa de Miramar”, já em *Falenas* – nele, o poeta transpõe para o campo da poesia a realidade vivida pela viúva do imperador Maximiliano, executado no México. No plano poemático, a experiência dela é associada à forte tradição que, passando pela epígrafe de Correia Garção, tomada à “Cantata de Dido” (ASSIS, 1901, p. 61),² nos conduz à desventura da rainha de Cartago, narrada por Virgílio nos versos finais do livro IV da *Eneida*. Eis alguns trechos, que nos dão o roteiro da composição, que tem 106 versos:

De quanto sonho um dia povoaste
A mente ambiciosa,
Que te resta? Uma página sombria,
A escura noite e um túmulo recente.

[...]

No tranquilo castelo,
Ninho d’amor, asilo de esperanças,
A mão de áurea fortuna preparara,
Menina e moça, um túmulo aos teus dias.
Junto do amado esposo,
Outra c’roa cingias mais segura,
A coroa do amor, dádiva santa
Das mãos de Deus. No céu de tua vida
Uma nuvem sequer não sombreava
A esplêndida manhã; estranhos eram
Ao recatado asilo
Os rumores do século.

[...]

Mas o destino, alçando a mão sombria,
Já traçara nas páginas da história
O terrível mistério.

[...]

Viúva e moça, agora em vão procuras
No teu plácido asilo o extinto esposo.
Interrogas em vão o céu e as águas.
Apenas surge ensanguentada sombra
Nos teus sonhos de louca, e um grito apenas,

² A “Cantata de Dido” é parte do drama “Assembleia, ou Partida”. Cf. os versos da epígrafe machadiana em GARÇÃO, 1778, p. 259.

Um soluço profundo reboando
Pela noite do espírito, parece
Os ecos acordar da mocidade.
(ASSIS, 1901, p. 61-65)

Em *Falenas*, livro que se relaciona, cronologicamente, com período em que Machado de Assis conheceu, ficou noivo e se casou com d. Carolina Novais, Lúcia Miguel Pereira viu “o único momento em que a obra de Machado tem alguma coisa de desabrochado, dá uma sensação de plenitude”. Segundo ela, esse livro “já tem outro tom”, os poemas dele “são poesias de amor, de amor feliz, perfumadas pela presença de Carolina” (PEREIRA, 1988, p. 131 e p. 132). É difícil concordar com tal avaliação, quando se consideram poemas como “Ite, missa est”, “Ruínas”, “Lágrimas de cera” e mesmo “Luz entre sombras” – que ela cita em apoio a sua tese. Como entender, se se adota a perspectiva dela, versos tão tristes, como estes, de “Sombras”:

Quando, assentada à noite, a tua fronte inclinas,
E cerras descuidada as pálpebras divinas,
E deixas no regaço as tuas mãos cair,
E escutas sem falar, e sonhas sem dormir,
Acaso uma lembrança, um eco do passado,
Em teu seio revive?
O túmulo fechado
Da ventura que foi, do tempo que fugiu,
Por que razão, mimosa, a tua mão o abriu?
(ASSIS, 1901, p. 66)

Machado de Assis, na mesma carta em que se referiu a Corina, já mencionada, praticamente confessa a Carolina que conhecia o drama e as razões que a trouxeram de Portugal ao Brasil, e que nós, até hoje, ignoramos. “Tu pertences ao pequeno número de mulheres que ainda sabem amar, sentir e pensar. Como te não amaria eu? Além disso tens para mim um dote que realça o mais: sofreste.” (ASSIS, 1994, p. 1029) – lhe escreveu ele. Os versos de “Sombras” são, sem dúvida, uma alusão a essa circunstância.

Jean-Michel Massa, que estudou essa obra de Machado de Assis, como estudou *Crisálidas*, observou que, nela, “a felicidade raramente vem sem sombras”, e que “certas peças [do livro] fazem diretamente alusão a sofrimentos que parecem ter sido as penas experimentadas pela noiva de Machado de Assis” (MASSA, 1971, p. 601 e p. 600). Wilton Cardoso, por sua vez, lembra outros sofrimentos experimentados pelo próprio

autor, como a ruptura definitiva com suas origens, sem os quais seria difícil para o leitor alcançar compreensivamente alguns dos poemas do livro (CARDOSO, 1958, p. 53-65). Textos como, por exemplo, “Lágrimas de cera” e “Íte, missa est”, dificilmente poderiam ser explicados sem os profundos tormentos relacionados a este gesto de dar as costas ao passado.

4. *Falenas* e suas duas primeiras edições

A essa altura, convém observar que o segundo livro de poesias de Machado de Assis, em sua primeira edição (1870), era dividido em quatro partes – “Vária”, “Lira chinesa”, “Uma ode de Anacreonte” e “Pálida Elvira” –, todas elas com o título em frontispício divisório; e mais: que os poemas mencionados até aqui pertencem todos à primeira parte do livro.

Como para *Crisálidas*, vale para *Falenas* a caracterização do livro como algo “compósito”. Em texto crítico publicado em 1870, o poeta Luís Guimarães Júnior, reconhecendo a dispersão que caracteriza a obra até mesmo em sua primeira parte, afirmou: “A primeira coleção [“Vária”], como indica o título, é uma série de poesias de diferente gênero e variadas formas”. (GUIMARÃES JÚNIOR, 1870, p. 2) E sobre a heterogeneidade do livro como um todo, assim como sobre a relação dele com *Crisálidas*, escreveu Jean-Michel Massa:

Sob um determinado ponto, *Crisálidas* e *Falenas* são gêmeas: a ordem dos textos não parece ligada a uma intenção particular. Pelo menos, as quatro partes que dividem a coleção, *Vária*, *Lira Chinesa*, *Uma Ode de Anacreonte*, *Pálida Elvira* não parecem corresponder a um plano definido. Vinte e cinco poemas originais se sucedem, em seguida lê-se uma tradução refinada, de vanguarda e, enfim, dois textos importantes, um pelo menos por sua extensão, que parecem dar sentido ao volume. A coletânea adquire, assim, uma dimensão menos pessoal e mais literária. Com *Falenas*, o talento do poeta saiu do casulo e se instalou no caminho artístico. (MASSA, 1971, p. 599)

Importante por diversas razões, a passagem citada aponta para muitas e diferentes questões, que merecem ser um pouco desenvolvidas.

Em primeiro lugar, a “gemelidade” de *Crisálidas* e *Falenas* só é válida para a primeira parte do livro – “Vária”. Essa é a parte que contém os “vinte e cinco poemas originais” mencionados por Massa; é nela que os biógrafos buscam poemas e temas que

se relacionam com a biografia do autor. É nela que se manifesta, em *Falenas*, aquele “desejo secreto de expansão” (PEREIRA, 1988, p. 126) que Lúcia Miguel Pereira apontou em *Crisálidas*.

Em segundo lugar, a heterogeneidade do livro, sua desorganização interna, não se aplica apenas à totalidade do conjunto; ela se aplica, ainda e especialmente, aos vinte e cinco poemas da primeira parte – conforme muito bem assinalado por Luís Guimarães Júnior.

Em terceiro lugar, a dimensão “menos pessoal e mais literária” que a obra assume, se pensada em comparação com o primeiro livro, explica-se – e é real – pelas três partes finais do livro, que contêm poemas excelentemente escritos, verdadeiras obras-primas da poesia brasileira. Da primeira para a segunda parte da obra ocorreu um salto qualitativo fundamental, importantíssimo para o desenvolvimento de toda a obra de Machado de Assis, – tão ou mais importante do que o salto de 1881 –, que consistiu no fato de o poeta ter-se libertado de si mesmo, ter passado das questões da esfera pessoal a questões muito outras, não diretamente relacionadas ao poeta e seus problemas. Na “Lira chinesa” já temos um poeta livre, verdadeiro, acima de si mesmo e de sua circunstância.

Por fim (último reparo), a interpretação de Massa (1971, p. 599), de que, por causa dos poemas das últimas três partes, “o talento do poeta saiu do casulo e se instalou no caminho artístico”, se é válida (e é), aplica-se ao talento do poeta, à trajetória dele. No tocante aos poemas do livro, a afirmativa demanda certa relativização – conforme se verá no desenvolvimento do raciocínio que se segue.

Com relação ao primeiro dos pontos destacados acima, o da continuidade que *Falenas* representa em relação ao primeiro livro, é de observar-se – como na relação entre os títulos, que supõe a transformação da lagarta em borboleta – que o estado de espírito do poeta, por aquele tempo, transparece claramente apenas em “Vária”. Lúcia Miguel Pereira, que tanto se valeu dos poemas dos dois livros para reconstituir a vida do autor, quando alcança a “Lira chinesa”, segunda parte de *Falenas*, afirma:

E então, já senhor da língua e do metro, refugia-se nas traduções dos chineses, na evocação dos gregos, na arte pela arte, na arte que é “de todas as coisas humanas a única que tem o seu fim em si mesma”.

MIRANDA, José Américo. Os dois primeiros livros de poesias de Machado de Assis: seus títulos, suas semelhanças e diferenças – interrelações.

Impõe silêncio ao coração, estanca a fonte da poesia – nele, eminentemente a introversão – vai, durante algum tempo dedicar-se à pura ficção. (PEREIRA, 1988, p. 132)

É clara, nessa passagem, a compreensão da autora de que a verdadeira poesia emana exclusivamente do “eu”; é clara, do mesmo modo, a ideia de que ficção se faz em prosa. Entretanto, o que se observa em *Falenas*, da segunda parte da obra em diante, é pura ficção poética. É puro fingimento poético tudo o que vem nas três partes seguintes a “Vária”, que nada nos dizem da vida e dos problemas íntimos do poeta.

A “Lira chinesa” é constituída por oito poemas chineses traduzidos de *Le livre de jade*, de Judith Walter. Para o francês os poemas foram traduzidos em prosa; porém, Machado de Assis lhes dá forma e rigores compatíveis com a poesia de seu tempo. Nenhum dos poemas foi suprimido pelo autor, quando da segunda edição do livro; apenas a sequência deles foi profundamente alterada. A ordem em que os poemas apareciam na edição de 1870 – 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 – foi alterada para – 3, 4, 5, 6, 2, 7, 8, 1. Na nova organização dada ao conjunto, os poemas em versos decassílabos, combinados com hexassílabos em todos os casos, ocupam as primeiras seis posições – “O poeta a rir”, “A uma mulher”, “O imperador”, “O leque”, “A folha do salgueiro” e “As flores e os pinheiros”; apenas o sétimo foi composto em heptassílabos combinados com tetrassílabos – “Reflexos”; e a sequência é encerrada pelo único poema em versos alexandrinos – “Coração triste falando ao sol”.

Veja-se a delicadeza dos versos de “Reflexos”, poema que também mereceu a atenção de Cecília Meireles:

REFLEXOS
(Thu-Fu.)

Vou rio abaixo vogando
No meu batel e ao luar;
Nas claras águas fitando,
Fitando o olhar.

Das águas vejo no fundo,
Como por um branco véu,
Intenso, calmo, profundo,
O azul do céu.

Nuvem que no céu flutua,
Flutua n’água também;

Se a lua cobre, à outra lua
Cobri-la vem.

Da amante que me extasia,
Assim, na paixão ardente,
As raras graças copia
Meu coração.

(ASSIS, 1901, p. 98)

Em nota ao final de *Falenas*, Machado de Assis dizia serem contemporâneos seus todos os poetas chineses que traduzira. (ASSIS, [1870], p. 215) Hoje, sabe-se não ser verdadeira essa afirmativa: o poema “Reflexos”, por exemplo, é atribuído a Thu-Fu, poeta do século VIII, “que brilha ainda [hoje] como estrela de primeira grandeza”. (GUERRA, 1995, p. 96)³

Reside justamente nesse ponto, na passagem de “Vária” para a “Lira chinesa”, uma das grandezas do livro: a partir daí o poeta como que se livra de si mesmo – e passa a fazer poesia do mais alto valor, desprezada, dos pontos de vista referencial e existencial, de sua condição de poeta carioca do século XIX. Tão independentes, tão autônomas, são as peças – “Lira chinesa”, “Uma ode de Anacreonte” e “Pálida Elvira” – que o poeta não se sentiu na obrigação, quando preparou o livro para sua segunda edição (nas *Poesias completas*), de suprimir as dedicatórias das partes (poemas) que as tinham (“Uma ode de Anacreonte” é dedicada a Manuel de Melo e “Pálida Elvira”, a Francisco Ramos Paz). De *Crisálidas*, na segunda edição, o poeta eliminou todos os poemas dedicados a amigos.

5. Algumas observações mais

A heterogeneidade de *Falenas*, conforme já observado, não se dá apenas no livro como um todo; ela o caracteriza, desde o começo, pela variedade de sua primeira seção – e certa desorganização decorre da diversidade. Um outro dado de relativa importância, na compreensão da relação entre os dois livros, é o fato de que, na segunda edição, isto é, nas *Poesias completas*, *Falenas* perdeu o título de sua primeira parte – de modo que o título da obra ficou diretamente vinculado aos poemas da primeira seção. As outras – com exceção de “Uma ode de Anacreonte”, que, pela peculiaridade de ser um poema

³ Sobre os poetas chineses traduzidos, via francês, por Machado de Assis, ver também KNOWLTON, 1995, p. 81-93, e PINTO, 2013, p. 93-106.

dramático, continuou com frontispício divisório – passaram a ter seus títulos na mesma página em que se iniciam os versos. Pode ter havido um quê de motivação econômica nisso tudo; porém, fosse necessário o primeiro compartimento, “Vária”, o título da seção teria subsistido.

Outra observação, ainda, é que apenas da seção “Vária” foram excluídos poemas na segunda edição – como foram excluídos numerosos poemas de *Crisálidas*. A “Lira chinesa”, que foi toda reorganizada na segunda edição, não teve sequer um verso suprimido. Tudo aponta, enfim, para o fato de que em *Falenas*, apenas os poemas de “Vária” guardam relação de continuidade com o primeiro livro.

O fato é que, se o poeta quis dar unidade a *Crisálidas* quando eliminou dessa obra mais da metade de seus poemas, com *Falenas* uma tal tentativa não teria sido possível, porque a obra é irredutível à unidade. A bem dizer, há em *Falenas* quatro obras poéticas nitidamente separáveis (e que o poeta separou). Poder-se-ia dizer, mesmo, que há quatro livros num só volume. Se a “Lira chinesa” é breve, com seus oito poemas curtos – pode-se alegar que não era comum a edição avulsa de livros de tão pequeno porte naquele tempo; porém, é de notar-se que “Pálida Elvira” excede em três oitavas a *Prosopopeia*, de Bento Teixeira, obra que tem tido diversas edições avulsas. E “Uma ode de Anacreonte” tem uma extensão que alcança a oitava das treze cenas de *Os deuses de casaca* – obra esta que teve publicação avulsa (a primeira edição tem cerca de 60 páginas).

Que o interesse pelo “volume” necessário a uma obra para publicação não era estranho ao poeta pode-se constatar no mesmo livro, nos versos de “Pálida Elvira”, em que ele diz:

Não me censure o crítico exigente
O ser pálida a moça; é meu costume
Obedecer à lei de toda a gente
Que uma obra compõe de algum volume.
(ASSIS, [1870], p. 174)

É verdade que, para os padrões da época, a “Lira chinesa” e “Uma ode de Anacreonte” não alcançavam, sozinhas, a extensão (o “volume”) necessária, que justificasse uma publicação avulsa. Muito provavelmente foi o que sucedeu, de modo

que se enfeixaram num só volume as quatro obras – “Vária” (contendo as falenas), “Lira chinesa”, “Uma ode de Anacreonte” e “Pálida Elvira”.

Em outra passagem do poema já citado, diz o poeta, na caracterização do jovem que chega à residência de Elvira e seu tio:

Demais, era poeta. Era-o. Trazia
Naquele olhar não sei que luz estranha
Que indicava um aluno da poesia,
Um morador da clássica montanha,
Um cidadão da terra da harmonia,
Da terra que eu chamei nossa Alemanha,
Nuns versos que hei de dar um dia a lume,
Ou nalguma gazeta, ou num volume.

(ASSIS, [1870], p. 180-181)

Os versos referidos na estrofe, em que o poeta chama de Alemanha à terra da poesia – “A terra da poesia é a nossa Alemanha” –, são os versos de “Prelúdio”, poema que abre a seção “Vária”. Fossem os versos de “Vária” pensados como peças do mesmo volume de “Pálida Elvira”, haveria alguma incoerência nesta composição – pois o poeta afirma que os dará (os versos) a público “num volume”, que, evidentemente, não seria o mesmo em que estivesse o longo “Pálida Elvira”. Pode-se até mesmo especular se o reconhecimento dessa “falha” não teria influído na decisão do poeta de excluir “Prelúdio” da versão final de *Falenas*. Essa posição, contudo, não removeria a incoerência do sistema da obra, porque, uma vez excluído o poema “Prelúdio”, uma vez despublicados esses versos, aquilo que diz o poeta – “versos que hei de dar um dia a lume, / Ou nalguma gazeta, ou num volume.” – tornar-se-ia uma incoerência por outro motivo, pois os versos (uma vez que não se encontravam em *Falenas*) não poderiam ser encontrados pelo leitor em parte alguma. O poeta, exceto pela inclusão do poema em *Falenas*, jamais o publicou em qualquer outra obra ou periódico.

Desse conjunto de dados se conclui que o título de *Falenas* cabe, com propriedade, apenas aos poemas da primeira parte do livro. Se os poemas de *Crisálidas* são larvas, só os da primeira parte do segundo livro têm com eles relação de continuidade suficiente para merecerem o nome borboletas. E se os poemas da “Lira chinesa” são suficientemente leves, curtos, para serem eventualmente comparados a borboletas, “Uma ode de Anacreonte” e “Pálida Elvira” são longos, volumosos, “pesados” demais para se ajustarem com propriedade àquela metáfora.

THE FIRST TWO POETRY BOOKS BY MACHADO DE ASSIS:
THEIR TITLES, THEIR SIMILARITIES AND DIFFERENCES –
INTERRELATIONS

Abstract: This paper analyses the similarities and differences that exist between the first two books of poetry published by Machado de Assis – *Crisálidas*, in 1864, and *Falenas*, in 1870. Both books have been interpreted critically on the basis of biographical data, because the themes addressed in the poems are closely related to the life of the poet. In the second book, which is divided into four parts, however, only the first part lends itself to this kind of interpretation. By the way their titles relate to one another, this article proposes that *Falenas* is an appropriate title only for the first part of the book.

Keywords: Brazilian poetry, Literary nationalism, Machado de Assis.

Referências

ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.

ASSIS, Machado de. *Os deuses de casaca*. Rio de Janeiro: Tipografia do Imperial Instituto Artístico, 1866.

ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].

ASSIS, Machado de. *Crônicas* – 2º volume (1864-1867). Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1959.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Org. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 3 v.

CARDOSO, Wilton. *Tempo e memória em Machado de Assis*. Belo Horizonte: s.e., 1958.

FILGUEIRAS, Caetano. O poeta e o livro. Conversação preliminar. In: ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864. p. 7-20.

GARÇÃO, Pedro Antônio Correia. *Obras poéticas de Pedro Antônio Correia Garção*. Lisboa: Régia Oficina Tipográfica, 1778.

MIRANDA, José Américo. Os dois primeiros livros de poesias de Machado de Assis: seus títulos, suas semelhanças e diferenças – interrelações.

GUERRA, Joaquim A. de Jesus. A lira chinesa de Machado de Assis. *Revista de Cultura*, Macau, n. 22 (II série), Instituto Cultural de Macau, n. 22 (II série), p. 95-100, jan.-mar. 1995.

GUIMARÃES JÚNIOR, Luís. Estudos literários. Falenas. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, p. 2-3, 5 fev. 1870.

HOUAISS, Antônio. *Estudos vários sobre palavras, livros, autores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KNOWLTON, Edgar Colby. Machado de Assis e a sua lira chinesa. *Revista de Cultura*, Macau, n. 22 (II série), Instituto Cultural de Macau, n. 22 (II série), p. 81-93, jan.-mar. 1995.

LEAL, Cláudio Murilo. *O círculo virtuoso: A poesia de Machado de Assis*. Brasília: Ludens, 2008.

LEITÃO, F. T. Crisálidas. Volume de poesias de Machado de Assis. *Revista da Sociedade Ensaios Literários*, Rio de Janeiro, n. 10, 5 jun. 1866, p. 378-384.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. 4 v.

MAJOR, M. A. Crisálidas (Machado de Assis). *Revista da Sociedade Ensaios Literários*, Rio de Janeiro, n. 6, 1º nov. 1864, p. 207-216.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis* (Estudo crítico e biográfico). 6. ed. rev. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

PINTO, Marta Pacheco. A lira chinesa em trânsito: de Machado de Assis a António Feijó. *Scientia Traductionis*, n. 14, p. 93- , 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2013n14p93/27402>> Acessado em: 07/06/2017.

TAVARES, Amaral. Crisálidas. A Quintino Bocaiuva. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 16 nov. 1864, p. 1.

TEIXEIRA, Bento. *Prosopopeia*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1972.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. Tasilo Orpheu Spalding. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

WALTER, Judith. *Le livre de jade*. Paris: Alphonse Lemerre, 1867.

A POESIA EXCLUÍDA DE *FALENAS*

José Américo Miranda
Universidade Federal do Espírito Santo/CNPq/FAPES¹

Resumo: Este artigo analisa os nove poemas pertencentes ao livro *Falenas* (1870) que Machado de Assis excluiu de suas *Poesias completas*, publicadas em 1901. Buscar explicações para a eliminação desses poemas foi o principal objetivo do autor deste artigo.

Palavras-chave: Poesia, Poesia brasileira, Machado de Assis.

I

Quando Machado de Assis decidiu reunir, no final do século XIX, as suas poesias completas, teve de enfrentar a dificuldade de encarar os três primeiros livros de poesias que tinha publicado e dos quais, talvez, tivesse razões para não querer se lembrar. O fato é que ele só se animou a reuni-los depois que amigos insistiram para que o fizesse. Seu projeto inicial restringia-se à publicação de um quarto livro, em que reuniria poesias que se encontravam dispersas, principalmente em periódicos. (ASSIS, 1969, p. 148 e p. 155) Mudando de ideia, ao preparar para o prelo as *Poesias completas*, reexaminou os três livros publicados nos anos de 1860 e 1870 e mudou-lhes a composição, tanto por meio da eliminação de alguns poemas como pela alteração, pelo menos em dois deles, de sua organização interna.

O livro mais afetado por exclusões foi *Crisálidas* (1864): dos 28 poemas do autor presentes na primeira edição dessa obra, só doze passaram à segunda edição, nas *Poesias completas* (1901); dezesseis foram excluídos – o que corresponde a 57% do total. Havia no livro, também, um poema de Faustino Xavier de Novais, intitulado

¹ Pesquisador DCR (Desenvolvimento Científico Regional) do CNPq, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES), junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), de 2015 a 2018.

“Embirração”, escrito em resposta a outro, de Machado de Assis, intitulado “Aspiração” – que foi um dos eliminados. Como era de se esperar, também o poema “Embirração” foi suprimido do livro.

Feitas as exclusões, os poemas que permaneceram no livro tiveram a sua ordem alterada; uma nova organização interna e um novo equilíbrio para o conjunto parecem ter sido propositalmente buscados.

No conjunto dos poemas excluídos desse primeiro livro, foi possível fazer quatro agrupamentos, estudá-los e identificar, em cada um deles, certos pontos comuns que poderiam esclarecer os motivos das exclusões – com isso, revelaram-se, se não todos, alguns dos princípios que devem ter norteado as escolhas do poeta. Foram eliminados os seguintes grupos de poemas: 1. os que tinham fortes vínculos com a vida pessoal do autor (exceção feita a “Versos a Corina”, que havia se tornado peça conhecidíssima e imprescindível à fisionomia do livro); 2. os poemas satíricos; 3. os de tema religioso ou bíblico; e, por fim, 4. todos os poemas traduzidos pelo poeta.²

No processo de escolha dos poemas a eliminar devem ter influído as críticas feitas ao livro por ocasião de seu aparecimento. Faltava-lhe (a *Crisálidas*) unidade, era obra muito variada – porém, afirmaram os críticos que reconheciam no lirismo o seu ponto forte. A exclusão de poemas, a depuração a que o autor submeteu o livro, contribuiu para que nele fosse alcançada certa unidade, pelo menos aproximativa.

Falenas (1870), segundo livro de poesias do autor, também teve um número significativo de poemas excluídos, embora em menor proporção, se comparado a *Crisálidas*. Esse segundo livro é, como o primeiro, bastante heterogêneo, e foi dividido pelo próprio poeta em quatro partes: “Vária”, “Lira chinesa”, “Uma ode de Anacreonte” e “Pálida Elvira”. A primeira parte, única afetada pelas exclusões, era composta por 25 poemas do autor (e um poema de seu amigo Ernesto Cibrão, reproduzido ao final do volume, em nota vinculada ao poema “Menina e moça”). Desses 25 poemas, nove

² Os poemas excluídos de *Crisálidas* foram estudados, segundo os quatro agrupamentos mencionados, respectivamente, nos seguintes artigos (todos eles reproduzidos no v. 3, n. 5 da *Machadiana Eletrônica*): MIRANDA. Vínculos com a vida na poesia de Machado de Assis. *Revista da Academia Mineira de Letras*, Belo Horizonte, v. LXXVI, p. 59-74, 2016. Disponível em: <<https://academiamineiradeletras.org.br/wp-content/uploads/2018/04/RAML-v.-76-2016.pdf>>; MIRANDA. Machado de Assis: unidade e autonomia da obra literária. *Nau literária*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 148-162, 2017. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/70347/47037>>; MIRANDA. Machado de Assis e as virtudes teológicas [no v. 3, n. 5 da *Machadiana Eletrônica*]; MIRANDA. Machado de Assis e as traduções que publicou em *Crisálidas*. *Texto poético*, v. 22, n. 1, p. 208-234, 2017. Disponível em: <<http://revistatextopoetico.com.br/index.php/rtp/article/view/359/348>>.

foram excluídos, o que corresponde a 36% do total de “Vária”. Dos nove poemas excluídos, quatro eram traduções. Porém, permaneceu nas *Poesias completas*, o poema de Lamartine, “A Elvira”, traduzido pelo poeta. As traduções merecem um tratamento à parte, se se leva em conta que em *Crisálidas* todas foram eliminadas – e em *Falenas* não. Esse critério radical, de eliminação de tudo o que fosse traduzido, mostrou-se inaplicável ao segundo livro, porque uma de suas partes, a “Lira chinesa”, composta de oito excelentes poesias, era totalmente traduzida.

Restam, portanto, na primeira parte de *Falenas*, se tirarmos da conta as traduções suprimidas, cinco poemas excluídos, que serão examinados a seguir. Deixemos as traduções para depois.³

II

O primeiro poema do livro, na edição de 1870, “Prelúdio”, foi excluído na segunda edição, nas *Poesias completas* (1901). Essa exclusão não é irrelevante; ela tem alguma implicação. O poema, com 40 versos alexandrinos, que rimam emparelhadamente, foi publicado pela primeira vez em *Falenas*, e sua composição, conforme Galante de Sousa (1955, p. 438-439 e p. 442), presumivelmente, data do ano de 1869. Nele o poeta se refere explicitamente a personagens do drama *Dalila*, de Octave Feuillet, levado à cena pela primeira vez em Paris em 1857. (Cf. FEUILLET, 1857)

Já essa referência teatral poderia ser um dos motivos da recusa tardia do poema, por relacionar-se intimamente ao contexto do autor, pois Machado não só assistiu à peça traduzida e adaptada por Antônio de Serpa, levada ao palco no Rio de Janeiro em 1860, como publicou, no *Diário do Rio de Janeiro*, em 13 de abril daquele ano, crítica teatral, muito positiva, relativa a ela. (Cf. ASSIS, 1955, p. 153-162; ASSIS, 1860, p. 1) Por ocasião do exame dos versos eliminados de *Crisálidas*, verificou-se a intenção do autor de excluir de suas obras textos vinculados a pessoas de suas relações e os muito claramente ligados ao contexto em que vivia. (Cf. MIRANDA, 2016, p. 59-74)

Além da menção, em “Prelúdio”, a André Roswein, personagem da peça teatral, Machado de Assis fez referências a ele, com certa frequência, em suas crônicas – que, aliás, são também textos vinculados ao contexto em que ele, folhetinista, vivia.

³ O terceiro livro do poeta, *Americanas*, publicado em 1875, teve apenas um poema excluído na edição de 1901 – a “Cantiga do rosto branco”, uma tradução de uma canção de índios norte-americanos, traduzida do francês, da versão em prosa feita por Chateaubriand.

O personagem foi mencionado em crônicas da série “Ao acaso”, publicadas por ocasião da apresentação, no Rio de Janeiro, de *Montjoye*, outra peça de Octave Feuillet. Essas crônicas apareceram no *Diário do Rio de Janeiro*, em 10 e 17 de outubro de 1864. (Cf. ASSIS, 1959, v. 2, p. 178-197) Mais tarde, o cronista voltou a lembrar-se de Roswein, em crônica de 20 de abril de 1889, da série “Bons Dias”, publicada na *Gazeta de Notícias*. (Cf. ASSIS, 1990, p. 187)

A peça foi adaptada em língua portuguesa por Antônio de Serpa, aparentemente a partir de um texto redigido em forma não dramática, pois afirma o tradutor, em edição de 1856: “Foi este desejo [de transplantar para o nosso idioma tão raras e apreciáveis belezas] ainda que me levou a dar-lhe uma forma acomodada ao teatro” (SERPA, 1856, p. V). Por essa época, entretanto, já estava publicada em forma dramática a *Dalila* de Feuillet (Cf. FEUILLET, 1855).

Na peça, a personagem Amélia (no texto francês seu nome é Marthe), que morre ao final, faz um pedido ao pai, que era alemão – que a levasse para ser enterrada na Alemanha, pátria com que ela sonhava (a ação dramática se desenrola na Itália). O poema de Machado de Assis, que trata da atividade poética por comparação com os sonhos da personagem, termina assim:

A terra da poesia é a nossa Alemanha. (ASSIS, 1976, p. 315)⁴

Fosse apenas isso – o vínculo forte do autor com a vida teatral do Rio de Janeiro, e com uma peça em particular, que obrigaria a uma nota esclarecedora em edições futuras –, poder-se-ia pensar que a exclusão ficasse justificada. Porém, o poeta, na estância XXIV do poema “Pálida Elvira” – também de *Falenas* –, em trecho relativo ao personagem de que se enamora Elvira, refere-se ao conjunto das ideias expostas em “Prelúdio”:

XXIV

Demais, era poeta. Era-o. Trazia
Naquele olhar não sei que luz estranha
Que indicava um aluno da poesia,
Um morador da clássica montanha,
Um cidadão da terra da harmonia,
Da terra que eu chamei nossa Alemanha,

⁴ As citações de Machado de Assis, feitas pela edição crítica de 1976, trarão apenas a indicação de página ao final do texto.

Nuns versos que hei de dar um dia a lume,
Ou nalguma gazeta, ou num volume. (p. 292)

Ele, Machado de Assis, de fato deu a lume os tais versos; porém, justamente no mesmo livro em que aparecia o “Pálida Elvira” – eles eram os de “Pelúdio”. Se há uma aparente incoerência no fato desse poema ter sido publicado no mesmo volume em que aquele o foi, a eliminação de “Prelúdio” criou outro problema, talvez ainda maior.

Com a exclusão desse poema da obra – o que ocorreu em 1901 –, ao se deparar com a estrofe XXIV, acima transcrita, fica o leitor do poema “Pálida Elvira” desprovido da referência necessária à compreensão plena do texto. Teria o poeta se esquecido dessa passagem, quando decidiu pela eliminação de “Prelúdio”? Ou queria pôr o leitor à prova, provocá-lo à pesquisa da referência feita àqueles outros versos? Naturalmente, o poeta não podia saber que os poemas por ele eliminados retornariam às suas *Poesias completas*, a partir de 1937 – eles constam até mesmo da edição crítica dessa obra (tipo de edição que, por filiar-se à metodologia tradicional do estabelecimento de textos, deveria ter respeitado a última vontade do autor).

Além dessa questão de autointertextualidade, há ainda outra: o poema “Prelúdio” guarda relação dialógica com o último poema de *Crisálidas*. Neste, o poeta, aparentemente exaurido depois da experiência amorosa que deu origem aos “Versos a Corina” (penúltimo poema de *Crisálidas*), pede à musa que desça da montanha e se cale. Naquele (“Prelúdio”), primeiro poema do livro seguinte, o poeta retoma ideias expressas em “Musa consolatrix” – a ideia da poesia como consolação e alívio para os sofrimentos do mundo – e em “Os dous horizontes” – em que passado e futuro são as miragens salvadoras do homem mergulhado num presente atroz.

O professor Wilton Cardoso, quando se debruçou sobre “Os dous horizontes”, apesar de considerar que “seu tema é vulgar, como é das mais comuns a lição que dele se colhe”, reconheceu que, “no caso particular de Machado, [...], a vida foi uma longa série de conquistas em que as aspirações se iam concretizando à medida que se perdiam no passado os rumores da obscura origem, e, pois, mais acentuadamente terá refletido o suposto paradoxo dos dois horizontes [o passado e o futuro]”. (CARDOSO, 1958, p. 23) Na sequência de sua análise, submeteu o professor essas ideias ao crivo severo da filosofia de Henri Bergson.

Voltando à relação entre os dois poemas, diz o poeta, em “Os dous horizontes”:

Um horizonte, – a saudade
Do que não há de voltar;
Outro horizonte, – a esperança
Dos tempos que hão de chegar;
No presente, – sempre escuro, –
Vive a alma ambiciosa
Na ilusão voluptuosa
Do passado e do futuro. (p. 204)

E diz no “Prelúdio”:

Se um dia padeceste
Aquele dor profunda, aquele ansiar sem termo
Que leva o tédio e a morte ao coração enfermo;
Se queres mão que enxugue as lágrimas austeras,
Se te apraz ir viver de eternas primaveras,
Ó alma de poeta, ó alma de harmonia,
Volve às terras da musa, às terras da poesia!

Tens, para atravessar a azul imensidade,
Duas asas do céu: a esperança e a saudade.
Uma vem do passado, outra cai do futuro;
Com elas voa a alma e paira no éter puro,
Com elas vai curar a sua mágoa estranha.

A terra da poesia é a nossa Alemanha. (p. 315)

É bem verdade que “Os dous horizontes” foi excluído de *Crisálidas*, e que “Prelúdio” o foi de *Falenas*. Uma das possíveis explicações para a recusa de ambos estaria justamente no fato de eles anunciarem questões filosóficas que se tornariam dominantes na poesia e na obra madura do escritor – já que ele pretendia, conforme se verá, que suas *Poesias completas* dessem ao leitor uma ideia de sua evolução.

Em carta a Carlos Magalhães de Azeredo, a propósito da possibilidade de publicar na velhice os versos da juventude, escreveu Machado de Assis:

Há quem me anime a coligir os versos que tenho esparsos e a fazer deles um volume. Não sei ainda que faça. Versos, quando são pecados da mocidade, não se podem tornar virtudes da velhice. Como *tudo pode entrar na história de um espírito*, não digo que não acabe juntando mais alguns pecados. (ASSIS, 1969, p. 155. Grifo nosso.)

Essa carta, datada de 9 de setembro de 1898, já revelava a intenção de compor e dar ao público uma história de si. A ideia de um livro contendo os “versos esparsos”

evoluiu, com o tempo, por insistência de amigos, para ideia da “publicação integral de todas as coleções” (ASSIS, 1969, p. 190), ou seja, para a publicação das *Poesias completas*. E na “Advertência” a esse último volume, a propósito das poesias que ficaram no livro, escreveu ele que elas “bastam para notar a diferença de idade e de composição”. (ASSIS, 1901, p. V) Fica, pois, confirmada, a hipótese de que, na composição das *Poesias completas*, pretendeu o poeta registrar a sua trajetória, dando a ver as mudanças que ocorreram em sua poesia ao longo do tempo. Há um quê de “narrador” por trás dessa atitude – vício do velho ficcionista que ele era.

Se havia algo a ser narrado, dever-se-ia partir de uma “situação inicial”, os versos líricos da juventude, para chegar a uma “situação final”, outra, diversa da primeira, os versos decididamente mais filosóficos de “Ocidentais”. Ambos os poemas teriam sido eliminados pelo motivo (esse pode ter sido apenas um dos motivos) de que as atitudes mais reflexivas e filosóficas deveriam ficar reservadas para o último dos quatro livros do poeta. Sob esse aspecto, aplicar-se-ia a “Prelúdio” o mesmo raciocínio feito com relação a “Os dous horizontes” – e, também por esse motivo, a eliminação do poema estaria justificada.⁵

O poema “Prelúdio”, com seus quarenta versos alexandrinos, que rimam emparelhadamente, divide-se em estrofes irregulares: a primeira tem dez versos, a segunda 24, a terceira cinco, e a última traz, destacado do corpo da penúltima estrofe, o quadragésimo verso, já citado aqui mais de uma vez – “A terra da poesia é a nossa Alemanha.”

No tocante à técnica dos alexandrinos, que têm sempre cesura na sexta sílaba, poder-se-ia apontar um encontro vocálico problemático no verso n. 27 – “**A** ou/tra / ter/ra e/ra / má, // o / meu / pa/ís / é / es/te”. A escansão alternativa (“A / ou/tra / ter/ra e/ra / má, o / meu / pa/ís / é / es/te”) infringe as regras do alexandrino clássico, pois conduz o acento final do primeiro hemistíquio para a sétima sílaba. Nos encontros vocálicos “a-ó”, “a-ô” (caso deste verso: “A outra”) e “a-õ”, com a tonicidade do “o” se sobrepondo à do “a”, a ditongação parece ter sido aceitável para Machado de Assis. Esses encontros ocorrem tanto num poema excluído do livro *Crisálidas* (“Monte Alverne”), como em outro nele conservado (“Elegia”). É bem verdade que, no caso de “Elegia” o “A” inicial do verso pode ficar absorvido na sílaba final do verso anterior,

⁵ A exclusão do poema “Os dous horizontes” faz parte da discussão desenvolvida em: MIRANDA, 2016, v. LXXVI, p. 59-74.

que termina por vogal (outro “a”).⁶ Temos de observar, entretanto, em favor do poeta, que a pronúncia “A ‘utra”, com elisão do “o” inicial de “outra”, que reduz a duas as três sílabas iniciais do verso, não é de todo inadmissível – é, até, bastante razoável e conforme à prosódia vulgar.

* * *

Seguindo a ordem de aparecimento na primeira edição, o segundo poema excluído foi “Visão” – o sétimo do livro. Foi aí, em *Falenas*, que ele apareceu pela primeira vez. O poema tem estrutura um tanto irregular: começa por duas quadras, a primeira em versos decassílabos e com esquema de rimas abab, a segunda em versos decassílabos alternados com hexassílabos, também com esquema de rimas abab; na sequência dessas quadras, o poema continua com cinco sextilhas em versos alexandrinos, com esquemas de rimas aabccb; e, por fim, o poema se fecha com quatro oitavas hexassilábicas, em que os versos ímpares são todos esdrúxulos e soltos, ao passo que os versos segundo e sexto, ambos graves, e os versos quarto e oitavo, ambos agudos, rimam entre si – os graves com os graves, os agudos com os agudos (esquema: xaxbxaxb).

Na quadra inicial, fica exposta a oposição entre o Capitólio e o Calvário. A segunda quadra, assim como as estrofes em alexandrinos tratam da Roma pagã, das conquistas imperiais. Por fim, as oitavas hexassilábicas tratam do advento da cristandade, da Roma cristã.

A “visão” que o poema nos apresenta é, pois, a do império romano pagão em oposição ao império cristão – cada um simbolizado num monte e numa ave:

Vi de um lado o Calvário, e do outro lado,
O Capitólio, o templo-cidadela.
E torvo mar entre ambos agitado,
Como se agita o mar numa procela.

Pousou no Capitólio uma águia; vinha
Cansada de voar.
Cheia de sangue as longas asas tinha;
Pousou; quis descansar.

⁶ O caso do poema “Monte Alverne” foi estudado em: MIRANDA, Machado de Assis e Monte Alverne. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 23, p. 106-123, 2016. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/22664/19375>>. Esse artigo pode ser encontrado também no v. 3, n. 5, da *Machadiana Eletrônica*.

[...]

Dum lado e de outro azulam-se
Os vastos horizontes;
Vida ressurgue esplêndida
Por toda a criação.
Luz nova, luz magnífica
Os vales enche e os montes...
E, além, sobre o Calvário,
Que assombro! que visão!

Fitei o olhar. Do píncaro
Da colossal montanha
Surge uma pomba, e plácida
Asas no espaço abriu.

[...]

Depois... Às mãos dos bárbaros,
Na terra em que nascera,
Após sangrentos séculos,
A águia expirou; e então
Desceu a pomba cândida
Que marca a nova era,
Pousou no Capitólio,
Já berço, já cristão. (p. 316-318)

Trata-se, como se vê, de poesia que foge completamente à unidade lírica que, como ficou demonstrado no caso de *Crisálidas*, o autor pretendeu alcançar na primeira parte de *Falenas*. Nessa parte da obra, como no primeiro livro, a unidade buscada tem caráter lírico, os poemas que ali permaneceram guardam relação velada com a nova fase da vida interior do escritor, marcada pelo noivado e casamento com Carolina Novais.

Lúcia Miguel Pereira, a respeito da relação das poesias desse livro com os acontecimentos da vida do escritor, afirma:

Falenas, publicado em 1870, já tem outro tom [diverso do de *Crisálidas*]. Por esse tempo, o amor correspondido, a entrada de Carolina em sua existência deram ao poeta uma confiança nova no destino, trouxeram o repouso ao coração angustiado, que se abre ao desejo de viver. [...]
“Flor da Mocidade”, “Quando ela fala”, “Manhã de inverno”, “Musa dos olhos verdes”, “Noivado”, “Livros e flores”, “Pássaros”, “Luz entre sombras” são todas poesias de amor, de amor feliz, perfumadas pela presença de Carolina que soube achar o caminho da alma murada, e levar-lhe a esperança e confiança. (PEREIRA, 1988, p. 131-132)

E sobre a passagem de “Vária” para as últimas três partes do livro, diz, com evidente desprezo pela poesia que não deriva diretamente de uma emoção:

E então, já senhor da língua e do metro, refugia-se nas traduções dos chineses, na evocação dos gregos, na arte pela arte, na arte que é “de todas as coisas humanas a única que tem o seu fim em si mesma”.
Impõe silêncio ao coração, estanca a fonte da poesia – nele, eminentemente a introversão – vai, durante algum tempo, dedicar-se à pura ficção. (PEREIRA, 1988, p. 132)

Wilton Cardoso, que estudou a poesia dos dois primeiros livros, só teve palavras, no tocante a *Falenas*, para a primeira parte, como se ela fosse todo o livro. Nisso, ele se aproxima de Lúcia Miguel Pereira. As três partes restantes do livro, justamente as melhores e mais importantes, do ponto de vista da arte da poesia, ele as ignora completamente. E, sobre a relação dos textos dessa primeira parte do livro com a vida do autor, entendendo que não basta a presença de Carolina para explicar o espírito que neles se revela, escreveu, distanciando-se de Lúcia Miguel Pereira:

Novo estágio da trajetória machadiana, *Falenas* poderia constituir, como supuseram os críticos, a libertação das angústias que o escritor revelara em seu primeiro livro de versos. Todavia, como procuramos mostrar, tais angústias parecem-nos muito mais profundas do que as da simples inquietação amorosa da juventude, e a falta de fixação conveniente dos motivos da obra de estreia levou-os a admitir que a participação de Carolina em sua vida bastasse para abrir novos rumos ao comportamento essencial do poeta.
Falenas, ao contrário, continua a ser um mergulho no tema do tempo através de atribulada fragmentação que a vida do poeta inspirava. (CARDOSO, 1958, p. 62-63)

Segundo Wilton Cardoso, a maior ruptura da vida do autor, que ocorreu por essa época e que lhe deixou sulcos profundos na sensibilidade – sendo esta a chave de leitura para muitos dos enigmáticos poemas da primeira parte dessa obra –, foi, no caminho da ascensão social, o abandono de Maria Inês, sua madrasta. (Cf. CARDOSO, 1956, p. 60)

O poema “Visão” é alheio a esse contexto: opondo o capitólio ao calvário, tem por tema a transformação de Roma de capital do antigo império pagão em centro da cristandade.

É possível que palavras que Machado de Assis empregou na parte que dedicou ao poeta Fontoura Xavier, no ensaio “A nova geração” (1879), tenham-lhe retornado à mente, agora (em 1901) que se via às voltas com o exame crítico de sua própria obra.

No texto de 1879, ao passar em exame a obra de Fontoura Xavier, fez sobre o *Régio saltimbanco*, único opúsculo que o poeta tinha publicado até aquela data, com exceção de alguns poucos poemas publicados em jornais, a seguinte avaliação:

Sem abrir mão das opiniões políticas, era mais propício ao seu futuro poético, exprimi-las em estilo diferente, – tão enérgico, se parecesse, mas diferente. O distinto escritor que lhe prefaciou o opúsculo cita Juvenal, para justificar o tom da sátira, e o próprio poeta fala em Roma; mas, francamente, é abusar dos termos. Onde está Roma, isto é, o declínio de um mundo, nesta escassa nação de ontem, sem fisionomia acabada, sem nenhuma influência no século, apenas com um prólogo de história? Para que reproduzir essas velharias enfáticas? (ASSIS, 1994, v. III, p. 823)

Em “Visão”, a poesia de Machado de Assis avizinha-se da poesia hugoana, tal a dimensão das ideias que nela se contrapõem – como nestes versos, aliás já citados:

Vi de um lado o Calvário, e do outro lado
O Capitólio, o templo-cidadela.
E torvo mar, entre ambos agitado,
Como se agita o mar numa procela. (p. 316)

Anda a poesia machadiana, nesse poema, em territórios vizinhos àqueles que ele tanto reprovou na poesia de Múcio Teixeira, quando afirmou:

Vemos aí [nos poemas hugoanos de Múcio Teixeira] o condor, aquele condor que à força de voar em tantas estrofes, há doze anos, acabou por cair no chão, onde foi apanhado e empalhado; vemos as epopeias, os Prometeus, os gigantes, as Babéis, todo esse vocabulário de palavras grandes destinadas a preencher o vácuo das ideias justas. (ASSIS, 1994, v. III, p. 834)

E entre os vocábulos e expressões com que o Machado de Assis crítico apontava defeitos na poesia dos outros, conforme anotou Tristão de Ataíde, está a “hipérbole” (Cf. ATAÍDE, in: ASSIS, 1994, v. III, p. 782-783) – palavra e ideia que bem se aplicam aos versos machadianos desse poema.

Como fizera restrições ao uso de Roma na poesia, no caso de Fontoura Xavier, em outro momento, Machado de Assis arrepiou-se foi com o monte Calvário na poesia. Em crônica de 3 de junho de 1885, da série “Balas de estalo”, expressou a seguinte opinião, em que reprovava uns versos em honra de Vítor Hugo que mencionavam o Calvário publicados por um poeta jovem: “O desejo é que deixemos repousar o Calvário por algum tempo. Há já muito Calvário em verso e em prosa” (ASSIS, 1955, v. IV, p. 249).

Também esse dado, o haver “já muito Calvário em verso”, pode ter contribuído para a supressão do poema do livro. A relação de negação do escritor com a religião católica, já fixada ao tempo do aparecimento das *Poesias completas*, poderia ser apontada como um elemento a mais para explicar a recusa do poema.

Além da temática alheia às questões relacionadas à vida interior, “Visão” foi publicado com dedicatória a Luís de Alvarenga Peixoto. Esse jornalista, entusiasta do talento do jovem Machado de Assis, lhe dedicara um poema intitulado “O gênio”, que trazia, em versos, a seguinte dedicatória: “A MACHADO DE ASSIS – Qual vaga que murmura as vibrações harmônicas, / que vem do alto-mar na voz da viração, / ao bardo de ‘Corina’, ‘ao poeta das *Crisálidas*’, / saúda jubiloso o mais obscuro irmão”. (PEIXOTO, 1869, p. 3374) Publicado na *Semana Ilustrada* de 10 de janeiro de 1869, o poema vinha assinado por Luiz d’Alva, que, segundo Ubiratan Machado, era o pseudônimo utilizado por ele. A dedicatória de “Visão” é, ainda segundo Ubiratan Machado, uma retribuição de Machado de Assis ao amigo (Cf. MACHADO, 2008, p. 261-262).

Como aconteceu em *Crisálidas*, nenhum dos poemas que traziam dedicatória na seção “Vária” de *Falenas* foi conservado no livro. Tratamento diverso desse receberam os poemas “Uma ode de Anacreonte” e “Pálida Elvira”, que eram dedicados a Manuel de Melo e Francisco Paz, respectivamente. Ambos os poemas, assim como suas dedicatórias, foram conservados no livro. A autonomia dos textos, nesses dois casos, é suficientemente forte, para que a leitura e a interpretação não se contaminem pelas dedicatórias.

No tocante à técnica do verso, todos eles corretos, é de se observar a estranha e irregular combinação de versos decassílabos, alexandrinos e hexassílabos. Mas, deve-se reconhecer, essa combinação é menos estranha do que a de decassílabos com redondilhos ou a de metros variados – como acontece em alguns poemas que foram mantidos no primeiro livro do poeta.

* * *

O terceiro poema, depois de “Prelúdio” e “Visão”, eliminado de *Falenas* foi “Menina e moça”, talvez o único caso em que uma razão objetiva, apontada pelo próprio poeta, teria motivado a exclusão. E trata-se, justamente, de uma razão contextual – que reforça o argumento que vem sendo empregado aqui desde quando analisamos algumas das exclusões de *Crisálidas*. (Cf. MIRANDA, 2016, p. 59-74)

Antes de aparecer em *Falenas*, “Menina e moça” circulou, lado a lado com “Cegonhas e rodovalhos”, na *Semana Ilustrada* (24 de janeiro de 1869), periódico assinaladamente jocoso, que tinha por divisa o “ridendo castigat mores”, variante do “castigat ridendo mores”, de Jean de Santeuil, inscrito abaixo do título. Esses dados sugerem uma leitura menos séria do que seria de se esperar das peças poéticas machadianas do mesmo tipo ou que abordam temas da infância, juventude e início da vida adulta das mulheres. E os versos alexandrinos empregados na composição comportariam, por isso, uma pitada de humor, soariam demasiado ligeiros, irônicos – teriam, portanto, um quê de inadequados, especialmente se vistos lado a lado com as demais composições do livro e, em especial, com as duas outras peças – “Prelúdio” e “Sombras” – em que, nessa parte do livro, o verso alexandrino foi empregado.

O poema consta onze quadras em versos alexandrinos, com esquema de rimas abab: os versos ímpares são graves; os pares, agudos.

Sobre os versos agudos, Antônio Feliciano de Castilho, cujo *Tratado de metrificação portuguesa* Machado de Assis sempre seguiu, nos dá a seguinte lição:

Os versos agudos, pelo seu modo seco e estalado de acabar, sem elasticidade, sem vibração, se assim o podemos dizer, têm o que quer que seja de ingrato ao ouvido; seriam insofríveis, se alguém se lembrasse de no-los dar enfiados aos centos e aos milheiros, como os graves nos aparecem, sem nos cansarem; demais, por isso mesmo que os vocábulos agudos são menos frequentes, daí tiram os versos agudos um *quid* de exibição e esquisitice, que não parece frisar senão com as ideias extravagantes, cômicas, brutescas ou satíricas. (CASTILHO, 1851, p. 23-24)

A ser verdade o que afirma Castilho, o emprego de rimas agudas em todos os versos pares do poema reforça seu lado cômico e ligeiro.

Já o título do poema nos lembra a obra de mesmo nome, de Bernardim Ribeiro. Na tradução que fez de Alexandre Dumas, que será examinada mais adiante, Machado de Assis empregou a expressão “longes terras” (“Estâncias a Ema”, terceira estrofe da segunda parte: “Vi esta primavera em longes terras, / Tão ermo de esperanças e de amores, / Olhos fitos na estrada, onde esperava / Ver-te chegar, como a estação das flores.”) – expressão que se encontra, em algumas edições, no primeiro parágrafo dessa novela pastoril quinhentista: “Menina, e moça me leuarão de casa de meu pay para longes terras: qual fosse então a causa daquela minha leuada, era pequena não na soube” (RIBEIRO, 1785, p. 1).

Como acontece com diversas outras expressões e temas, a expressão “longes terras” comparece, também, em crônica do autor. Na série de crônicas “Ao acaso”, publicadas no *Diário do Rio de Janeiro*, aparece, em 17 de outubro de 1864, o seguinte trecho:

Completem os leitores mentalmente as muitas páginas que eu podia escrever neste assunto [a subida aos ares, em balão, de uma mulher, que tomava, assim, a frente aos homens], e a propósito desta última ascensão [realizada pelo Sr. Wells, no sábado anterior ao aparecimento desta crônica, tendo como ponto de partida o campo de Sant’Ana e de chegada o morro da Viúva]. A conquista do ar! Quem é que não se sente tomar de entusiasmo ante esta nova aplicação dos conhecimentos humanos? Enquanto os leitores deixam assim correr a imaginação pelo ar, o folhetinista atravessa os mares e vai ver em longes terras da Europa um poeta e um livro [Gonçalves de Magalhães e seus *Cantos fúnebres*, publicado naqueles dias]. (ASSIS, 1955, v. 2, p. 191)

Muitos anos mais tarde, em 20 de janeiro de 1887, a expressão ainda ocorreria ao escritor, que a empregou nestes versos da “Gazeta de Holanda”:

A polca veio
De longes terras estranhas,
Galgando o que achou de permeio,
Mares, cidades, montanhas. (ASSIS, 1955, v. 4, p. 323)

É bem possível que “longes terras” seja uma reminiscência de leitura e que Machado de Assis tenha convivido, pela época em que compôs o poema “Menina e moça”, com a novela de Bernardim Ribeiro.

Em carta a Magalhães de Azeredo, datada de 15 de agosto de 1901, por ocasião da remessa de suas *Poesias completas* ao amigo, explicou Machado de Assis:

Não sei se lhe disse que cortei muita coisa dos primeiros livros; arrependi-me de alguns cortes, como a *Menina e Moça*, por exemplo. Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso:

Tem respeito à Geslin, mas adora a Dazon,

que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la. (ASSIS, 1969, p. 228)

Também Alfredo Pujol se refere à eliminação desse poema e à explicação dada por Machado de Assis. Em sua sétima conferência sobre o autor, relatou ele:

Referiu-me Rodrigo Octavio que uma vez lhe perguntou por que razão deixara de inserir nas *Poesias Completas* aquele lindo trecho das *Falenas – Menina e Moça*, que começa por estes versos:

Está naquela idade inquieta e duvidosa,
Que não é dia claro e é já o alvorecer;
Entreaberto botão, entrefechada rosa,
Um pouco de menina e um pouco de mulher...

Explicou-lhe Machado de Assis que um dos versos da poesia mencionava os nomes de uma modista e de uma mestra daquele tempo... Isto o obrigaria a uma nota elucidativa do texto, que repugnava ao bom gosto. (PUJOL, 1934, p. 306)

Os versos mencionados pelo poeta são os da seguinte quadra:

Alegra-se em ouvindo os compassos da orquestra;
E quando entra num baile, é já dama do tom;
Compensa-lhe a modista os enfados da mestra;
Tem respeito à Geslin, mas adora a Dazon. (p. 320)

Madame Geslin foi “uma das mais fortes presenças no conjunto das proprietárias de colégio de meninas” do Rio de Janeiro – ela esteve “envolvida com educação de meninas desde 1845”; Catharina Dazon, por seu turno, proprietária de lojas em Paris, Londres e Lyon, era modista estabelecida na Rua do Ouvidor. (MENEZES, 2004, p. 111-131)

Como se vê, informações contextuais muito bem definidas não eram desejadas pelo poeta em obras que deveriam durar para além de seu tempo – como é próprio dos textos poéticos (especialmente se o autor os destina a um livro).

Acrescente-se a esses argumentos a resposta imediata, “Flor e fruto”, de Ernesto Cibrão, a quem o poema era dedicado, que circulou no mesmo periódico em que “Menina e moça” aparecera – resposta, também ela, incluída em *Falenas* por Machado de Assis. A transcrição dos versos de Ernesto Cibrão, que na *Semana Ilustrada* (31 jan. 1869, p. 3398-3399) apareceram apenas com a assinatura “E.”, foi feita em nota, ao final de *Falenas* (ASSIS, 1870, p. 212-213).

No tocante à versificação, no geral irrepreensível, pode-se apontar um pequeno senão, que não se pode saber se terá sido motivo de incômodo para o autor e, conseqüentemente, terá contribuído para a exclusão do poema do livro. Trata-se do segundo destes versos – “A lição de sintaxe em que combina o verbo / *To love*, mas sorrindo ao professor de inglês.” –, em que é obrigatória a contagem de duas sílabas no monossílabo inglês *love* (o que implicaria uma pronúncia excessivamente aportuguesada).

Que Machado de Assis tinha clara consciência do caráter “vocalizante”, “estendido”, “adocicado” da pronúncia brasileira de tais vocábulos, comprova-o o comentário que fez, em crônica de 25 de novembro de 1894, sobre a palavra “piquenique”, e justificando-se por não adotar a grafia *pic-nic*:

Sabe-se que esta palavra veio-nos dos franceses, que escrevem *pique-nique*. Como é que nós, que temos o gosto de adoçar a pronúncia e muitas vezes alongar a palavra, adotamos esta forma ríspida e breve: *pic-nic*? Eis aí um mistério, tanto mais profundo quanto que eu, quando era rapaz (anteontem, pouco mais ou menos), lia e escrevia *pique-nique*, à francesa. Que a forma *pic-nic* nos viesse de Portugal nos livros e correspondências dos últimos anos, sendo a forma que mais se ajusta à pronúncia da nossa antiga metrópole, é o que primeiro ocorre aos inadvertidos. Eu, sem negar que assim escrevam os últimos livros e correspondências daquela origem, lembrarei que Caldas Aulete adota *pique-nique*; resposta que não presta muito para o caso, mas não tenho outra à mão.

Não me digas, leitor esperto, que a palavra é de origem inglesa, mas que os ingleses escrevem *pick-nick*. Sabes muito bem que ela nos veio de França, onde lhe tiraram as calças longas, para vesti-la à moda de Paris, que neste caso particular é a nossa própria moda. Vede o *frac* dos franceses. Usamos

hoje esta forma, que é a original, nós que tínhamos adotado anteontem (era eu rapaz) a forma adoçada de *fraque*. (ASSIS, 1955, v. 2, p. 230-231)

Agrippino Grieco observa que, nas crônicas da *Gazeta de Notícias*, “verifica-se que Machado, detestando os neologismos, teimava em viajar nos ‘bonds’ e não nos ‘bondes’, numa perfeita recusa a aportuguesar a palavra”. (GRIECO, 1969, p. 94) Se o uso de palavras estrangeiras nos versos parece desmentir o crítico, a posterior eliminação dos poemas nas *Poesias completas* parece confirmá-lo.

* * *

A mesma questão, envolvendo outra vez nomes ingleses como potencialmente problemáticos do ponto de vista da técnica do verso, aparece ainda, como veremos, no poema eliminado seguinte: “No espaço”.

O poema é o décimo quinto da obra, e o quarto eliminado dela. Ele traz epigrafe de La Rochefoucauld – “Il n’y a qu’une sorte d’amour, mais il y en a mille différentes copies.” – e narra a subida ao céu de dois personagens, Lovelace, o sedutor, personagem do romance *Clarissa Harlowe* (1748), de Samuel Richardson, e Romeu, o amante de Julieta, na tragédia de Shakespeare (c. 1591-1595) que retoma história de tradição italiana.

Composto por 91 versos setissílabos distribuídos irregularmente em estrofes (que têm de quatro a catorze versos), o poema apresenta versos rimados de mistura com versos soltos. Já na primeira estrofe, relacionada com a questão mencionada da presença de palavras estrangeiras no texto, há a rima de “face” com “Lovelace” – rima visual apenas, aparentada às rimas entre vogais abertas e fechadas, como em “céu” e “Romeu”, que são frequentes na tradição da poesia de língua portuguesa – pelo menos desde Gil Vicente. Segundo Celso Cunha, “o grande dramaturgo português introduziu o hábito de rimar vogais abertas com fechadas, provavelmente por influência do castelhano, em que, ao contrário do nosso idioma, tais vogais não se opõem fonologicamente”. (CUNHA, 2004, p. 132)

A presença de palavras de língua inglesa no poema muitas vezes exige uma contagem silábica aportuguesada, alheia à prosódia da língua de origem. Em alguns casos, encontros vocálicos intervocabulares, que normalmente se ditongam (ou não se

pronunciam, por apócope) na língua comum, podem ser pronunciados como hiatos, de modo que se permita a correta contagem de sílabas nas palavras da língua estrangeira; em outros casos, não – a única contagem possível, para que os versos sejam setissílabos, exige o aportuguesamento da pronúncia (às vezes exagerado). Vejamos os versos em que ocorrem tais fenômenos, primeiro aqueles dois em que há leituras alternativas (pela hiatização de ditongos):

Verso n. 10:
Uma era a de Lovelace,

U/m' e/ra a / de / **Lo/ve**/lace,
1 2 3 4 5 6 7

ou, alternativamente (sem apócope):

U/ma / e/ra a / de / **Lov'**/lace,
1 2 3 4 5 6 7

Verso n. 86:
E a alma de Lovelace

E a / al/ma / de / **Lo/ve**/lace
1 2 3 4 5 6 7

ou, alternativamente (com hiato):

E / a / al/ma / de / **Lov'**/lace
1 2 3 4 5 6 7

E, em seguida, os três que não possuem alternativas à atribuição de um número maior de sílabas às palavras inglesas do que as que elas (normalmente) têm:

Verso n. 16:
De Lovelace indagava

De / Lo/ve/la/ce in/da/ga/va
1 2 3 4 5 6 7

Verso n. 74:
Lovelace concluíra;

Lo/ve/la/ce / con/clu/i/ra;
1 2 3 4 5 6 7

Verso n. 90:
Cem Lovelaces num dia

Cem / Lo/ve/la/ces / num / di/a[.]
1 2 3 4 5 6 7

Não se pode determinar com clareza se tais fenômenos, dos quais Machado de Assis tinha plena consciência, tiveram (ou não) um papel determinante na exclusão do poema de *Falenas*. Há mais coisas, que podem ter exercido influência sobre o espírito do autor. A própria questão do lirismo pessoal, em torno do qual giravam os elogios da crítica, pode ter tido um papel importante nesse processo. Mas ainda há mais.

No poema, as almas dos dois personagens, rompidos os laços que as prendiam à vida terrena, sobem pelo espaço, e enquanto isso conversam. Lovelace, personagem símbolo dos devassos que não hesitam diante de nenhum meio, nem mesmo os meios criminosos, para a conquista de uma mulher, narra seus amores; Romeu, que o ouve ao longo do poema, confessa, ao final, que só amou uma vez na vida. O primeiro é devolvido à terra, ao passo que o segundo ganha o céu. O valor relativo dos dois fundamenta a moralidade que o poema encerra:

Daqui vem que a terra conta,
Por um decreto do céu,
Cem Lovelaces num dia
E em cem anos um Romeu. (p. 324)

O mesmo esquema narrativo foi empregado pelo poeta, mais tarde, em “Última jornada”, publicado em *Americanas* e conservado nas *Poesias completas*. Nesse poema, um casal de índios sobe ao céu, depois de mortos, e, enquanto sobem, fala o marido: ele, por ter matado a esposa, seguirá para a “fria região das trevas”, ao passo que ela, vítima dele, seguirá na direção da aurora. Mário de Andrade considerou este poema de *Americanas* “uma das mais belas criações do mestre e da nossa poesia” (ANDRADE, 1993, p. 59).

A semelhança das situações narrativas, e a superior realização de “Última jornada” pode ter desempenhado um papel de relevo na decisão do autor de excluir de suas *Poesias completas* o primeiro poema, “No espaço”.

Além disso, há o fator que parece ser comum a todos os poemas excluídos, que consiste no fato de nenhum deles incorporar-se com facilidade à unidade do livro.

* * *

Por fim, o último poema do autor excluído do livro era o vigésimo, na edição de 1870: “A um legista”. Entre ele e “No espaço”, o poema anterior também excluído, há duas traduções: “Os deuses da Grécia”, de Schiller, e “Cegonhas e rodovalhos”, de Bouilhet. Essas traduções, também eliminadas, serão estudadas adiante.

“A um legista” é um conjunto de dezesseis quadras em versos hexassílabos, com rimas alternadas, que apareceu unicamente na primeira edição de *Falenas*. Trata-se de poema dirigido a um especialista em leis, que se retira da cidade para o campo; o poeta elabora comparações nem sempre muito felizes: primeiro, opõe o “Digesto”, obra de jurisprudência, à “rosa da manhã” – que o legista há de encontrar no campo; a partir daí, desenvolve um embate jurídico entre o colibri e a brisa, ambos em competição pela posse da rosa. O “juiz”, o sol, decide que ela deve ser partilhada por ambos, o que gera ineficazes apelações dos dois interessados; segue-se a comparação da “rosa” com a “mulher”. No final, expressa o poeta seu desejo – apenas desejo – de acompanhar o amigo na experiência da vida bucólica.

Se o poema estava vinculado a algum amigo real do poeta, que se retirara da corte por aqueles tempos, é coisa que não se sabe, e a informação parece hoje irrecuperável. Se fosse possível recuperá-la, e a suposição se confirmasse, seria isso ainda razão para a exclusão do poema das *Poesias completas*, que, tudo indica, o poeta desejava fosse um *monumentum aere perennius*. É bem provável que o poema, como sucedeu a “Menina e moça”, exigisse nota explicativa, o que, como se viu, repugnava o autor.

Afora isso, não apresenta “A um legista” qualquer afinidade com os temas centrais da primeira seção do livro: a experiência do noivado e a situação espiritual conflituosa associada à mudança da vida e da posição social. No tocante à técnica da versificação, o único senão é uma rima imperfeita – “luz/flux” – em meio ao conjunto de rimas consoantes perfeitas. Por si só, esse senão parece ser argumento fraco e não decisivo, no tocante à exclusão do poema das *Poesias completas*.

III

Conforme já afirmamos, quatro das cinco traduções presentes na primeira seção de *Falenas* foram eliminadas da obra.

Temas da Antiguidade clássica, além de aparecerem no poema “Visão”, comparecem em pelo menos dois outros poemas de “Vária”: “Os deuses da Grécia”, tradução de Schiller, e “Cegonhas e rodovalhos”, de Bouilhet. São ambos traduções. Não associadas a esses temas, duas outras poesias traduzidas – “Estâncias a Ema”, de Dumas Filho, e “A morte de Ofélia”, de Shakespeare – foram também excluídas da primeira parte do livro.

Em *Falenas*, o critério de eliminação não atingiu, como ocorrera em *Crisálidas*, todas as traduções por igual; foram excluídos os quatro poemas mencionados, mas permaneceu no livro a tradução “A Elvira”, de Lamartine. Além disso, toda a segunda parte do livro é composta por poemas chineses, traduzidos do *Livre de jade*, versão francesa (em prosa) de poemas chineses por Judith Walter. Desse conjunto, os dois de temas relacionados à Antiguidade clássica – “Os deuses da Grécia” e “Cegonhas e rodovalhos” – se aproximam, pelo tema (a Antiguidade), do poema “Visão”.

A primeira das traduções a aparecer em *Falenas* é “A Elvira”, que permaneceu no livro; a segunda é “Os deuses da Grécia”. O poema de Schiller foi traduzido do francês. Em nota ao final do volume, registrou o tradutor: “Não sei alemão; traduzi estes versos pela tradução em prosa francesa de um dos mais conceituados intérpretes da língua de Schiller”. (ASSIS, 1870, p. 214) Galante de Sousa supõe que o tradutor francês, “um dos mais conceituados intérpretes da língua de Schiller”, seja Ad[olphe]. Régnier. (SOUSA, 1955, p. 448)

Na escolha desse poema para traduzir, Jean-Michel Massa vê uma antecipação do gosto da época de Machado de Assis, pois trata-se de “uma poesia em que certos versos têm acentos pré-parnasianos”. (MASSA, 2008, p. 81-82)

O texto de Schiller teve duas versões (em alemão): a primeira, publicada em 1788; a segunda, modificada depois das críticas recebidas, mais curta, algum tempo depois (1800). O tradutor francês optou pela segunda versão, registrando em rodapé a parte suprimida por Schiller. Em alemão o texto está composto em oitavas, com rimas obedecendo ao esquema ababcdcd. Cada estrofe em alemão rendeu um parágrafo em francês: dezesseis estrofes na língua original, dezesseis parágrafos em francês. Machado de Assis traduziu cada parágrafo do francês em duas quadras, compostas em versos brancos, três decassílabos seguidos de um hexassílabo. Os dezesseis parágrafos renderam 31 quadras ao tradutor brasileiro: a tradução é bastante livre, mas o contorno

das ideias de cada parágrafo comparece nitidamente a cada duas quadras. Os dois últimos parágrafos do texto francês apresentam uma peculiaridade: o conteúdo da segunda metade do penúltimo se superpõe ao conteúdo da primeira metade do último. Machado de Assis, nesse caso, optou por seguir mais de perto a primeira metade do último parágrafo – economizando a quadra que corresponderia à segunda metade do penúltimo. Daí a versão ter apenas 31 estrofes, quando se esperavam 32.

Galante de Sousa, para sugerir a tradução francesa de Adolphe Régnier como fonte de Machado de Assis, argumenta da seguinte maneira:

Em nota, diz o tradutor francês, que, na versão primitiva [de “Die Götter Griechenlands”], havia quatro outras estrofes em lugar da 6ª na sua tradução. Como a essa 6ª estrofe correspondem as estrofes 11ª e 12ª da tradução de Machado de Assis, parece lícito concluir que o mesmo baseou sua composição na tradução de Régnier. (Cf. SOUSA, 1955, p. 447-448)

O raciocínio não justifica a conclusão, pois cada duas estrofes de Machado de Assis correspondem a um parágrafo do texto francês (cada um, por sua vez, corresponde a uma estrofe em alemão). Jean Michel-Massa registra o fato de que na biblioteca de Machado de Assis havia um exemplar da tradução de Régnier, mas observa, também, que havia outras traduções do texto de Schiller para o francês (Jordan, 1822; Müller, 1858) e que o tradutor brasileiro se serviu mesmo foi das *Poésies de Schiller*, traduzidas por Xavier Marmier, que corriam impressas por aquele tempo (Cf. MASSA, 2008, p. 111-112).

A décima segunda estrofe de Machado de Assis, fracamente ligada ao parágrafo de Régnier, liga-se fortemente à tradução de Marmier. Vejamos as estrofes mencionadas por Galante de Sousa, n. 11 e n. 12, de Machado de Assis:

Jejuns austeros, torva gravidade
Banidos eram dos festivos templos;
Que os venturosos deuses só amavam
Os ânimos alegres.

Só a beleza era sagrada outrora;
Quando a pudica Tiêmone mandava,
Nenhum dos gozos que o mortal respira
Envergonhava os deuses. (p. 326)

A tradução de Régnier:

La gravité sombre et le triste renoncement étaient bannis de votre culte serein; tous les coeurs devaient battre heureux et contents, car les heureux vous étaient alliés. Rien alors n'était saint que le beau; le dieu n'avait honte d'aucune joie, là où la Muse, rougissant avec pudeur, où la Grâce commandait. (SCHILLER, 1859, p. 414-418)

E a de Marmier, do trecho correspondente:

La gravité sombre, l'austère abstinence étaient bannies de votre joyeuse religion; tous les coeurs devant être heureux, car le mortel heureux était votre allié. Alors rien n'était sacré que le beau, le Dieu n'avait honte d'aucune joie, quand la pudique Thiémone, quand la Grâce ordonnait. (SCHILLER, 1854, p. 149-152)

Bastaria essa passagem, para o convencimento de que a fonte utilizada por Machado de Assis foi a versão francesa de Xavier Marmier.

Os versos de Machado de Assis são irrepreensíveis; há, é certo, justaposição de duas tônicas, no verso 58 – “O Tirso de Evoé; sátiros fulvos” –, que obriga à diástole em “sátiros”, e no verso 45 – “Só a beleza era sagrada outrora;” (que normalmente se pronuncia “Só a belez’ era sagrada outrora;”) –, manutenção do acento grego no nome “Persefone”, no verso 30 – “De Ceres pela esquiva Persefone;” – para fins de métrica e de rima, suarabácti no verso 28 – “Sirinx, Filomela” –, e diversas elisões (ousadia nas ditongações), todos esses recursos legítimos e amplamente empregados pelos poetas de língua portuguesa.

A edição crítica introduziu um erro no verso 79 – “Reconhecida Pílades o sócio,” no lugar de “Reconhecia Pílades o sócio” (no francês de Régnier, “reconnâit de nouveau”; “reconnaissait”, em Marmier) –, erro que passou a *Toda poesia de Machado de Assis*. (Cf. ASSIS, 1976, p. 328; ASSIS, 2008, p. 119)

* * *

“Cegonhas e rodovalhos”, segundo poema traduzido eliminado da obra, destoa completamente o espírito dominante em “Vária”. Jean-Michel Massa assim o descreve:

“Cigognes et turbots”, de Louis Bouilhet é uma poesia heróica-cômica e burlesca, dedicada à glória de Asinius Sempronius Rufus. Machado de Assis se diverte como se divertiu o autor. Como este, ele admira, louva e soa a trombeta para cantar a glória do ilustre cozinheiro romano. Desde a primeira estrofe

[...], Machado de Assis aparece à vontade. Dentro do livro *Cigognes et astragales*, “Cigognes et turbots” não é o maior poema (Bouilhet, de resto, é um poeta menor), mas de longe o mais divertido por sua falsa eloquência exagerada [...]. Machado de Assis [...], por algumas expressões sutis, que valorizam o ridículo de “Cigognes et turbots” (invicto, desentranhando, evos) [...], ao latinizar sua versão, agrega efeitos cômicos. (MASSA, 2008, p. 78)

Nada mais distante, portanto, do espírito que assumiu a porção “Vária” do livro *Falenas* em sua forma definitiva. Se o poeta pretendia condensar essa parte do livro, conferir-lhe unidade lírica, antes prejudicada pela inserção de peças de vários estilos, não pode haver dúvidas de que esse poema deveria ser retirado do conjunto.

O poema, antes de seu aparecimento em *Falenas*, havia sido publicado na *Semana Ilustrada*, em 24 de janeiro de 1869. Machado de Assis traduziu as sextilhas francesas, em versos alexandrinos combinados com octossílabo (o sexto verso de cada estrofe), com esquema de rimas aacddc, por oitavas em versos decassílabos brancos combinados com hexassílabos (o quarto e o oitavo de cada estância).

A versificação, como costuma ser em Machado de Assis, é correta. O verso n. 74 – “Tê-la-ás à farta, à tua grã memória;” – tem sido transcrito com um erro que o torna hendecassílabo – “Tê-las-ás à farta, à tua grã memória”. O erro aparece nas edições Jackson (1953, 1955, 1957, 1959, 1962, 1970 – mas não 1937, 1938, 1942, 1944, 1946, 1950), nas edições José Aguilar/Nova Aguilar (1973, 1979, 1986, 1992, 1994, 1997, 2004, 2006 – mas não 1959, 1962 – todas em três volumes –; nem 2008, 2015 – em quatro volumes) e na edição crítica das *Poesias completas* (1976, 1977).⁷

* * *

As “Estâncias a Ema”, de Alexandre Dumas Filho, são versos que o escritor incluiu no romance *La dame aux perles* (1853) (Cf. DUMAS FILS, 1869, p. 100-101, primeira parte; e p. 312-314, segunda parte). No romance, a segunda parte tem apenas 23 (e não 24) estrofes – falta-lhe a décima terceira. Com o título de “Saint-Cloud” (também com apenas 23 estrofes na segunda parte, pelo menos na edição consultada), o poema aparece nas páginas que antecedem o drama “Diane de Lys” em *Théâtre complet*

⁷ Não examinamos todas as edições existentes, mas os casos apontados nos permitem concluir que o erro aparece com frequência.

(segunda edição em 1868). Ambas as obras, romance e drama, assim como os versos em questão, guardam relação com a mesma experiência amorosa do autor (Cf. DUMAS, 1860, p. 7-52; DUMAS FILS, 1868, p. 185-379). Em *Causeries*, onde o poema foi transcrito por Alexandre Dumas (pai), o poema aparece com as 24 estrofes traduzidas por Machado de Assis (Cf. DUMAS, 1860, p. 7-52).

Em francês, as quadras estão compostas em versos alexandrinos, com rimas alternadas; em português, os versos são decassílabos, e, em cada quadra, apenas os versos pares rimam entre si.

A primeira publicação desses versos ocorreu no *Diário do Rio de Janeiro*, em 6 de abril de 1865, no rodapé da primeira página. Antes dos versos, abaixo do título que lhes deu – “Versos a Ema / (A dama das pérolas)” –, Machado de Assis escreveu:

Todos sabem que Dumas Filho copiou Margarida Gautier, Diana de Lys e Susana d’Ange por três modelos que encontrou no mundo parisiense.
A cada uma das mulheres que lhe serviram de modelo o autor da *Dama das pérolas* consagrou algumas estrofes da sua musa singela e original.
Tivemos ocasião de publicar, traduzida em versos portugueses, a poesia consagrada a Maria Duplessis.
Faremos o mesmo agora com as duas poesias feitas à condessa Ema (*a dama das pérolas*). À primeira demos o título de *Um passeio de carro* – e à segunda – *Um ano depois*.
Procuramos conservar a simplicidade, às vezes prosaica, do texto francês. Se os pensamentos viçosos e originais não perderam nesta transplantação, decidam-no os competentes.
(ASSIS, 1865, p. 1)

Embora Machado de Assis mencione “a dama das pérolas”, e as duas partes do poema tenham sido incorporadas ao romance que tem esse título (no capítulo X e no capítulo XXIX, respectivamente), é praticamente certo que o texto francês de que ele se serviu não é o do romance. Neste, a segunda parte tem apenas 23 estrofes; a tradução de Machado de Assis tem 24.⁸ O mesmo poema, com o título de “Saint-Cloud”, que aparece no *Théâtre complet* (1868), também possui apenas 23 estrofes – como nas edições consultadas do romance, falta-lhe a décima terceira. A estrofe suprimida é justamente a que traz o nome “Ema”:

⁸ Foram consultadas edições de *La dame aux perles* dos anos de 1855, 1869 e 1882; em todas elas falta a décima terceira estrofe da tradução de Machado de Assis. A primeira edição do romance, contudo, é de 1853.

Só, durante seis meses, dia e noite
 Chamei por ti na minha angústia extrema;
 A sombra era mais densa a cada passo,
 E eu murmurava sempre: – Oh! minha Ema! (p. 341)

A supressão da estrofe faz sentido, uma vez que nem o romance (*La dame aux perles*) nem a peça teatral (*Diane de Lys*) têm personagem com esse nome.

A fonte, portanto, de Machado de Assis, é certamente uma versão do poema na redação anterior a sua inclusão nessas obras. Alexandre Dumas (pai) divulgou esse poema em “Les trois dames”, texto publicado em *Causeries* (1860) – nessa versão existem 24 estrofes na segunda parte do poema, e a décima terceira é a que aparece, também, na tradução brasileira. É possível que Machado de Assis tenha utilizado essa fonte. Alguns outros dados parecem confirmar essa hipótese. Cotejadas as três versões francesas (a de *Causeries*, a de *La dames aux perles* e a do *Théâtre complet*, que traz o título de “Saint-Cloud”), constatam-se algumas variantes textuais; dessas, algumas se refletiram na tradução, conforme se vê no quadro abaixo:

Estrofe	<i>Causeries</i>	<i>La dame aux perles</i>	Saint-Cloud	Tradução
7	mon âme espère	mon coeur espère	mon âme espère	minh'alma espera
8	tendres couleurs	tendres couleurs	fraiches couleurs	delicadas cores
19	le même aspect	le même aspect	le même ciel gris	o mesmo aspecto
23	loin de cet amour	tout à cet amour	loin de cet amour	longe desse amor

Portanto, tudo nos leva a crer que ou Machado de Assis se valeu da versão publicada por Alexandre Dumas (pai) em *Causeries* ou se valeu de uma versão publicada em outro veículo, mas coincidente com ela em todos os pontos considerados (anotados no quadro), inclusive no tocante à décima terceira estrofe.

Antes de aparecer em *Falenas*, a tradução foi publicada também no *Semanário Maranhense*, em 1869 (Cf. SOUSA, 1955, p. 404-405). A versificação é corretíssima, deixando apenas à observação a ousadia de algumas elisões e sinalefas – o que era comum entre os poetas daquele tempo e das gerações que se seguiram – e uma rima

imperfeita – “flux/luz”. Nada disso parece razão suficiente para explicar a exclusão do poema; muito mais significativo, a esse respeito, é o poema como um todo, concebido em função de uma aventura amorosa mundana de seu autor, bem distante, em espírito, da unidade doméstica e do tom muitas vezes contrito das poesias que permaneceram na seção “Vária”, de *Falenas*.

* * *

A última das traduções excluídas da primeira parte do livro é “A morte de Ofélia”, que traz a expressão “Paráfrase”, entre parênteses, abaixo do título, como a garantir ao tradutor certo grau de autonomia, uma liberdade maior, em relação ao original. O trecho traduzido, em *Hamlet*, pertence à cena VII do ato IV. E esse não foi o único trecho dessa obra a interessar o poeta brasileiro; em *Ocidentais*, livro que apareceu nas *Poesias completas*, ele ainda incluiria o célebre monólogo do ato III, cena I.

Machado de Assis já havia visitado esse tema em “Ofélia”, poesia publicada no *Correio Mercantil* em 1859 e nunca recolhida em livro por ele. Esse poema mais antigo foi composto em nove quintilhas, em versos decassílabos combinados com hexassílabos, segundo um esquema fixo, em que os quebrados são sempre o segundo e o quinto versos; o primeiro verso de cada estrofe é solto, o segundo rima com o quinto, e o terceiro com o quarto.

A “paráfrase” que aparece em *Falenas* é muito mais bem realizada – é um excelente poema, composto em versos decassílabos combinados, sem regularidade, com hexassílabos, e rimados sem esquema fixo, com alguns versos soltos. A cadência dos versos é adequada ao desenrolar da cena, a precisão descritiva e narrativa nada deixa em penumbra – o leitor bem vê Ofélia escorregar para as águas e nelas afundar.

Jean-Michel Massa discorda dessa avaliação; pois diz ele: “...a nossa reserva diante de ‘A morte de Ofélia’ provém, sobretudo, da inatualidade dessa versão que parece envelhecida em sua insistência verbosa e em seu langor quase lamartiniano”. (MASSA, 2008, p. 87)

Como quer que se julgue o poema, valioso pela clareza da descrição e da narrativa ou desimportante pelo tom romântico e pelo desenvolvimento verbal dado aos detalhes (51 versos, quando o original tem apenas 18), as possíveis razões para sua

exclusão da seção “Vária” de *Falenas* residem na luta para dar unidade lírica àquela seção do livro.

A opção pela “paráfrase” permitiu ao tradutor a composição, com as mesmas ideias, de um poema mais pessoal, com ritmo próprio e clareza de imagens. Sendo assim, a tradução machadiana já pertenceria à terceira das etapas estabelecidas por Jean-Michel Massa na trajetória do tradutor: “Ofélia” se inscreveria entre aqueles casos em que o resultado do trabalho do tradutor mede forças com o do autor traduzido.

Não se pode fazer restrição à técnica da versificação, que é correta. O tema é que pode ser entendido como alheio às questões fundamentais em torno das quais giram os poemas que permaneceram no livro.

* * *

Para terminar, umas poucas palavras sobre a única tradução que Machado de Assis conservou na primeira seção de *Falenas*. Trata-se de “A Elvira”, que, nas *Nouvelles méditations poétiques* (1823), Lamartine publicou sob o título “A El***” (Cf. LAMARTINE, 1823, p. 66-68). Há, nas *Méditations poétiques*, um outro poema intitulado “À Elvire”.⁹

Jean-Michel Massa, que considerava como “afinidades eletivas” do poeta todas as poesias (e poetas) traduzidas (traduzidos) por ele, afirmou sobre esta tradução:

Lamartine acabava de morrer, e Machado de Assis colabora na homenagem que o Brasil lhe oferece nas *Lamartineanas*. A escolha de “A El***” parece no entanto ditada por uma preferência pessoal, pois Machado de Assis está então prestes a se casar. O tradutor não se afasta quase nada do tema lamartiniano: o apaziguamento alcançado pelo amante pela confissão das penas e dores que confia à pessoa amada. É lícito pensar que através de Elvira é a Carolina que Machado de Assis se dirigia. (MASSA, 3008, p. 80-81)

Aos alexandrinos rimados, com disposição irregular das rimas, combinados com octossílabos, que rimam com os alexandrinos, Machado de Assis opôs versos decassílabos brancos, combinados irregularmente com hexassílabos.

⁹ Esse poema não apareceu na primeira edição das *Méditations poétiques*, em 1820, publicadas anonimamente. Foi depois incluído pelo autor, em edições posteriores. Cf. LAMARTINE, 1860, p. 91-94.

Conforme a observação de Massa, transcrita acima, os versos têm o mesmo tom de alguns dos versos de Machado de Assis nesse mesmo livro. A cena inicial do poema de Lamartine

Quando, contigo a sós, a mãos unidas,
Tu, pensativa e muda, e eu, namorado,
Às volúpias do amor a alma entregando,
Deixo correr as horas fugidias;
Ou quando às solidões de umbrosa selva
Comigo te arrebató; ou quando escuto
– Tão só eu, – teus terníssimos suspiros;
E de meus lábios solto
Eternas juras de constância eterna;
Ou quando, enfim, tua adorada fronte
Nos meus joelhos trêmulos descansa,
E eu suspendo meus olhos em teus olhos,
Como às folhas da rosa ávida abelha;
Ai, quanta vez então dentro em meu peito
Vago terror penetra, como um raio! (p. 236)

compete com outra (a do poema “Sombras”), em versos (agora alexandrinos) de poder idêntico aos traduzidos, mas com uma problemática toda diversa, própria do autor de *Falenas*:

Quando, assentada à noite, a tua frente inclinas,
E cerras descuidada as pálpebras divinas,
E deixas no regaço as tuas mãos cair,
E escutas sem falar, e sonhas sem dormir,
Acaso uma lembrança, um eco do passado,
Em teu seio revive?
O túmulo fechado
Da ventura que foi, do tempo que fugiu,
Por que razão, mimosa, a tua mão o abriu?
Com que flor, com que espinho, a importuna memória
Do teu passado escreve a misteriosa história?
Que espectro ou que visão ressurgue aos olhos teus?
Vem das trevas do mal ou cai das mãos de Deus?
É saudade ou remorso? é desejo ou martírio? (p. 227)

A tradução de Lamartine mais parece um poema de Machado de Assis, o do tempo das *Falenas*; ela mereceu mesmo permanecer no livro.

POEMS EXCLUDED FROM *FALENAS*

Abstract: This paper analyzes the nine poems belonging to the book *Falenas* (1870) that Machado de Assis excluded from his *Poesias completas*, published in 1901. Finding explanations for the elimination of these poems was the main objective of this paper's author.

Keywords: Poetry, Brazilian poetry, Machado de Assis.

Referências

ANDRADE, Mário de. Última jornada. In: *Vida literária*. São Paulo: Hucitec, 1993. p. 59-64.

ASSIS, Machado de. Revista Dramática. *Diário do Rio de Janeiro*, 13 abr. 1860, p. 1.

ASSIS, Machado de. Estâncias a Ema. *Diário de Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, p. 1, 06 abr. 1865.

ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1870.

ASSIS. *Crítica teatral*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1955.

ASSIS, Machado de. *Crônicas*. 4º volume. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1955.

ASSIS, Machado de. *A semana* 2º volume (1894-1895). Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1955.

ASSIS, Machado de. *Crônicas*. 2º volume (1864-1867). Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1959.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Ed. preparada por Carmelo Virgillo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Bons Dias!*. Ed. introd. e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1990.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 3v.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CARDOSO, Wilton. *Tempo e memória em Machado de Assis*. Belo Horizonte: Estabelecimentos Gráficos Santa Maria, 1958.

CASTILHO, Antônio Feliciano de. *Tratado de metrificação portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1851.

CUNHA, Celso. Sobre a evolução ortoépica das formas *ledo* e *leda*. In: *Sob a pele das palavras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. p. 123-138.

D'ALVA, Luiz. Ver PEIXOTO, 1869.

DUMAS, Alexandre. Les trois dames. In: *Causeries*. Paris: Michel Lévy Frères, 1860. p. 7-52.

DUMAS FILS. Diane de Lys. In: *Théâtre complet – Première série: La dame aux camélias; Diane de Lys; Le bijou de la Reine*. 2ed. Paris: Michel Lévy Frères, 1868. p. 185-379.

DUMAS FILS, Alexandre. *La dame aux perles*. Paris: Librairie Nouvelle, 1855.

DUMAS FILS, Alexandre. *La dame aux perles*. Nouvelle édition. Paris: Michel Lévy Frères, 1869.

DUMAS FILS, Alexandre. *La dame aux perles*. Nouvelle édition. Paris: Calmann Lévy, 1882.

FEUILLET, Octave. *Dalila*. Bruxelles, A. Labroue, 1855.

FEUILLET, Octave. *Dalila*. Paris: Michel Lévy Frères, 1857.

GRIECO, Agrippino. *Viagem em torno a Machado de Assis*. São Paulo: Martins, 1969.

LAMARTINE, Alphonse de. Paris: Urbain Canel, 1823.

LAMARTINE. *Oeuvres complètes de Lamartine publiées et inédites*. Méditations poétiques, avec commentaires. Tome premier. Paris: Chez l'Auteur, 1860.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008.

MASSA, Jean-Michel. *Machado de Assis tradutor*. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

MENEZES, Lená Medeiros de. Francesas no Rio de Janeiro: modernização e trabalho segundo o Almanak Laemmert (1844-1861). *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, nº 423, abr/jun. 2004, p. 111-131. Disponível em: <<http://www.labimi.uerj.br/artigos/1306519921.pdf>>. Acesso em: 8 nov. 2015.

MIRANDA, José Américo. Vínculos com a vida na poesia de Machado de Assis. *Revista da Academia Mineira de Letras*, Belo Horizonte, v. LXXVI, p. 59-74, 2016.

PEIXOTO, Luís de Alvarenga [Luiz d'Alva]. O gênio. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n.422, p.3374-3375, 10 jan. 1869. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=702951&pasta=ano%20186&pe sq=>> Acesso em: 9 jun. 2017.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6 ed. rev. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

PUJOL, Alfredo. *Machado de Assis*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

RIBEIRO, Bernardim. *Menina e moça*. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves, 1785.

SCHILLER, Friedrich. *Poésies de Schiller*. Trad. X. Marmier. Paris: Charpentier, 1854.

SCHILLER, Friedrich. *Poésies de Schiller*. Trad. nouvelle Ad. Régnier. Paris: L. Hachette, 1859.

SERPA, Antônio de. *Dalila*. Drama em quatro atos e seis quadros. Imitação da obra do mesmo título de Octave Feuillet. Lisboa: Tipografia do Panorama, 1856.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1956.

**NACIONALISMO E COSMOPOLITISMO NAS *AMERICANAS*,
DE MACHADO DE ASSIS***

*José Américo Miranda*¹

Universidade Federal do Espírito Santo/CNPq/FAPES
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: O terceiro livro de poesias de Machado de Assis, *Americanas*, sempre foi considerado pelos críticos uma adesão tardia do poeta ao indianismo romântico. A qualidade insuperável do livro, entretanto, exige que ele seja reexaminado com mais cuidado. Este artigo procura compreender o contexto e o campo de forças em que a obra surgiu. Entre 1870 e 1875, após críticas severas à ausência de sinais da nacionalidade em seu segundo livro de poesias, *Falenas*, Machado de Assis dedicou-se à composição dos poemas que apareceram em *Americanas*. O resultado da incursão nesse campo é um entendimento insuspeitado antes do esforço interpretativo realizado aqui, neste artigo.

Palavras-chave: Poesia brasileira, Nacionalismo literário, Machado de Assis.

Americanas (1875), terceiro livro de poesias de Machado de Assis, representa um paradoxo, cujo sentido nunca foi de todo compreendido. Estudiosos da obra machadiana – ainda os poucos que levaram em consideração a sua poesia – não lhe atribuem grande importância.

* Este artigo foi originalmente publicado na revista *O Eixo e a Roda* (v. 27, n. 2, p. 203-224, 2018), revista de literatura brasileira publicada pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG. O texto, naquela publicação, está disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/issue/view/651>. Para publicação neste número da *Machadiana Eletrônica*, o artigo sofreu pequenas alterações, para ajustá-lo às normas da revista, e foi submetido a nova revisão. Na revista *O Eixo e a Roda*, o artigo trazia, vinculado a seu título, a seguinte nota de rodapé: “Este artigo é parte de um texto mais extenso, preparado por ocasião do Pós-Doutorado na Universidade de São Paulo (USP), em 2010/2011. O texto foi agora reformulado, no âmbito da pesquisa que venho desenvolvendo com bolsa do CNPq e apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES), para publicação.”

¹ Pesquisador DCR (Desenvolvimento Científico Regional) do CNPq, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES), junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), de 2015 a 2018.

Lúcia Miguel Pereira o tomou por “traição”, pois, segundo ela, o que fez de Machado de Assis um poeta foi seu “desejo secreto de expansão”; em suas palavras, o poeta “só foi grande na poesia íntima, confidencial”. Para ela, ele “foi poeta porque sofreu, mas nunca conheceu o verdadeiro estado de graça poético”. (PEREIRA, 1988, p. 126 e p. 127) E em *Americanas* nada havia de pessoal, de íntimo, de confessional. Conseqüentemente, nenhuma poesia que pudesse interessar a quem quer que seja.

Manuel Bandeira, que reconheceu nos poemas dos livros *Crisálidas* (1864) e *Falenas* (1870) “certa elegância nova no cuidado da forma, tanto na linguagem como na metrificacão e nas rimas”, julgou que o apuro formal era ainda maior em *Americanas*, livro em que entendeu haver uma “tentativa de revivescência do indianismo”. (BANDEIRA, 1997, p. 406-407)

Wilton Cardoso, utilizando as mesmas concepções, aproximadamente o mesmo quadro de referências, julgou que o livro foi uma “episódica aventura”, em que o poeta “pagou o seu tributo ao indianismo do tempo, e onde dificilmente poderiam ocorrer expansões subjetivas”. (CARDOSO, 1958, p. 20) Para a perspectiva adotada pelo professor Wilton Cardoso, só *Crisálidas* e a primeira parte de *Falenas* tinham interesse. Segundo ele, *Americanas*, “com ser obra singular na bibliografia machadiana, representa a concessão do autor a uma temática da moda sob cuja sombra se despersonalizou”. (CARDOSO, 1958, p. 67)

Mais recentemente, Cláudio Murilo Leal, retomando o interesse pela obra do poeta, em seguida ao descaso, que cita, de Wilton Cardoso, reagiu, reafirmando a singularidade da obra: “Mas não deixa de ser intrigante o caso de um poeta, que sempre evitou o pitoresco e o exótico, ter-se aventurado na retomada de uma já esgotada vertente indianista”. (LEAL, 2008, p. 120)

José Luís Jobim, em estudo também relativamente recente, levando em conta que o “horizonte de leitura do público de então ainda mantinha vivo como referência familiar o Indianismo”, afirmou: “As *Americanas* são um legítimo descendente do Indianismo, esta vertente do Romantismo que até hoje é vista como exemplo destacado do nacionalismo romântico no Brasil”. (JOBIM, 2008, p. 119 e p. 115)

Miriã Xavier Benício, por sua vez, introduz uma diferença na interpretação do livro, embora a diferença por ela apontada seja de natureza ideológica:

São textos de valor poético inquestionável (excetue-se a esse comentário o poema *Os Semeadores*), muitos revestidos de uma severa crítica ao processo de desculturalização do indígena, cujo universo de sofrimentos e conflitos, em consequência da intervenção do homem branco, o poeta denuncia, sem se deixar seduzir pelas asas da imaginação idealizadora romântica. (BENÍCIO, 2007, p. 101)

A exceção de “Os semeadores”, canto de elogio aos feitos jesuíticos no século XVI, só pode justificar-se por antijesuitismo idiossincrásico, por visão anacrônica da matéria poética; o poema é um reconhecimento de que o Brasil do tempo de Machado de Assis (e do nosso) resultou da ação colonizadora, que, nos primeiros tempos, não fossem os jesuítas, implicaria o extermínio total (e não a aculturação de parte deles) dos primitivos habitantes da América. Veja-se a estrofe inicial:

Vós os que hoje colheis, por esses campos largos,
O doce fruto e a flor,
Acaso esqueceréis os ásperos e amargos
Tempos do sementeiro? (ASSIS, 1976, p. 412)

O poema não é desprovido de qualidades: formalmente não apresenta senões; é composto por seis quadras em versos alexandrinos alternados com hexassílabos, cada um rimando com o de seu mesmo metro, segundo o esquema AbAb. Há, nele, versos de excelente qualidade, como este – “Ó Paulos do sertão! Que dia e que batalha!” (ASSIS, 1976, p. 413) –, que hoje se pode qualificar de “retórico”, mas a poética do tempo o admitia sem restrições; e não pode o nosso tempo desrespeitar outros tempos. O mesmo poeta que compôs esse verso escreveria sobre Castro Alves, no ensaio “A nova geração”, que apareceu na *Revista Brasileira*, quatro anos depois de publicado o livro *Americanas*: “Distinguia-o certa pompa, às vezes excessiva, certo intumescimento de ideia e de frase, um grande arrojo de metáforas, coisas todas que nunca jamais poderiam constituir virtudes de uma escola; por isso mesmo é que o movimento [a escola hugoísta] acabou”. (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1262)

Vale a pena lembrar, no que diz respeito à poesia sobre jesuítas, que o crítico Machado de Assis, ao avaliar a obra de Fagundes Varela, depois da morte do poeta, em 20 de agosto de 1875, e depois de ter ouvido “um canto do ‘Evangelho nas selvas’”, afirmou que essa obra “será certamente a obra capital de Varela; virá colocar-se entre outros filhos da mesma família, o ‘Uruguai’ e ‘Os Timbiras’, entre os ‘Tamoios’ e o

‘Caramuru’’. (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1217) Vale a pena lembrar, também, que, em *Ocidentais*, retornam os jesuítas, através da figura de “José de Anchieta” (ASSIS, 1976, p. 478-479).

Avaliando *Americanas*, por ocasião do lançamento das *Poesias completas*, escreveu José Veríssimo, com muita justiça: “...o seu modo [de Machado de Assis] de considerá-los [os temas indianistas] é outro que o daqueles [Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães, José de Alencar], de puro artista desinteressado”. (VERÍSSIMO, 1977, p. 56)

Machado de Assis tinha visão clara da “fatalidade histórica” no encontro entre europeus e “tribos indígenas”, que resultou no desaparecimento delas “da região que por tanto tempo fora sua”. (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1204-1205)² Não é, portanto, protesto nem denúncia “A visão de Jaciúca”, poema de *Americanas*, mas visão poética dessa fatalidade – numa perspectiva, aliás, que Gonçalves Dias já criara em “O canto do Piaga”. Confrontem-se algumas passagens dos dois autores:

Lívido e curvado,
Içaíba a meus olhos aparece.
Vi-o qual era antes da fria morte;
Só a expressão do rosto lhe mudara;
Enérgicas não tinha, mas serenas
As feições. ‘Vem comigo!’ Assim me fala
O extinto bravo; e, súbito estreitando
Ao peito o corpo do saudoso amigo,
Juntos voamos à região das nuvens.
‘Olha!’ disse Içaíba, e o braço alonga
Para a terra. Ó guerreiros! largo espaço
Era presa de alheio senhorio.
Fitei os olhos mais; e pouco a pouco,
Como enche o rio e todo o campo alaga,
Umhas gentes estranhas se estendiam
De sertão em sertão. Presas do fogo
As matas vi, abrigo do guerreiro,
E ao torvo incêndio e às invasões da morte
Vi as tribos fugir, ceder a custo,
Com lágrimas alguns, todos com sangue,
A virgem terra ao bárbaro inimigo.
Mau vento os trouxe de remota praia
Aqueles homens novos, jamais vistos
De guerreiro ancião, a quem não coube
Sequer a glória de morrer contente
E todo reviver na ousada prole.
Era o termo da vida que chegara

II
Por que dormes, ó Piaga divino?
Começou-me a visão a falar,
Por que dormes? O sacro instrumento
De per si já começa a vibrar.
[...]

III
Pelas ondas do mar sem limites
Basta selva, sem folhas, i vem;
Hartos troncos, robustos, gigantes;
Vossas matas tais monstros contêm.

Traz embira dos cimos pendente
– Brenha espessa de vário cipó –
Dessas brenhas contêm vossas matas,
Tais e quais, mas com folhas; é só!

[...]

Oh! quem foi das entranhas das águas,
O marinho arcabouço arrancar?
Nossas terras demanda, fareja...
Esse monstro... – o que vem cá buscar?

Não sabeis o que o monstro procura?
Não sabeis a que vem, o que quer?
Vem matar vossos bravos guerreiros,

² As expressões entre aspas foram utilizadas, para referência a esses acontecimentos históricos, por Machado de Assis, em “Notícia da atual Literatura Brasileira – Instinto de nacionalidade”.

Ao povo de Tupã! [...] Ao dissipar-se a nuvem de meus olhos Achei-me junto do vizinho rio, Reclinado como antes, e defronte A pálida figura de Içaíba. ‘– Torna à taba, me disse o extinto moço; ‘Luas e luas volverão no espaço ‘Antes da morte, mas a morte é certa, ‘E terrível será. Nação bem outra, ‘Sobre as ruínas da valente raça ‘Virá sentar-se, e brilhará na terra ‘Gloriosa e rica. Uma chorada lágrima, ‘Talvez, talvez, no meio de triunfos ‘Há de ser a tardia, escassa paga ‘Da morte nossa. (ASSIS, 1976, p. 402-406)	Vem roubar-vos a filha, a mulher! [...] Vem trazer-vos algemas pesadas, Com que a tribo Tupi vai gemer; Hão de os velhos servirem de escravos Mesmo o Piaga inda escravo há de ser! Fugireis procurando um asilo, Triste asilo por ínvio sertão; Anhangá de prazer há de rir-se, Vendo os vossos quão poucos serão. (DIAS, 1944, t.1, p. 28-31)
--	---

Miriã Xavier Benício atribui à poesia de Machado de Assis “severa crítica” à ação colonizadora e civilizadora dos europeus, assim como um papel de “denúncia” da opressão dos indígenas pelo homem branco. Para ela, os textos de *Americanas* têm “motivos aparentes”, e é preciso reler a poesia machadiana “para além do valor estético”. (BENÍCIO, 2007, p. 137) Tal afirmativa vai de encontro à ideia machadiana, que será examinada aqui, de que o Brasil necessitava de uma grande literatura, sobretudo de literatura desinteressada, artística por excelência.

Como se pode verificar nos trechos transcritos de “A visão de Jaciúca” e de “O canto do Piaga”, a visão machadiana, embora possa ser uma “tardia, escassa paga / Da morte nossa”, não desconhece a “nação bem outra”, que “brilhará na terra / Gloriosa e rica”, ao passo que o poema de Gonçalves Dias permanece atrelado ao ponto de vista da raça extinta. Há, evidentemente, mais “realismo”, e certa confiança no futuro, em Machado de Assis.

Em todos os casos em que a poesia de *Americanas* foi levada em conta por estudiosos, com a exceção de Miriã Xavier Benício, os intérpretes do poeta julgaram que o livro foi “adesão”, para muitos “adesão tardia”, ao indianismo – adesão, por consequência, ao nacionalismo literário, que, como veremos, assumiu formas diferentes no período romântico e na época em que o poeta escreveu e publicou *Americanas*. Poesia interessada, portanto – segundo a visão da crítica tradicional.

Compreender o processo pelo qual o escritor se debruçou sobre esses temas e conciliou tal atitude com seu pensamento crítico e sua poética é um desafio – a obra não

pode, simplesmente, ser tomada à letra, como “indianista”; não pode, tampouco, ser encarada como tomada de posição ideológica perante a história.

O contexto de elaboração da obra, as reflexões críticas do poeta, sua militância no processo de criação de uma literatura nacional – que sua época, como ele próprio, considerava em processo de formação – tudo isso há de ser levado em conta numa apreciação mais justa do valor e do significado desse livro aparentemente inusitado.

Os primeiros livros de Machado de Assis, especialmente os de poesia, *Crisálidas* e *Falenas*, foram recebidos de maneira positiva pela crítica, embora com certa reserva no tocante a um aspecto especial, que, ao que tudo indica, acabou na reação de que as *Americanas* são o resultado. Esse aspecto especial era a liberdade do poeta – que já vinha assinalada na “Conversação preliminar” – sob o título de “O poeta e o livro” –, de Caetano Filgueiras, que o autor incluiu em *Crisálidas*. “Sua musa [é] a liberdade” – proclamou ele. (FILGUEIRAS, 1864, p. 13)

Amaral Tavares, ao resenhar *Crisálidas* no *Diário do Rio de Janeiro* de 16 de novembro de 1864, tocando no assunto, lembrou-se das crônicas que Machado de Assis escrevia naquele tempo e naquele jornal sob o título de “Ao acaso”:

Mas, por que razão há de o poeta deixar entrever a figura do folhetinista leviano que doudeja *ao acaso* por entre as anedotas e os acontecimentos, as notícias e as facécias, os sorrisos e as lágrimas, tocando apenas em cada um, sem se demorar em nenhum, esquecendo na linha seguinte o que escrevera na anterior? (TAVARES, 1864, p. 1. Grifo do autor.)

Não deixa de haver uma ponta de reprovação nas observações de outro crítico, M. A. Major, publicadas em resenha na *Revista Mensal da Sociedade Ensaíes Literários*, em 1º de novembro de 1864. Segundo ele, “a originalidade é o dote principal das *Crisálidas*”, e “a musa de Machado de Assis é livre”. (MAJOR, 1864, p. 210 e p. 211) Pôr a atenção na originalidade, ideia que anda casada à de liberdade, pode ser uma avaliação positiva, mas alude, paradoxalmente, a certa restrição entendida como vital para a literatura nacional e cobrada ao poeta por outros críticos – principalmente depois da confirmação dessas características (originalidade e liberdade) em *Falenas*. A restrição era feita ao pouco apego, ou mesmo apego nenhum, da musa machadiana às questões nacionais: “É pois a musa de Machado de Assis uma deusa – grega e romana, francesa e polaca,

européia e americana, é cosmopolita enfim. Não tem nacionalidade, à força de ser nacional em todo o mundo.” – escreveu o crítico. (MAJOR, 1864, p. 211)

Apesar de certo grau de insatisfação com o resultado dos esforços do poeta, a crítica o reclamava para o panteão da poesia nacional. F. T. Leitão, na *Revista Mensal da Sociedade Ensaios Literários*, em junho de 1866, encerrava com estas palavras seu artigo, datado de outubro de 1864, sobre o primeiro livro de poesias do autor:

Machado de Assis pode ir muito além do que foi, pode possuir um lugar mais distinto do que aquele que ocupa entre os nossos verdadeiros poetas. Animado a seguir por esse trilho, e a conquistar o posto a que tem jus, cumpre-lhe, é de rigoroso dever, empregar seus incontestados recursos no empenho de concorrer para firmar-se mais solidamente, entre nós, o pedestal glorioso em o qual se deve colocar o emblema significativo da poesia nacional. (LEITÃO, 1866, p. 384)

O próprio Machado de Assis, em abril de 1858, no artigo intitulado “O passado, o presente e o futuro da Literatura”, que fez publicar em *A Marmota*, revelava-se pregoeiro da literatura nacional; Jean-Michel Massa afirmou, com razão, que, neste ensaio, que chamou de “meditação”, “para definir a orientação e as opções da literatura brasileira, subentendia uma tomada de consciência nacionalista” (MASSA, 1971, p. 200). Nele, Machado de Assis deplorou a condição colonial, viu na poesia do passado “um caráter essencialmente europeu”, lamentou, concordando com Almeida Garrett, que Gonzaga, “um dos mais líricos poetas da língua portuguesa”, pintasse cenas da Arcádia, “em vez de dar uma cor local às suas liras, em vez de dar-lhes um cunho puramente nacional”. (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1003)

Naquele tempo, em que Machado de Assis se iniciava na crítica e na reflexão literárias, o esforço de nacionalização da literatura brasileira por seus contemporâneos era uma evidência. Gonçalves de Magalhães publicara poucos anos antes (em 1856) a *Confederação dos tamoios*, e José de Alencar vinha de publicar *O guarani* (1857). No ensaio já citado, entretanto, o futuro autor de *Dom Casmurro* não via no indianismo uma saída – embora reconhecesse que o precursor Basílio da Gama, pelo menos, fizera algo, “se não puramente nacional, ao menos nada europeu”:

Não era nacional porque era indígena, e a poesia indígena, bárbara, a poesia do *boré* e do *tupã*, não é a poesia nacional. O que temos nós com essa raça, com esses primitivos habitantes do país, se os seus

costumes não são a face característica da nossa sociedade? (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1003. Grifos do autor.)

O jovem escritor de 1858 começava a reflexão que desenvolveria mais tarde, incorporando nela todo o aprendizado da década de 1860, e que desembocaria, em 1873, no hoje celebrado artigo “Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de nacionalidade”, e, em 1875, nas *Americanas*. Essas duas são obras irmãs.

Foi duradoura e crescente a admiração de Machado de Assis por Basílio da Gama, sobre quem, no ensaio “A nova geração”, que publicou na *Revista Brasileira*, em 1879, escreveu:

Bem diversa [da obra de Gonzaga] é a obra capital de Basílio da Gama. Não lhe falta, também a ele, nem sensibilidade, nem estilo, que em alto grau possui; a imaginação é grandemente superior à de Gonzaga, e quanto à versificação nenhum outro, em nossa língua, a possui mais harmoniosa e pura. (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1263)

Como se vê, ele aproxima os mesmos dois poetas, sempre em proveito de Basílio da Gama. Outro aspecto da reflexão machadiana sobre a literatura brasileira, que se prolonga no tempo, é a compreensão de que o processo histórico-literário é lento, que a autonomia intelectual e artística não é coisa que se alcance de um só golpe. No artigo de 1858, ele tinha escrito: “É mais fácil regenerar uma nação, que uma literatura. Para esta não há gritos do Ipiranga; as modificações operam-se vagarosamente; e não se chega em um só momento a um resultado.” (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1004); no de 1873, repetiu: “Esta outra independência [a da literatura] não tem Sete de Setembro nem campo do Ipiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitas trabalharão para ela até perfazê-la de todo”. (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1203)

Jean-Michel Massa observou que no ensaio de 1858, “em que já se encontra a maioria dos pensamentos com que ele assentou o imponente edifício de sua reflexão crítica”, Machado de Assis não abordou “diretamente, os problemas estéticos da literatura”. (MASSA, 1971, p. 201-202) No artigo de 1873, contudo, além de ajustar sua posição em relação à temática indianista, aparece, em conexão com ela, a questão estética e o reconhecimento de que ela, a temática indianista, fornecia uma espécie de

espinha dorsal à literatura brasileira, pelo estabelecimento, já reconhecível naquela época, de uma tradição interna.

Quanto a seu reposicionamento em relação à questão indianista, escreveu Machado de Assis, mais ponderadamente do que antes:

Houve depois [do desenvolvimento da literatura indianista] uma espécie de reação. Entrou a prevalecer a opinião de que não estava toda a poesia nos costumes semibárbaros anteriores à nossa civilização, o que era verdade, – e não tardou o conceito de que nada tinha a poesia com a existência da raça extinta, tão diferente da raça triunfante, – o que parece um erro. (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1204)

Embora continuasse reconhecendo que “a civilização brasileira não está ligada ao elemento indiano, nem dele recebeu influxo algum”, e que não podia vir daí “os títulos da nossa personalidade literária”, Machado de Assis passou a admiti-lo no quadro da literatura brasileira. Entretanto, segundo a nova perspectiva, a importância literária não residia no elemento inspirador, mas na qualidade estética do produto ou da criação: “tudo é matéria de poesia, uma vez que traga as condições do belo ou os elementos de que ele se compõe”. (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1204)

Outro fator que aumentava a importância da literatura indianista era a sua ligação com o presente (estamos em 1873). Os autores citados por ele são, principalmente, os que adotaram a temática indianista. Machado de Assis iniciou assim o seu ensaio:

Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país, e não há negar que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro. As tradições de Gonçalves Dias, Porto-Alegre e Magalhães são assim continuadas pela geração já feita e pela que ainda agora madrega, como aqueles continuaram as de José Basílio da Gama e Santa Rita Durão. Escusado é dizer a vantagem desse universal acordo. Interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração e irão dando fisionomia própria ao pensamento nacional. (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1203)

Esse “instinto de nacionalidade”, esforço por “vestir-se com as cores do país”, esse “geral desejo de criar uma literatura mais independente” tinha sua contraparte na seguinte constatação: a literatura brasileira é “literatura que não existe ainda, que mal

poderá ir alvorecendo agora.” (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1204) A literatura se constituía aos poucos, mas já dispunha de uma tradição própria, tradição em que a literatura indianista ocupava lugar de destaque. O crítico, porém, apontava outras fontes: a “vida brasileira”, a “natureza americana”, “os costumes civilizados, ou já do tempo colonial, ou já do tempo de hoje, igualmente oferecem à imaginação boa e larga matéria de estudo”. (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1205)

Outro ponto que passou por revisão, na interpretação de Machado de Assis, foi a situação dos poetas que não se alinharam com a mencionada tradição. A condenação de poetas como Gonzaga, por exemplo, por não terem se desligado dos “preceitos do tempo”, por terem representado cajados e pastoras em seus poemas, foi relativizada: “nisto [nesta condenação] há mais erro que acerto”. (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1203) No ensaio de 1858, Machado de Assis endossara essa condenação, sem que lhe passasse pela mente outra possível perspectiva. A reflexão machadiana, no entanto, avançou, e alcançou, assim, o princípio apregoado por Santiago Nunes Ribeiro, no ensaio “Nacionalidade da literatura brasileira”, publicado na *Minerva Brasiliense*, em 1843: o de que “não é lícito exigir de um século aquilo que ele não pode dar”. (RIBEIRO, 1980, p. 51) O critério estético, o valor da poesia de Gonzaga, passou a prevalecer. E quanto aos temas nacionais, o crítico de 1873 foi claro: “Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião, que tenho por errônea: é a que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura”. (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1205) Não se pode negar que na crítica machadiana, em estudo tão multifacetado, existam matizes dialéticos.

Em “O ideal do crítico”, artigo de 1865, publicado no *Diário do Rio de Janeiro*, no desejo de “uma grande literatura” para o Brasil, Machado de Assis já sobrepuja o critério estético de avaliação das obras a quaisquer outros: “as leis poéticas, – tão confundidas hoje, e tão caprichosas, – seriam as únicas pelas quais se aferisse o merecimento das produções”. (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1104) A estética, o universalismo da obra analisada e do critério de análise, parecia justificar a atuação do crítico (Machado de Assis) quando criador.

Quando, em 1870, Machado de Assis publicou *Falenas*, o cerco em torno dele como que se fechou. Era hábito da crítica – nem o próprio Machado de Assis, como crítico, escapara dele – adotar, como critério de julgamento das obras que apareciam, o

valor que elas assumiam ou o lugar que passavam a ocupar na composição do quadro da literatura nacional.

Em sua atividade de crítico, antes de 1873, e mesmo depois, Machado de Assis frequentemente lançava mão desse critério, avaliando a posição e o significado das obras que julgava no quadro geral da literatura brasileira. A contribuição de cada obra analisada era quase sempre assinalada pelo crítico, e, quando a obra não era de todo satisfatória, especialmente no caso de autores jovens, manifestava, ainda assim, a esperança de mais importantes contribuições desses autores no futuro.

Ao resenhar *Flores e frutos*, de Bruno Seabra, no *Diário do Rio de Janeiro*, em 30 de junho de 1862, depois de apontar as qualidades que via na obra, sem deixar de mencionar, como era seu costume, alguns senões, escreveu ele, a caminho do encerramento do texto: “Reservas à parte, as *Flores e Frutos* do Sr. B. Seabra revelam um talento que se não deve perder e que o poeta deve às musas pátrias”. (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1052) Em matéria dedicada à obra *A Constituinte perante a história*, de Homem de Melo, publicada no *Diário do Rio de Janeiro*, de 24 de agosto de 1863, queixou-se do fato de não ter literatura para comentar:

Olho em torno de mim e não vejo mais na arena aquela plêiade ardente que vinha todas as semanas, ao rés-do-chão, entrar nas justas literárias. Uns, levou-os a morte, outros prendem-se a cuidados mais sérios, alguns enfim foram-se para as justas políticas, e o folhetim, o garrido, o ameno, o viçoso folhetim perdeu os seus amigos e os seus leitores. (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1058)

Sobre o romance *Culto do dever*, de Joaquim Manuel de Macedo, que execrou, escreveu ele, no mesmo *Diário do Rio de Janeiro*, em 16 de janeiro de 1866:

O *Culto do dever* é um mau livro, como a *Nebulosa* é um belo poema. Esta será a linguagem dos amigos do poeta, a linguagem dos que amam deveras as boas obras, e almejam antes de tudo, o progresso da literatura nacional.

[...]

Pelo que diz respeito às letras, o nosso intuito é ver cultivado, pelas musas brasileiras, o romance literário, o romance que reúne o estudo das paixões humanas aos toques delicados e originais da poesia, – meio único de fazer com que uma obra de imaginação, zombando do açoite do tempo, chegue inalterável e pura, aos olhos severos da posteridade. (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1111)

Os “toques delicados e originais da poesia”, que conduzem uma obra à posteridade, é o que hoje chamaríamos de valor estético ou qualidade artística.

De José de Alencar, a propósito de *Iracema*, obra a que chamou de “poema”, afirmou, no *Diário do Rio de Janeiro*, em 23 de janeiro de 1866, que “obrigou-se o autor a entrar mais ao fundo da poesia americana” e que “entendia ele, e entendia bem, que a poesia americana não estava completamente achada”. E, ao encerrar o estudo elogioso da obra, expressou seu desejo e sua esperança: “Que o autor de *Iracema* não esmoreça, mesmo a despeito da indiferença pública; o seu nome escreve-se hoje com letras cintilantes: *Mãe*, *O Guarani*, *Diva*, *Lucíola*, e tantas outras; o Brasil tem o direito de pedir-lhe que *Iracema* não seja o ponto final”. (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1112 e p. 1116)

Uma semana depois de ocupar-se de *Iracema*, a 30 de janeiro de 1866, no mesmo jornal, dedicou-se o crítico às *Inspirações do claustro*, de Junqueira Freire, que morrera em 1855, e terminou com estas palavras o artigo: “Quis Deus que ele morresse na flor dos anos, legando à nossa pátria a memória de um talento tão robusto quanto infeliz”. (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1120) Mais uma semana, e, a 6 de fevereiro de 1866, referindo-se aos *Cantos e fantasias*, de Fagundes Varela, incluindo no raciocínio o prefaciador da obra, registrou:

Nisto [nos aplausos e animações aos talentos jovens] o Sr. Ferreira de Meneses, autor do prefácio que acompanha os *Cantos e Fantasias*, é um órgão fiel do pensamento de todos; e saudando esta reunião, no mesmo livro, de dois nomes prestimosos, de dois moços de talento, saudamos ao mesmo tempo o progresso da academia e o futuro das letras brasileiras. (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1121)

Ainda sem leitura da obra toda, pois o livro, impresso em Berlim,³ não chegara ao Rio de Janeiro, conhecendo apenas os cantos divulgados na imprensa periódica, mais promessa de análise do que análise propriamente dita, entusiasmou-se o crítico com o *Colombo*, de Araújo Porto-Alegre, no *Diário do Rio de Janeiro*, em 5 de junho de 1866: “O assunto de *Colombo* devia ser tratado por um americano; folgamos de ver que esse americano é filho deste país. Não é somente o seu nome que fica ligado a uma ideia grandiosa, mas também o nome brasileiro”. (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1158)

³ O livro foi impresso em Viena, embora Machado de Assis, na crítica a ele, o dê por impresso em Berlim.

Os olhos do crítico estão sempre voltados para o futuro, a esperança de uma literatura é seu alimento. Quando se volta para o passado, é para reconhecer isto, que deixou no “Instinto de Nacionalidade”: “Nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio comum”. (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1211) E mais isto, que nos ficou em “A nova geração”, de 1879:

A nova geração chasqueia às vezes do romantismo. Não se pode exigir da extrema juventude a exata ponderação das coisas; não há impor a reflexão ao entusiasmo. De outra sorte, essa geração teria advertido que a extinção de um grande movimento literário não importa a condenação formal e absoluta de tudo o que ele afirmou; alguma coisa entra e fica no pecúlio do espírito humano. (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1259)

Muitas vezes sentiu o poeta que tinha de arcar sozinho com o projeto de uma literatura nacional. Muito sacrificou ele por esse ideal. Na “Advertência” que redigiu para “O Almada”, longo poema herói-cômico que compunha por volta de 1875 e deixou praticamente inédito (exceto por uns poucos trechos a que deu publicidade), Machado de Assis justificou sua composição, inspirado, diga-se, em assunto tirado de nossa história do período colonial, pela “ambição de dar às letras pátrias um primeiro ensaio nesse gênero difícil”. (ASSIS, 2008, v. 3, p. 783)

De acordo com esse raciocínio, pode-se vislumbrar um sentido novo no fato de ele – reconhecendo que os romances dedicados “à análise de paixões e caracteres são muito menos comuns [do que os de costumes]” (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1207) entre nós – ter-se dedicado justamente a essa espécie romanesca. E ainda, no tocante ao conto, “esse gênero difícil” – verificando que, na literatura brasileira, “tem havido tentativas mais ou menos felizes, porém raras” (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1207) –, levou ele à perfeição, com esforço paciente, essa forma literária.

Quando publicou *Falenas*, em 1870, o cerco a ele fechou-se de vez. Elogiado em seus aspectos técnicos, o livro deu oportunidade aos críticos de lhe cobrarem uma contribuição mais efetiva à literatura brasileira. À perfeição formal dos poemas de *Falenas*, contrapôs a crítica a ausência, no livro, de caráter nacional. Artigo publicado sem assinatura em *A Reforma*, em 29 de janeiro de 1870, mas que Ubiratan Machado (2003, p. 71) atribuiu a Joaquim Serra, elogia a competência do artista, que “sabe vestir a ideia da melhor maneira”, aponta, na poesia do autor, “a presença de três qualidades clássicas: simplicidade, clareza e naturalidade, a par da graça e majestade antiga”,

reconhece o valor das “poesias chinesas”, e, embora reconheça “abundância meridional”, linguagem “rica como o sol e as florestas tropicais” em algumas composições da primeira parte do livro, reclama, no tocante a “Pálida Elvira”, a ausência de “cunho brasileiro”. (SERRA, 2003, p.72)

Luís Guimarães Júnior – que tivera seu livro *Corimbos* elogiosamente resenhado por Machado de Assis, em texto assinado apenas com a inicial M., na *Semana Ilustrada*, em 2 de janeiro de 1870 (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1183-1185) –, em esplêndido artigo publicado no *Diário do Rio de Janeiro*, em 5 de fevereiro do mesmo ano, como Joaquim Serra reconhecendo as qualidades estéticas do livro, respondendo afirmativamente às perguntas “É um bom livro do Sr. Machado de Assis? É um volume agradável?”, sentiu-se na obrigação de responder com um “Não” a esta outra pergunta: “Uma obra útil?” Também ele lastimou que o poeta “não incutisse nesse admirável idílio [“Pálida Elvira”] um sainete completamente do nosso tempo e de nosso país”. Sua crítica, porém, se estende a todo o volume:

O principal e o único defeito dessa esmeradíssima coleção das *Falenas* é a ausência do espírito pátrio, a falta de inspiração característica.

[...]

A musa do Sr. Machado de Assis não é sua e do país; convém ser mais do que homem de letras, é mister que sob a lira do poeta palpite o coração do brasileiro. (GUIMARÃES JÚNIOR, 2009, p. 678-690)

Ainda outro crítico vindo do norte, em início de carreira, julgando ver no desejo ardente do poeta “de evitar a mais insignificante falha na forma” a causa principal da “atrofia do pensamento”, não deixou de fazer restrições semelhantes ao livro. O crítico que publicou a resenha na seção “Folhetim” do periódico *Dezesseis de Julho*, em 6 de fevereiro de 1870, com o pseudônimo de Oscar Jagoanharo, era Araripe Júnior. (ARARIPE JÚNIOR, 1970, v. 5, p. 219-224) No penúltimo parágrafo do texto, escreveu ele:

Justíssimas queixas deveria expor ao seu autor [de *Falenas*] pela ingratidão com que se tem havido para com este tão formoso Brasil, para com este tão prolífico solo ao qual deve a vigorosa imaginação que possui; longas increpações teria de fazer, pela manifesta preferência que vota ao grito da cigarra de Anacreonte sobre o melodioso canto do sabiá [...]. (JAGOANHARO [ARARIPE JÚNIOR], 2009, p. 693)

Movido pela preocupação com a questão da literatura nacional, que se pode ver claramente também na crítica machadiana (isto é, na crítica feita por Machado de Assis), foi por volta de 1870 que ele começou a frequentar, por leituras e pela prática poética, os assuntos brasileiros. Começavam a brotar as *Americanas*. Raimundo Magalhães Júnior considerou provável que o interesse de Machado de Assis por temas brasileiros procedesse dos conselhos da crítica – especialmente a de Luís Guimarães Júnior. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 2, p. 91)

Data do início dessa década o interesse de Machado de Assis pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, naquele tempo a mais importante instituição cultural do país. Segundo Raimundo Magalhães Júnior, foi Manuel de Araújo Porto-Alegre o incentivador das pesquisas sobre o passado brasileiro, para dele tirar matéria de poesia; e foi Joaquim Norberto de Sousa Silva, então terceiro vice-presidente do Instituto, o mediador na concessão a Machado de Assis, por solicitação deste, de uma coleção completa dos volumes publicados da *Revista do Instituto*, coleção que já contava 39 grossos volumes. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 2, p. 109-114)

Mesmo ao abordar um tema alheio à nacionalidade, mas que lhe era caro e que foi recorrente em sua obra, como o da predileção pelas horas noturnas para o trabalho, o poeta se valeu, em *Americanas*, de um símile nacional – a “Flor do embiroçu”:

Quando a noturna sombra envolve a terra
E à paz convida o lavrador cansado,
À fresca brisa o seio delicado
A branca flor do embiroçu descerra.

E das límpidas lágrimas que chora
A noite amiga, ela recolhe alguma;
A vida bebe na ligeira bruma,
Até que rompe no horizonte a aurora.

Então, à luz nascente, a flor modesta,
Quando tudo o que vive alma recobra,
Languidamente as suas folhas dobra,
E busca o sono quando tudo é festa,

Suave imagem da alma que suspira
E odeia a turba vã! da alma que sente
Agitar-se-lhe a asa impaciente
E a novos mundos transportar-se aspira!

Também ela ama as horas silenciosas,
E quando a vida as lutas interrompe,
Ela da carne os duros elos rompe,
E entrega o seio às ilusões viçosas.

[...]

Noite, melhor que o dia, quem não te ama?
Labor ingrato, agitação, fadiga,
Tudo faz esquecer tua asa amiga
Que a alma nos leva onde a ventura a chama.

Ama-te a flor que desabrocha à hora
Em que o último olhar o sol lhe estende,
Vive, embala-se, orvalha-se, rescende,
E as folhas cerra quando rompe a aurora. (ASSIS, 1976, p. 414-415)

E não foi nacional apenas o objeto escolhido para símile da vida espiritual que sustenta a criação artística; também a fonte utilizada o foi. Com toda probabilidade, a ideia do poema foi sugerida ao poeta pela informação que vem no *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, de Gabriel Soares de Sousa, que Francisco Adolfo de Varnhagen fizera publicar no tomo XIV (da 1ª série) da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, em 1851. Diz o tratadista dos tempos coloniais:

Dão essas árvores umas flores brancas como cebola-cecém muito formosas, e da mesma feição, que estão fechadas da mesma maneira, as quais se abrem como se põe o sol, e estão abertas até pela manhã, enquanto lhe não dá o sol; e como lhe chega se tornam a fechar, e as que são mais velhas caem no chão; cujo cheiro é suave, mas muito mimoso; e como apertam com elas não cheiram. (SOUSA, 1851, p. 212)

A possibilidade de ter sido essa a fonte do poeta é enorme, se nos lembrarmos que outros poemas de *Americanas* vêm dessa fonte. “Niâni”, por exemplo, encantadora sequência de quadras heptassilábicas, é transfiguração da tosca prosa de Francisco Rodrigues do Prado (1839, p. 21-44), na “História dos índios cavaleiros ou da nação guaicuru”, que apareceu no t. I da mesma *Revista...*, em 1839. O poema, único em versos de redondilha maior em todo o livro, lembra as baladas medievais e começa assim:

Contam-se histórias antigas
Pelas terras de além-mar,
De moças e de princesas,
Que amor fazia matar.

Mas amor que entranha n'alma
E a vida sói acabar,
Amor é de todo o clima,
Bem como a luz, como o ar.

Morrem dele nas florestas
Aonde habita o jaguar,
Nas margens dos grandes rios
Que levam troncos ao mar.

Agora direi um caso
De muito penalizar,
Tão triste como os que contam
Pelas terras de além-mar. (ASSIS, 1976, p. 370-372)

A consciência do poeta o conduziu à reflexão: criticado pela liberdade (excessiva) de sua musa, pelo fato de ela não ser brasileira, preparou-se para o enfrentamento, numa obra poética, das questões vitais da literatura brasileira; reconheceu que a tradição interna dela vinha da literatura localista; leu os clássicos, queixou-se de não se lerem “muito os clássicos no Brasil” (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1210); tornou-se o artista da palavra mais importante do país; quis para o Brasil uma literatura rica e grande; assumiu a exigência do nível estético das criações literárias como critério de permanência; procurou conciliar dialeticamente localismo e cosmopolitismo, reconhecendo que, ao mesmo tempo que “tudo é matéria de poesia”, não se podia estabelecer, no quadro teórico ou programático da literatura brasileira, “doutrinas tão absolutas que a empobrecam”. (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1205) Foi assim que o poeta se deu ao trabalho de criar um livro de “poesia nacional” – já que ele era livre, poderia também fazê-la, por opção sua. Porém, a única demanda a que procurou atender foi a de produzir arte desinteressada. A aparente limitação temática foi posta a serviço de seu avesso: o fato de que tudo pode ser matéria de poesia. Em outras palavras: o localismo foi posto a serviço do cosmopolitismo.

A temática americana, a que alude o título do livro, serviu ao poeta de campo para o exercício da sua liberdade de criação. Não aderiu ele, com a poesia desse livro, ao indianismo; fez poesia, pura e simplesmente – de temática local, é verdade; porém, com o objetivo primeiro de fazer poesia digna desse nome. Poder-se-ia dizer, parafrazeando o crítico daquele tempo, que “à força de ser nacional em todo o mundo”, ele foi também nacional em sua pátria.

NATIONALISM AND COSMOPOLITISM IN *AMERICANAS*,
BY MACHADO DE ASSIS

Abstract: Machado de Assis's third poetry book, *Americanas*, has always been considered by critics a late adherence of the poet to Romantic Indianism. The unique quality of the book, however, demands that it be re-examined more carefully. This article seeks to understand the context and field of forces in which the piece of writing emerged. Between 1870 and 1875, Machado de Assis devoted himself to the composition of the poems that appeared in *Americanas*, as a result of severe criticism against the absence of signs of nationality in his second book of poetry, *Falenas*. The analysis points to an understanding of Machado's poetry that has not been found elsewhere.

Keywords: Brazilian poetry, Literary nationalism, Machado de Assis.

Referências

ARARIPE JÚNIOR. *Obra crítica de Araripe Júnior*. Dir. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1958, 1960, 1963, 1966, 1970. 5v.

ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4 v.

BANDEIRA, Manuel. Apresentação da poesia brasileira. In: *Seleção de prosa*. 4ª impressão. Org. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 361-467.

BENÍCIO, Miriã Xavier. *Do sublime e do simples: a poesia de Machado de Assis*. Varginha – MG: Alba, 2007.

CARDOSO, Wilton. *Tempo e memória em Machado de Assis*. Belo Horizonte: s.e., 1958.

DIAS, A. Gonçalves. *Obras poéticas de A. Gonçalves Dias*. Organização, apuração do texto, cronologia e notas por Manuel Bandeira. São Paulo: Nacional, 1944. 2 t.

FILGUEIRAS, Caetano. O poeta e o livro. Conversação preliminar. In: ASSIS, 1864, p. 7-20.

GUIMARÃES JÚNIOR, Luís. Literatura/Estudos literários. In: ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009. p. 678-690.

JAGOANHARO, Oscar [ARARIPE JÚNIOR]. Falenas. Versos de Machado de Assis. In: ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009. p. 691-693.

JOBIM, José Luís. Machado de Assis e o nacionalismo: o caso das *Americanas*. In: FANTINI, Marli. (Org.) *Crônicas da antiga corte: literatura e memória em Machado de Assis*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p. 105-121.

LEAL, Cláudio Murilo. *O círculo virtuoso: a poesia de Machado de Assis*. Brasília: Ludens, 2008.

LEITÃO, F. T. Crisálidas. Volume de poesias de Machado de Assis. *Revista da Sociedade Ensaio Literários*, Rio de Janeiro, n. 10, 5 jun. 1866, p. 378-384.

MACHADO, Ubiratan. (Org.) *Machado de Assis: roteiro da consagração (crítica em vida do autor)*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. 4 v.

MAJOR, M. A. Crisálidas (Machado de Assis). *Revista da Sociedade Ensaio Literários*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 207-216, nov. 1864.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis – 1839-1870 – ensaio de biografia intelectual*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis (Estudo crítico e biográfico)*. 6. ed. rev. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

PRADO, Francisco Rodrigues do. História dos índios cavaleiros ou da nação guaicuru. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. I, p. 21-44, 1839.

RIBEIRO, Santiago Nunes. Da nacionalidade da literatura brasileira. In: COUTINHO. (Org.) *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Pallas, 1980. v. 1. p. 42-73.

SERRA, Joaquim. Falenas. In: MACHADO, Ubiratan. (Org.) *Machado de Assis: roteiro da consagração (crítica em vida do autor)*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003. p. 71-73.

SOUSA, Gabriel Soares de. Tratado descritivo do Brasil em 1587. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. XIV, p. 13-423, 1851.

TAVARES, Amaral. Crisálidas. A Quintino Bocaiuva. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, p. 1, 16 nov. 1864.

MIRANDA, José Américo. Nacionalismo e cosmopolitismo nas *Americanas*, de Machado de Assis.

VERÍSSIMO, José. O Sr. Machado de Assis, poeta. In: *Estudos de literatura brasileira*. 4ª série. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977. p. 51-59.

ÍNDICES

ÍNDICES (atualizados até v. 5, n. 10)

TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS, PELOS TÍTULOS:

- [A Antônio Martins Marinhas] – v. 4, n. 7, p. 31 e p. 73.
- A + B (12 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 7 e p. 33.
- A + B (16 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 11 e p. 41.
- A + B (22 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 15 e p. 49.
- A + B (28 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 17 e p. 57.
- A + B (4 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 21 e p. 65.
- A + B (14 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 25 e p. 73.
- A + B (24 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 29 e p. 81.
- A Caridade – v. 3, n. 5, p. 17 e p. 67.
- A Ch. F., filho de um proscrito – v. 1, n. 1, p. 13 e p. 33.
- A jovem cativa – v. 3, n. 5, p. 19 e p. 71.
- A morte de Ofélia – v. 5, n. 10, p. 43 e p. 99.
- A nova geração – v. 2, n. 4, p. 7 e p. 39.
- A S. M. I. – v. 1, n. 1, p. 17 e p. 41.
- A saudade – v. 2, n. 4, p. 37 e p. 83.
- A Semana – 84 (1º de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 25.
- A Semana – 85 (7 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 30.
- A Semana – 86 (14 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 36.
- A Semana – 87 (21 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 40.
- A Semana – 88 (28 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 46.
- A Semana – 89 (4 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 50.
- A Semana – 90 (11 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 54.
- A Semana – 91 (18 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 59.

- A Semana – 92 (25 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 65.
- A Semana – 93 (4 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 70.
- A Semana – 94 (11 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 76.
- A Semana – 95 (18 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 83.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 88.
- A Semana – 97 (1º de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 94.
- A Semana – 98 (8 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 98.
- A Semana – 99 (15 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 102.
- A Semana – 100 (22 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 108.
- A Semana – 101 (6 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 120.
- A Semana – 102 (13 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 126.
- A Semana – 103 (20 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 132.
- A Semana – 104 (27 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 138.
- A Semana – 105 (3 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 145.
- A Semana – 106 (10 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 150.
- A Semana – 107 (17 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 156.
- A Semana – 108 (24 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 162.
- A Semana – 109 (1º de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 168.
- A Semana – 110 (8 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 172.
- A Semana – 111 (15 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 178.
- A Semana – 112 (22 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 184.
- A Semana – 113 (29 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 190.
- A Semana – 114 (5 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 194.
- A Semana – 115 (12 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 199.
- A Semana – 116 (19 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 204.
- A Semana – 117 (26 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 210.
- A Semana – 118 (2 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 216.
- A Semana – 119 (9 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 220.
- A Semana – 120 (16 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 226.
- A Semana – 121 (23 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 232.
- A Semana – 122 (30 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 238.
- A Semana – 123 (7 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 242.
- A Semana – 124 (14 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 248.

- A Semana – 125 (21 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 254.
- A Semana – 126 (28 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 261.
- A Semana – 127 (4 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 266.
- A Semana – 128 (11 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 272.
- A Semana – 129 (18 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 278.
- A Semana – 130 (25 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 282.
- A Semana – 131 (2 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 288.
- A Semana – 132 (9 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 294.
- A Semana – 133 (16 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 300.
- A Semana – 134 (23 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 306.
- A Semana – 135 (30 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 312.
- A um legista – v. 5, n. 10, p. 35 e p. 85.
- A uma menina – v. 1, n. 1, p. 23 e p. 53.
- Abertura pelo Sr. Machado de Assis, Presidente – v. 1, n. 1, p. 9 e p. 25.
- Alpujarra – v. 3, n. 5, p. 49 e p. 123.
- Antes da missa – v. 5, n. 9, p. 91 e p. 199.
- As ondinas – v. 3, n. 5, p. 35 e p. 97.
- As rosas – v. 3, n. 5, p. 41 e p. 105.
- As ventoinhas – v. 3, n. 5, p. 47 e p. 119.
- Aspiração – v. 3, n. 5, p. 23 e p. 79.
- Cantiga do rosto branco – v. 5, n. 10, p. 45 e p. 103.
- [Carta do Gatinho preto] – v. 4, n. 7, p. 33 e p. 77.
- [Carta-prefácio à obra *Legislação servil*] – v. 4, n. 7, p. 25 e p. 59.
- Cegonhas e rodovalhos – v. 5, n. 10, p. 31 e p. 79.
- Cleópatra – v. 3, n. 5, p. 27 e p. 85.
- Errata da primeira edição das *Poesias completas* (1901) – v. 1, n. 1, p. 55.
- Estâncias a Ema – v. 5, n. 10, p. 37 e p. 89.
- Fé – v. 3, n. 5, p. 15 e p. 63.
- Gabriela da Cunha – v. 1, n. 1, p. 19 e p. 45.
- Lúcia – v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55.

- Maria Duplessis – v. 3, n. 5, p. 37 e p. 101.
- Menina e moça – v. 5, n. 10, p. 21 e p. 59.
- Monte Alverne – v. 3, n. 5, p. 45 e p. 113.
- [No álbum de Carlos Gomes] – v. 4, n. 7, p. 27 e p. 61.
- No espaço – v. 5, n. 10, p. 23 e p. 65.
- No limiar – v. 3, n. 5, p. 21 e p. 75.
- [Notas de leitura] – v. 4, n. 7, p. 35 e p. 79.
- O dilúvio – v. 3, n. 5, p. 11 e p. 59.
- O espelho – v. 4, n. 7, p. 17 e p. 45.
- O Progresso – v. 1, n. 1, p. 11 e p. 29.
- Os arlequins – v. 3, n. 5, p. 31 e p. 91.
- Os deuses da Grécia – v. 5, n. 10, p. 27 e p. 71.
- Os deuses de casaca – v. 5, n. 9, p. 17 e p. 105.
- Os dous horizontes – v. 3, n. 5, p. 43 e p. 109.
- Pensamentos de Machado de Assis (recolhidos e organizados por Letícia Malard) – v. 2, n. 3, p. 11.
- [Por ora sou pequenina] – v. 4, n. 7, p. 29 e p. 67.
- Prelúdio – v. 5, n. 10, p. 15 e p. 49.
- Saudades – v. 1, n. 1, p. 21 e p. 49.
- Souvenir d'exil (tradução de Machado de Assis) – v. 1, n. 1, p. 15 e p. 37.
- Uma ode de Anacreonte – v. 5, n. 9, p. 65 e p. 163.
- Versos a Corina – III (Fragmento) – v. 3, n. 5, p. 53 e p. 127.
- Visão – v. 5, n. 10, p. 17 e p. 53.

POESIAS DE MACHADO DE ASSIS, PELOS PRIMEIROS VERSOS:

- A mulher é um cata-vento, – v. 3, n. 5, p. 47 e p. 119.
- Aí vão cinco quadrinhas – v. 4, n. 7, p. 31 e p. 73.
- Ao som da tua voz a mocidade acorda, – v. 1, n. 1, p. 11 e p. 29.
- As orações dos homens – v. 3, n. 5, p. 15 e p. 63.

- Beijam as ondas a deserta praia; – v. 3, n. 5, p. 35 e p. 97.
- Caía a tarde. Do infeliz à porta, – v. 3, n. 5, p. 21 e p. 75.
- César! fulge mais luz nas saudações do povo, – v. 1, n. 1, p. 17 e p. 41.
- Desabrochas ainda; tu és bela – v. 1, n. 1, p. 23 e p. 53.
- Do sol ao raio esplêndido, – v. 3, n. 5, p. 11 e p. 59.
- Ela tinha no rosto uma expressão tão calma – v. 3, n. 5, p. 17 e p. 67.
- Enfim! sobre esta cena, a tua e nossa glória, – v. 1, n. 1, p. 19 e p. 45.
- Está naquela idade inquieta e duvidosa, – v. 5, n. 10, p. 21 e p. 59.
- Filha pálida da noite, – v. 3, n. 5, p. 27 e p. 85.
- Fiz promessa, dizendo-te que um dia – v. 3, n. 5, p. 37 e p. 101.
- Flor a abrir, entre nós, surge agora um infante; – v. 1, n. 1, p. 15 e p. 37.
- Il est beau. Dans son front où la grâce rayonne, – v. 1, n. 1, p. 13 e p. 33.
- Jaz em ruínas o torrão dos mouros; – v. 3, n. 5, p. 49 e p. 123.
- Junto ao plácido rio – v. 5, n. 10, p. 43 e p. 99.
- Lembra-te a ingênua moça, imagem da poesia, – v. 5, n. 10, p. 15 e p. 49.
- Meiga saudade! – Amargos pensamentos – v. 2, n. 4, p. 37 e p. 83.
- Melancólica estás, bela Mirto. Bebamos! – v. 5, n. 9, p. 65 e p. 163.
- Morreu! – Assim baqueia a estátua erguida – v. 3, n. 5, p. 45 e p. 113.
- Musa, depõe a lira! – v. 3, n. 5, p. 31 e p. 91.
- Nós estávamos sós; era de noite; – v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55.
- Ora esta! Pois tu, que és a mãe da preguiça, – v. 5, n. 9, p. 91 e p. 199.
- Para os filhos do céu gêmeas nasceram – v. 4, n. 7, p. 27 e p. 61.
- Por ora sou pequenina – v. 4, n. 7, p. 29 e p. 67.
- Quando, coos ténues vínculos de gozo, – v. 5, n. 10, p. 27 e p. 71.
- Que valem glórias vãs? A glória, a melhor glória, – v. 3, n. 5, p. 53 e p. 127.
- Querem saber quem sou? O Prólogo. Mudado – v. 5, n. 9, p. 17 e p. 105.
- Recebe, ó Braga, o meu canto – v. 1, n. 1, p. 21 e p. 49.
- “Respeita a fouce a espiga que desponta; – v. 3, n. 5, p. 19 e p. 71.
- Rico era o rosto branco; armas trazia, – v. 5, n. 10, p. 45 e p. 103.

- Rompendo o último laço – v. 5, n. 10, p. 23 e p. 65.
- Rosas que desabrochais, – v. 3, n. 5, p. 41 e p. 105.
- Saímos, ela e eu, dentro de um carro, – v. 5, n. 10, p. 37 e p. 89.
- Salve, rei dos mortais, Semprônio invicto, – v. 5, n. 10, p. 31 e p. 79.
- Sinto que há na minh'alma um vácuo imenso e fundo, – v. 3, n. 5, p. 23 e p. 79.
- Tu foges à cidade? – v. 5, n. 10, p. 35 e p. 85.
- Um horizonte, – a saudade – v. 3, n. 5, p. 43 e p. 109.
- Vi de um lado o Calvário, e do outro lado – v. 5, n. 10, p. 17 e p. 53.

TEXTOS ATRIBUÍDOS A MACHADO DE ASSIS:

- A hebreia – v. 2, n. 4, p. 89.
- A Portugal – v. 2, n. 4, p. 85.
- O Réquiem de Verdi – v. 2, n. 4, p. 93.

OUTROS TEXTOS RELACIONADOS A MACHADO DE ASSIS:

- Amor – v. 2, n. 4, p. 97.
- A missa de Réquiem – v. 2, n. 4, p. 99.
- Depois da missa – v. 5, n. 9, p. 217.
- Embirração – v. 3, n. 5, p. 131.
- Flor e fruto – v. 5, n. 10, p. 115.
- O gênio – v. 5, n. 10, p. 111.
- O verso alexandrino – v. 3, n. 5, p. 135.
- Machado de Assis (Notícia não assinada, publicada em *A Semana*, 9 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 89.

AUTORES TRADUZIDOS POR MACHADO DE ASSIS:

- Bouilhet, Louis
 - Cegonhas e rodovalhos – v. 5, n. 10, p. 31 e p. 79.
- Chateaubriand, François-René de
 - Cantiga do rosto branco – v. 5, n. 10, p. 45 e p. 103.

- Chénier, André
 - A jovem cativa – v. 3, n. 5, p. 19 e p. 71.
- Dumas Filho, Alexandre
 - Maria Duplessis – v. 3, n. 5, p. 37 e p. 101.
 - Estâncias a Ema – v. 5, n. 10, p. 37 e p. 89.
- Girardin, Mme. Émile de
 - Cleópatra – v. 3, n. 5, p. 27 e p. 85.
- Heine, Heinrich
 - As ondinas – v. 3, n. 5, p. 35 e p. 97.
- Mickiewicz, Adam
 - Alpujarra – v. 3, n. 5, p. 49 e p. 123.
- Musset, Alfred de
 - Lúcia – v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55.
- Ribeyrolles, Charles
 - Souvenir d'exil – v. 1, n. 1, p. 15 e p. 37.
- Schiller, Johann Christoph Friedrich von
 - Os deuses da Grécia – v. 5, n. 10, p. 27 e p. 71.
- Shakespeare, William
 - A morte de Ofélia – v. 5, n. 10, p. 43 e p. 99.

ARTIGOS E OUTROS TEXTOS, PELOS TÍTULOS:

- “A + B” (1886) – v. 3, n. 6, p. 5.
- “A + B”: enigma e interpretação – v. 3, n. 6, p. 111.
- A errata das *Poesias completas* (edição de 1901), de Machado de Assis, e seu destino – v. 1, n. 1, p. 75.
- A escolarização de textos machadianos em livros didáticos: edição e análise de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 107.
- A poesia excluída de *Falenas* – v. 5, n. 10, p. 141.
- A poesia que Machado de Assis publicou em *Crisálidas*, mas não incluiu em suas *Poesias completas* – v. 3, n. 5, p. 5.
- A pontuação no conto “O espelho”, de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 141.
- A Semana – 84 (1º de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 23.
- A Semana – 85 (7 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 29.

- A Semana – 86 (14 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 35.
- A Semana – 87 (21 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 39.
- A Semana – 88 (28 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 45.
- A Semana – 89 (4 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 49.
- A Semana – 90 (11 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 53.
- A Semana – 91 (18 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 57.
- A Semana – 92 (25 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 63.
- A Semana – 93 (4 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 69.
- A Semana – 94 (11 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 75.
- A Semana – 95 (18 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 81.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 97 (1º de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 93.
- A Semana – 98 (8 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 97.
- A Semana – 99 (15 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 101.
- A Semana – 100 (22 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 107.
- A Semana – 101 (6 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 119.
- A Semana – 102 (13 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 125.
- A Semana – 103 (20 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 131.
- A Semana – 104 (27 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 137.
- A Semana – 105 (3 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 143.
- A Semana – 106 (10 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 149.
- A Semana – 107 (17 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 155.
- A Semana – 108 (24 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 161.
- A Semana – 109 (1º de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 167.
- A Semana – 110 (8 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 171.
- A Semana – 111 (15 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 177.
- A Semana – 112 (22 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 183.
- A Semana – 113 (29 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 189.

- A Semana – 114 (5 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 193.
- A Semana – 115 (12 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 197.
- A Semana – 116 (19 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 203.
- A Semana – 117 (26 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 209.
- A Semana – 118 (2 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 215.
- A Semana – 119 (9 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 219.
- A Semana – 120 (16 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 225.
- A Semana – 121 (23 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 231.
- A Semana – 122 (30 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 237.
- A Semana – 123 (7 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 241.
- A Semana – 124 (14 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 247.
- A Semana – 125 (21 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 253.
- A Semana – 126 (28 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 259.
- A Semana – 127 (4 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 265.
- A Semana – 128 (11 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 271.
- A Semana – 129 (18 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 277.
- A Semana – 130 (25 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 281.
- A Semana – 131 (2 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 287.
- A Semana – 132 (9 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 293.
- A Semana – 133 (16 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 299.
- A Semana – 134 (23 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 305.
- A Semana – 135 (30 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 311.
- “A Semana” 1894: uma introdução ao terceiro ano de publicação da série – v. 1, n. 2, p. 321.
- A voluptuosidade da dor de Estêvão: o pessimismo galhofeiro em *A mão e a luva*, de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 83.
- Abertura – v. 1, n. 1, p. 5.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 177.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 2, n. 4, p. 169.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 315.

- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 6, p. 151.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 209.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 9, p. 301.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 215.
- Abreviaturas utilizadas em “Pensamentos de Machado de Assis” recolhidos e organizados por Letícia Malard – v. 2, n. 3, p. 153.
- Além de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 13.
- Arte sem paixão: aproximações entre a prosa inicial de Machado de Assis e o teatro realista brasileiro – v. 2, n. 4, p. 121.
- Caminhos da pesquisa – v. 2, n. 4, p. 5.
- Carvalho Júnior: ódio às “belezas de missal” – v. 2, n. 4, p. 141.
- Contribuições à bibliografia de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 185.
- Cronologia – v. 1, n. 2, p. 317.
- Deuses entre homens – v. 5, n. 9, p. 233.
- Edição da série de crônicas “A + B” – v. 3, n. 6, p. 99.
- Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro – v. 1, n. 1, p. 65.
- Edições de Machado de Assis: por quê, para quê? – v. 1, n. 1, p. 131.
- Editar Machado de Assis na contemporaneidade: comentários acerca da edição de “A nova geração” – v. 2, n. 4, p. 105.
- Erratas – v. 4, n. 7, p. 215.
- Erratas – v. 5, n. 9, p. 301.
- Este número – v. 1, n. 1, p. 7.
- Índices (v. 1, n. 1) – v. 1, n. 1, p. 173.
- Índices (atualizados até o v. 1, n. 2) – v. 1, n. 2, p. 347.
- Índices (atualizados até o v. 2, n. 4) – v. 2, n. 4, p. 159.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 5) – v. 3, n. 5, p. 303.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 6) – v. 3, n. 6, p. 137.
- Índices (atualizados até o v. 4, n. 7) – v. 4, n. 7, p. 193.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 9) – v. 5, n. 9, p. 301.

- Índices (atualizados até o v. 5, n. 10) – v. 5, n. 10, p. 195.
- Introdução à edição da “Abertura, pelo Sr. Machado de Assis, Presidente” – v. 1, n. 1, p. 59.
- Introdução às notas – v. 1, n. 2, p. 15.
- “Lúcia”: um poema de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 253.
- Machado de Assis e a eloquência oitocentista: ascensão e declínio do “império retórico” – v. 1, n. 1, p. 99.
- Machado de Assis e as traduções que publicou em *Crisálidas* – v. 3, n. 5, p. 227.
- Machado de Assis e as virtudes teológicas – v. 3, n. 5, p. 181.
- Machado de Assis e Monte Alverne – v. 3, n. 5, p. 285.
- Machado de Assis sobre *Os deuses de casaca* – v. 5, n. 9, p. 221.
- Machado de Assis, tradutor de poesia: a questão das traduções em *Americanas* – v. 1, n. 1, p. 159.
- Machado de Assis: unidade e autonomia da obra literária – v. 3, n. 5, p. 209.
- Machado pensador – v. 2, n. 3, p. 5.
- Nacionalismo e cosmopolitismo nas *Americanas*, de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 173.
- Nota – v. 4, n. 7, p. 68.
- Nota ao dístico a que demos o título de “No álbum de Carlos Gomes” – v. 4, n. 7, p. 62 e p. 74.
- Nota prévia [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 7.
- Notas de leitura – v. 4, n. 7, p. 35 e p. 86.
- Notas de leitura. Algumas palavras e critérios da edição, In: [“Notas de leitura”] – v. 4, n. 7, p. 79.
- “O espelho”, de Machado de Assis: contribuição à história do texto (e, subsidiariamente, à história de *Papéis avulsos*) – v. 4, n. 7, p. 169.
- O texto – v. 1, n. 2, p. 11.
- Os dois primeiros livros de poesias de Machado de Assis: seus títulos, suas semelhanças e diferenças - interrelações – v. 5, n. 10, p. 121.
- Poesia dramática: questões editoriais – v. 5, n. 9, p. 13.
- Referências [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 149.

- Relato de uma experiência (como foi localizado o poema “A Portugal”) – v. 2, n. 4, p. 115.
- Sobre “Antes da missa”: conversa de dois estudantes – v. 5, n. 9, p. 281.
- Um estudo de “Lúcia”, tradução de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 115 e v. 3, n. 5, p. 269.
- Uma aproximação às poesias completas de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 141.
- “Uma ode de Anacreonte”: poesia dramática – v. 5, n. 9, p. 259.
- Uma Semana – 100A (29 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 113.
- Versos nas *Poesias completas* de Machado de Assis: detalhes – v. 1, n. 1, p. 151.
- Vínculos com a vida na poesia de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 161.

OUTRAS ARTES:

- Machado de Assis em 1886 – v. 3, n. 6, p. 135.

AUTORES:

- Aguiar, O Mateus [pseudônimo de autor desconhecido]
 - Depois da missa – v. 5, n. 9, p. 217.
- Alencar, Mário de
 - Notas de leitura – v. 4, n. 7, p. 35 e p. 86.
- [Araújo, Ferreira de?]
 - Uma Semana – 100A (29 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 113.
- Campos, Alex Sander Luiz
 - 1894 – v. 1, n. 2, p. 5.
 - Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 177.
 - Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro – v. 1, n. 1, p. 65.
 - Edições de Machado de Assis: por quê, para quê? – v. 1, n. 1, p. 131.
 - Este número – v. 1, n. 1, p. 7.
 - Índices (v. 1, n. 1) – v. 1, n. 1, p. 173.
 - Índices (atualizados até o v. 1, n. 2) – v. 1, n. 2, p. 347.
 - Introdução à edição da “Abertura, pelo Sr. Machado de Assis, Presidente” – v. 1, n. 1, p. 59.

– Cei, Vitor

- A voluptuosidade da dor de Estêvão: o pessimismo galhofeiro em *A mão e a luva*, de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 83.

– Cibrão, Ernesto

- Flor e fruto – v. 5, n. 10, p. 115.

– Delfino, Luís

- O verso alexandrino – v. 3, n. 5, p. 135.

– Gledson, John

- A Semana – 84 (1º de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 23.
- A Semana – 85 (7 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 29.
- A Semana – 86 (14 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 35.
- A Semana – 87 (21 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 39.
- A Semana – 88 (28 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 45.
- A Semana – 89 (4 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 49.
- A Semana – 90 (11 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 53.
- A Semana – 91 (18 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 57.
- A Semana – 92 (25 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 63.
- A Semana – 93 (4 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 69.
- A Semana – 94 (11 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 75.
- A Semana – 95 (18 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 81.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 97 (1º de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 93.
- A Semana – 98 (8 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 97.
- A Semana – 99 (15 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 101.
- A Semana – 100 (22 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 107.
- A Semana – 101 (6 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 119.
- A Semana – 102 (13 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 125.
- A Semana – 103 (20 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 131.
- A Semana – 104 (27 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 137.
- A Semana – 105 (3 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 143.
- A Semana – 106 (10 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 149.
- A Semana – 107 (17 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 155.
- A Semana – 108 (24 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 161.
- A Semana – 109 (1º de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 167.
- A Semana – 110 (8 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 171.

- A Semana – 111 (15 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 177.
 - A Semana – 112 (22 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 183.
 - A Semana – 113 (29 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 189.
 - A Semana – 114 (5 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 193.
 - A Semana – 115 (12 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 197.
 - A Semana – 116 (19 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 203.
 - A Semana – 117 (26 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 209.
 - A Semana – 118 (2 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 215.
 - A Semana – 119 (9 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 219.
 - A Semana – 120 (16 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 225.
 - A Semana – 121 (23 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 231.
 - A Semana – 122 (30 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 237.
 - A Semana – 123 (7 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 241.
 - A Semana – 124 (14 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 247.
 - A Semana – 125 (21 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 253.
 - A Semana – 126 (28 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 259.
 - A Semana – 127 (4 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 265.
 - A Semana – 128 (11 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 271.
 - A Semana – 129 (18 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 277.
 - A Semana – 130 (25 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 281.
 - A Semana – 131 (2 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 287.
 - A Semana – 132 (9 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 293.
 - A Semana – 133 (16 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 299.
 - A Semana – 134 (23 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 305.
 - A Semana – 135 (30 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 311.
 - “A Semana” 1894: uma introdução ao terceiro ano de publicação da série – v. 1, n. 2, p. 321.
 - Cronologia – v. 1, n. 2, p. 317.
 - Introdução às notas – v. 1, n. 2, p. 15.
 - O texto – v. 1, n. 2, p. 11.
 - Uma Semana – 100A (29 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 113.
- Herane, Amanda Rios
- Arte sem paixão: aproximações entre a prosa inicial de Machado de Assis e o teatro realista brasileiro – v. 2, n. 4, p. 121.

– Jucá, Gabriela

- “Lúcia”: um poema de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 253.
- Machado de Assis tradutor de poesia: a questão das traduções em *Americanas* – v. 1, n. 1, p. 159.
- Um estudo de “Lúcia”, tradução de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 115 e v. 3, n. 5, p. 269.

– Malard, Letícia

- Abreviaturas utilizadas em “Pensamentos de Machado de Assis” recolhidos e organizados por Machado de Assis – v. 2, n. 3, p. 153.
- Carvalho Júnior: ódio às “belezas de missal” – v. 2, n. 4, p. 141.
- Nota prévia [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 7.
- Referências [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 149.

– Melo, M[anuel] de

- A missa de Réquiem – v. 2, n. 4, p. 99.

– Miranda, José Américo

- 1894 – v. 1, n. 2, p. 5.
- “A + B”: enigma e interpretação – v. 3, n. 6, p. 111.
- A errata das *Poesias completas* (edição de 1901), de Machado de Assis, e seu destino – v. 1, n. 1, p. 75.
- A poesia excluída de *Falenas* – v. 5, n. 10, p. 141.
- A poesia que Machado de Assis publicou em *Crisálidas*, mas não incluiu em suas *Poesias completas* – v. 3, n. 5, p. 5.
- A pontuação no conto “O espelho”, de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 141.
- Abertura – v. 1, n. 1, p. 5.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 177.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 2, n. 4, p. 169.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 315.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 6, p. 151.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 209.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 9, p. 319.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 215.
- Além de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 13.
- Caminhos da pesquisa – v. 2, n. 4, p. 5.
- Contribuições à bibliografia de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 185.
- Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro – v. 1, n. 1, p. 65.
- Erratas – v. 4, n. 7, p. 215.
- Erratas – v. 5, n. 9, p. 325.

- Índices (v. 1, n. 1) – v. 1, n. 1, p. 173.
- Índices (atualizados até o v. 1, n. 2) – v. 1, n. 2, p. 347.
- Índices (atualizados até o v. 2, n. 4) – v. 2, n. 4, p. 159.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 5) – v. 3, n. 5, p. 303.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 6) – v. 3, n. 6, p. 137.
- Índices (atualizados até o v. 4, n. 7) – v. 4, n. 7, p. 193.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 9) – v. 5, n. 9, p. 301.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 10) – v. 5, n. 10, p. 195.
- Introdução à edição da “Abertura, pelo Sr. Machado de Assis, Presidente” – v. 1, n. 1, p. 59.
- “Lúcia”: um poema de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 253.
- Machado de Assis e as traduções que publicou em *Crisálidas* – v. 3, n. 5, p. 227.
- Machado de Assis e as virtudes teológicas – v. 3, n. 5, p. 181.
- Machado de Assis e Monte Alverne – v. 3, n. 5, p. 285.
- Machado de Assis: unidade e autonomia da obra literária – v. 3, n. 5, p. 209.
- Nacionalismo e cosmopolitismo nas *Americanas*, de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 173.
- Nota – v. 4, n. 7, p. 68.
- Nota ao dístico a que demos o título de “No álbum de Carlos Gomes” – v. 4, n. 7, p. 62 e p. 74.
- Notas de leitura. Algumas palavras e critérios da edição, In: [“Notas de leitura”] – v. 4, n. 7, p. 79.
- “O espelho”, de Machado de Assis: contribuição à história do texto (e, subsidiariamente, à história de *Papéis avulsos*) – v. 4, n. 7, p. 169.
- Os dois primeiros livros de poesias de Machado de Assis: seus títulos, suas semelhanças e diferenças – interrelações – v. 5, n. 10, p. 121.
- Poesia dramática: questões editoriais – v. 5, n. 9, p. 13.
- Sobre “Antes da missa”: conversa de dois estudantes – v. 5, n. 9, p. 281.
- Um estudo de “Lúcia, tradução de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 115 e v. 3, n. 5, p. 269.
- Uma aproximação às poesias completas de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 141.
- Vínculos com a vida na poesia de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 161.
- Novais, Faustino Xavier de
 - Embirração – v. 3, n. 5, p. 131.
- Oliveira, Gracinéa I.
 - Editar Machado de Assis na contemporaneidade: comentários acerca da edição de “A nova geração” – v. 2, n. 4, p. 105.
 - A escolarização de textos machadianos em livros didáticos: edição e análise de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 107.
- Papassoni, João Paulo
 - Relato de uma experiência (como foi localizado o poema “A Portugal”) – v. 2, n. 4, p. 115.
- Peixoto, Luís de Alvarenga
 - O gênio – v. 5, n. 10, p. 111.

– Pinto, Nilton de Paiva

- Deuses entre homens – v. 5, n. 9, p. 233.
- Machado de Assis sobre *Os deuses de casaca* – v. 5, n. 9, p. 221.
- Sobre “Antes da missa”: conversa de dois estudantes – v. 5, n. 9, p. 281.
- “Uma ode de Anacreonte”: poesia dramática – v. 5, n. 9, p. 259.

– Santos, Gilson

- “A + B” (1886) – v. 3, n. 6, p. 5.
- Edição da série de crônicas “A + B” – v. 3, n. 6, p. 99.
- Notas de leitura. Algumas palavras e critérios da edição, In: [“Notas de leitura”] – v. 4, n. 7, p. 79.

– Silva, Felipe Lima da

- Machado de Assis e a eloquência oitocentista: ascensão e declínio do “império retórico” – v. 1, n. 1, p. 99.

– Souza, Rilane Teles de

- Versos nas *Poesias completas* de Machado de Assis: detalhes – v. 1, n. 1, p. 151.

– Tito, Fábio

- Amor – v. 2, n. 4, p. 97.

– Roiz, Lopes

- Machado de Assis em 1886 – v. 3, n. 6, p. 135.

ABREVIATURAS

ABREVIATURAS EMPREGADAS NAS EDIÇÕES DOS TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS

- ABLFN – *A Academia Brasileira de Letras*, 1940.
- AL – *Autores e Livros*.
- ALA1866 – *A lírica de Anacreonte*, 1866.
- AM1875 – *Americanas*, 1875.
- ATAS – *Atas da Academia Brasileira de Letras: Presidência Machado de Assis (1896-1908)*, 2001.
- BABL – *Boletim da Academia Brasileira de Letras*, 1897.
- BB – *Biblioteca Brasileira*, t. I, n. 2, 1863.
- CB – *Courrier du Brésil*.
- CCPT1964 – *Crônicas, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.
- CGC – *Carta de guia de casados*, 1873.
- CHRYS2000 – *Chrysalidas*, ed. Oséias Silas Ferraz, 2000.
- CJG1998 – *Contos: uma antologia*, 1998, edição de John Gledson.
- CLJ1937 – *Crítica literária*, 1937.
- CM – *Correio Mercantil*.
- CMA – *Crítica*, edição Mário de Alencar, 1910.
- COC1988 – *A cartomante e outros contos*, 1988.
- COR – *Correspondência de Machado de Assis*, 2008-2015, 5t.
- CP – *Correio Paulistano*.
- CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.
- CRU – *O Cruzeiro*.
- CT – *Correio da Tarde*.
- DA1934 – *Discursos acadêmicos (1897-1906)*, 1934.
- DA1965 – *Discursos acadêmicos*, volume I (1897-1919). 1965.

- DA2005 – *Discursos acadêmicos*, tomo I: Volumes I – II – III – IV 1897-1919, 2005.
- DB – *Diário de Belém*.
- DC1866 – *Os deuses de casaca*, 1866.
- DECI – *Década primeira da Ásia*, de João de Barros, 1628.
- DECII – *Década segunda da Ásia*, de João de Barros, 1628.
- DECIII – *Década terceira da Ásia*, de João de Barros, 1628.
- DIAL – *Diálogos*, de dom Frei Amador Arrais, 1846.
- DISP – *Dispersos de Machado de Assis*, 1965.
- DN – *Diário de Notícias*.
- DP – *Diário de Pernambuco*.
- DRJ – *Diário do Rio de Janeiro*.
- DRR – *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*.
- EC – *Estante clássica da Revista de Língua Portuguesa – vol. II: Machado de Assis*, 1921.
- ENTR – *Entreato*.
- EP – *Estímulo prático para seguir o bem, e fugir o mal*, 1730.
- ESP – *O Espelho*.
- FAL1870 – *Falenas*, 1870.
- fól. – fólho.
- FUT – *O Futuro*.
- GF1974 – *Machado de Assis e o hipopótamo*, 6. ed., 1974.
- GN – *Gazeta de Notícias*.
- JC – *Jornal do Commercio*.
- JF – *Jornal das Famílias*.
- JR – *Jornal do Recife*.
- LC – *Luz e calor*, 1871.
- LITO – Litografia de Carlos Linde, publicada em *Brasiliiana Itaú*, 2009.
- MACI – *Machado de Assis e a crítica internacional*, 2009. [MASSA, Jean-Michel. A França que nos legou Machado de Assis. p. 231-265.]
- MACV1998 – *Machado de Assis & confrades de versos*, 1998.
- MAD1957 – *Machado de Assis desconhecido*, 1957.
- MARLP – *Machado de Assis*, Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa, 1921.
- MASA – *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, org. Sílvia Maria Azevedo, Adriana Dusilek, Daniela Mantarro Callipo, 2013.

- MF – *Marmota Fluminense*.
- MM – *Menina e moça*, 1875.
- MQN – *Meditações sobre os quatro Novíssimos*, 1726.
- Ms1862 – Manuscrito datado de 1862, pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, reproduzido em *Cadernos de Literatura Brasileira: Machado de Assis*, 2008.
- Ms1864 – Manuscrito autógrafo, da Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, RJ, datado de 1864.
- NR1932 – *Novas relíquias*, 1932.
- OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
- OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
- OCA2008 – *Obra completa em quatro volumes*, 2008.
- OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
- OP – *O Paiz*.
- OR1910 – *Outras relíquias*, 1910.
- PA1882 – *Papéis avulsos*, 1882.
- PA1937 – *Papéis avulsos*, 1937.
- PAGK1989 – *Papéis avulsos*, 1989, edição de Adriano da Gama Kury.
- PAIT2005 – *Papéis avulsos*, 2005, edição de Ivan Teixeira.
- PAN – *Panegíricos*, de João de Barros, 1791.
- PC1901 – *Poesias completas*, 1901.
- PC1937 – *Poesias completas*, 1937.
- PC1953 – *Poesias completas*, 1953.
- PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.
- PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.
- PES – *A Província do Espírito Santo*.
- PPP – *Pão partido em pequeninos para o pequeninos da casa de Deus*, tomo II, 1737.
- PR1937 – *Páginas recolhidas*, edição da W. M. Jackson, 1937.
- PR1952 – *Páginas recolhidas*, edição da W. M. Jackson, 1952.
- RABL – *Revista da Academia Brasileira de Letras*.
- RB – *Revista Brasileira*.
- REP – *A República*.
- RSAMA – *Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis*.

SAUD – *A Saudade*, Rio de Janeiro.

SI – *Semana Ilustrada*.

SL1941 – *Seleção literária*, 1941.

SM – *Semanário Maranhense*.

SP – *Sermões e práticas*, primeira parte, 1711, e segunda parte, 1733.

TCSNT1982 – *Teatro completo*, Serviço Nacional de Teatro, 1982.

TJRF2003 – *Teatro*, edição de João Roberto Faria, 2003.

TMA1910 – *Teatro*, coligido por Mário de Alencar, 1910.

TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

TVC – *Tratado da virtude da castidade*, 1737.

TWMJ1952 – *Teatro*, edição da W. M. Jackson, 1952.

UF – *Os últimos fins do homem*, 1761.

VOMA – *Vida e obra de Machado de Assis*, 1981, 4 v.

ERRATAS

ERRATAS

Errata do v. 1, n. 2.

Nas páginas 293 a 297, onde se lê:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 1, n. 2, p. 293-297, jul.-dez. 1894.

leia-se:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 1, n. 2, p. 293-297, jul.-dez. 2018.

Nas páginas 299 a 303, onde se lê:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 1, n. 2, p. 299-303, jul.-dez. 1894.

leia-se:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 1, n. 2, p. 299-303, jul.-dez. 2018.

Errata do v. 2, n. 4.

Nas páginas 77 e 169, onde se lê:

CCPT1964 – *Crônica, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

leia-se:

CCPT1964 – *Crônicas, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

Errata do v. 3, n. 5.

Nas páginas 303 a 315, onde se lê

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 3, n. 5, p. 303-315, jan.-jun. 2015.

leia-se:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 3, n. 5, p. 303-315, jan.-jun. 2020.

Na página 317, onde se lê:

CCPT1964 – *Crônica, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

leia-se:

CCPT1964 – *Crônicas, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.